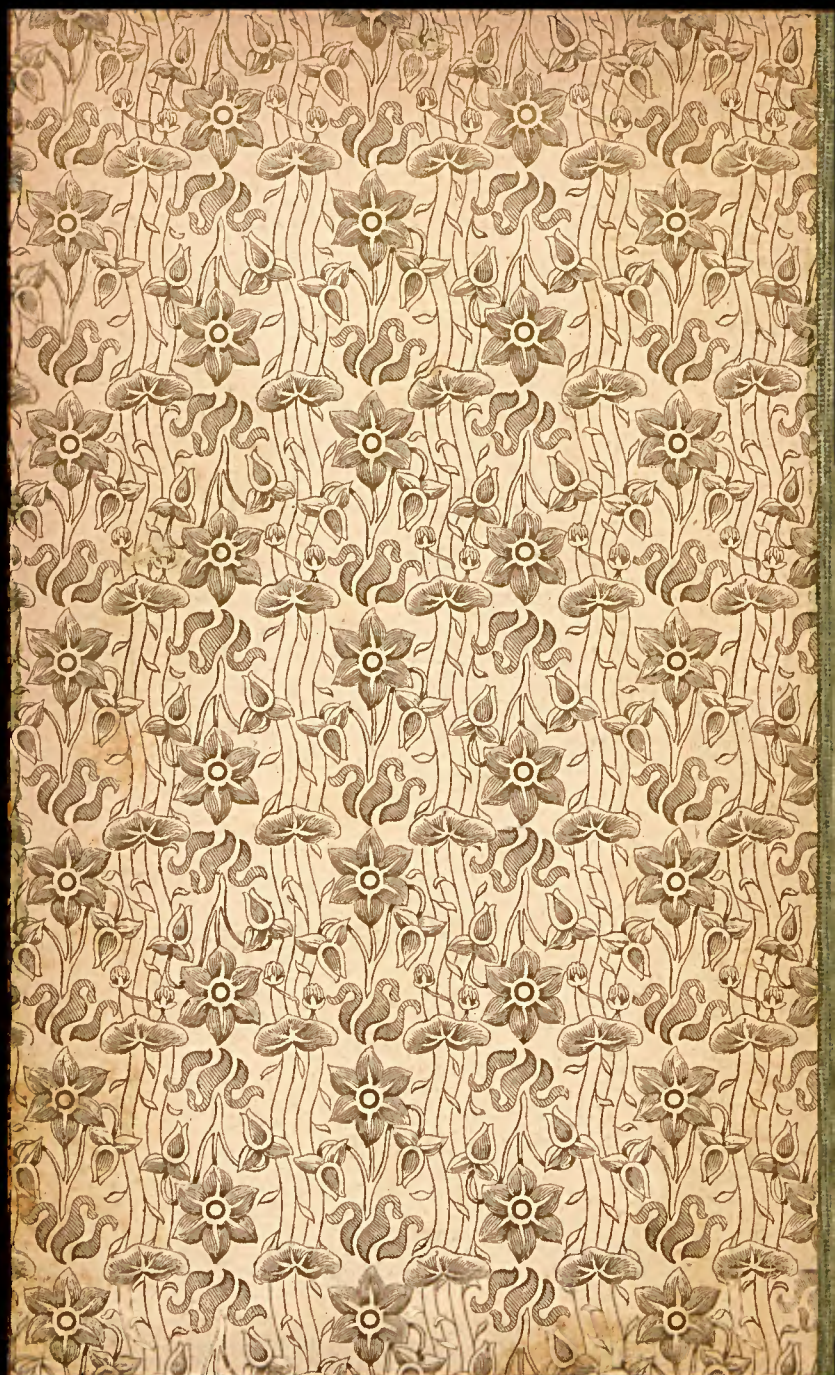
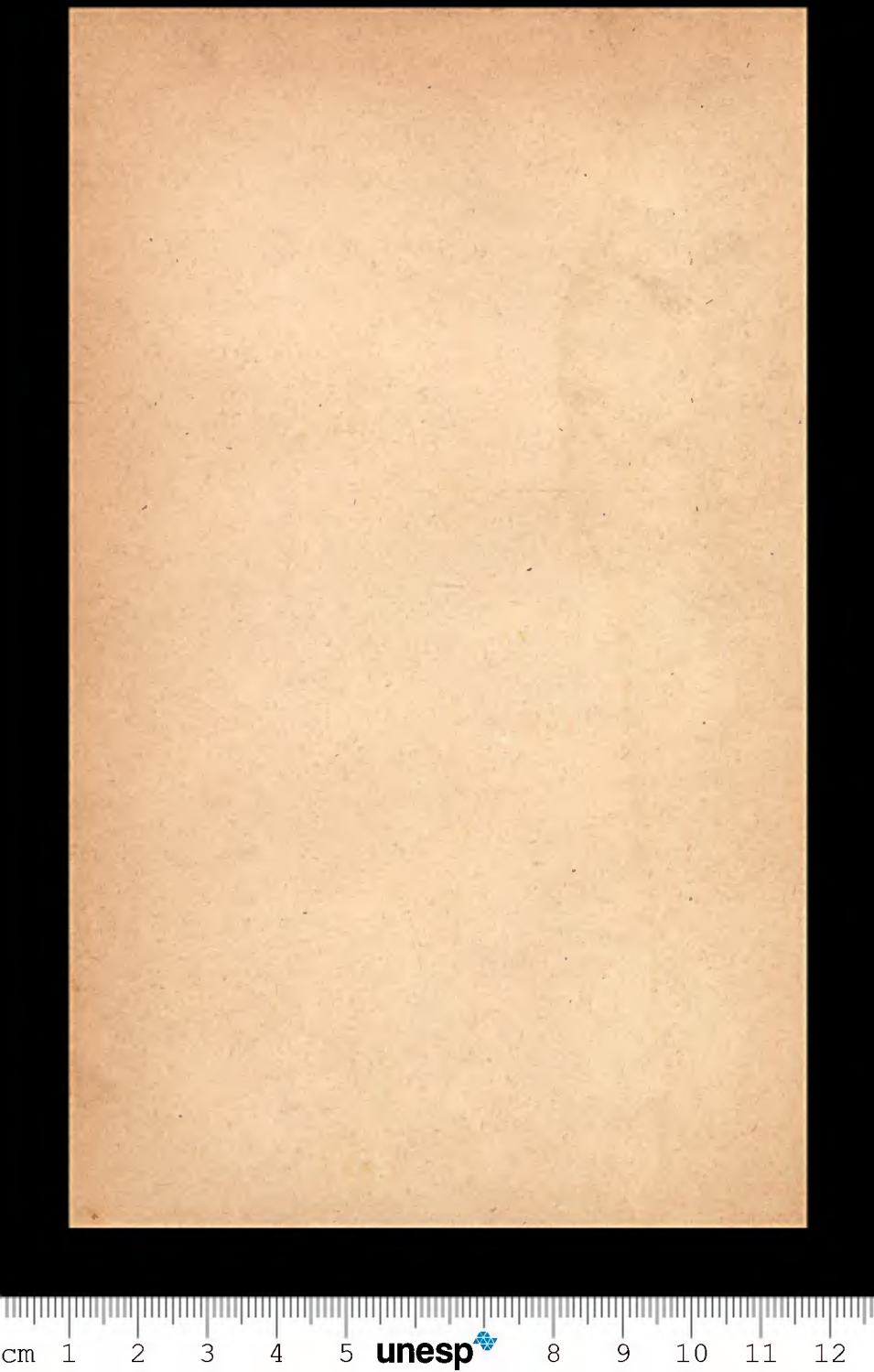










cons.
200 m
1^a edição
(R. 40)

OITO ANOS DE PARLAMENTO



Obras do mesmo autor

Vultos e Factos

Minha Filha

O Imperador no Exílio

Lupe

Notas e Ficções

Rimas de Outr'ora

Um Invejado

Guerrilhas

Contradictas Monarchicas

Giovannina

O Assassinato do Coronel Gentil de Castro

A Imitação de Christo

Porque me ufano do meu paiz.



AFFONSO CELSO

Da Academia Brasileira



OITO ANOS DE PARLAMENTO

REMINISCENCIAS E NOTAS

Historia quoquomodo scripta delectat.

Roberto Loureiro



RIO DE JANEIRO
LAEMMERT & C. — Rua do Ouvidor 68
CASAS FILIAES EM S. PAULO E RECIFE

1901





Ào meu amigo

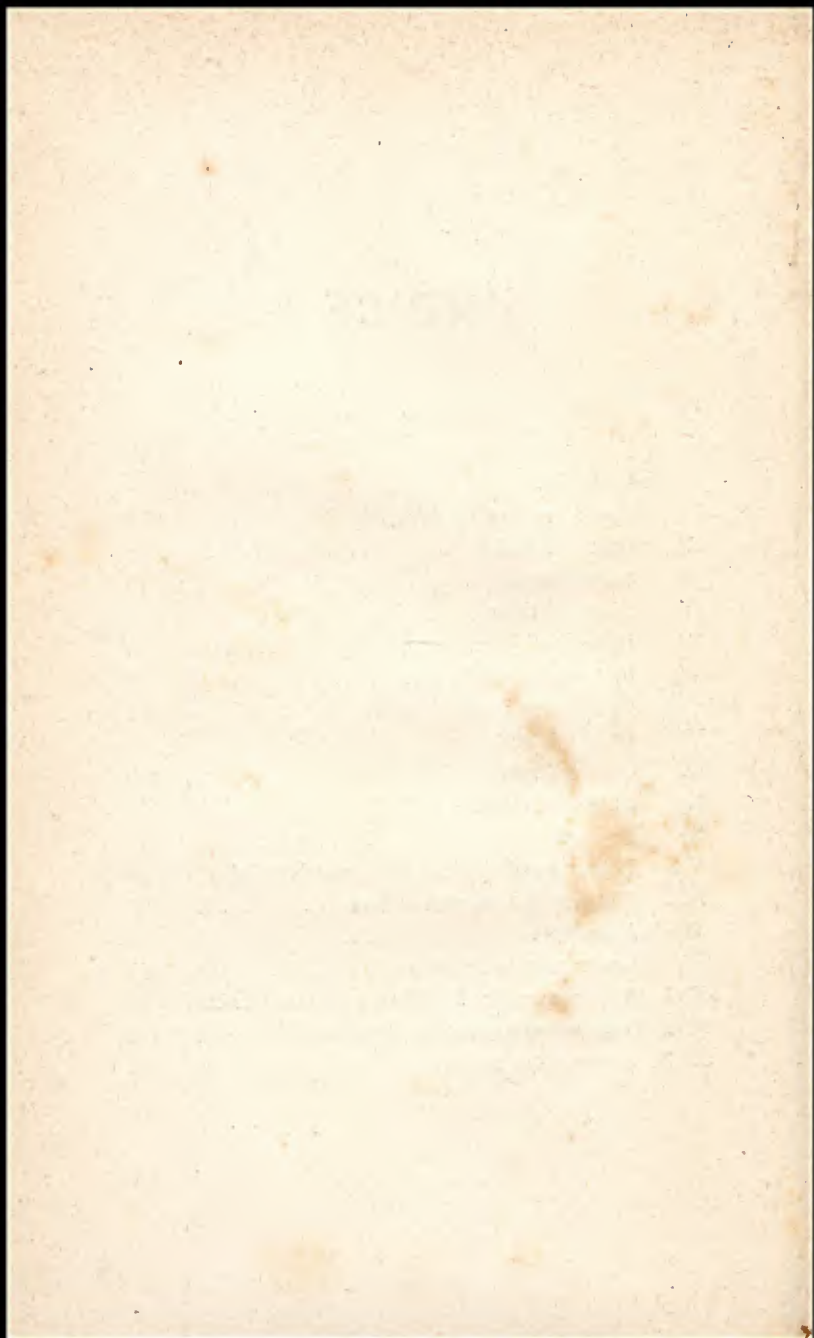
MAX FLEIUSS





INDICE

	PAGS.
Dedicatoria	V
I Epoca em que fui deputado	1
II Como fui eleito	9
III Os eleitores	19
IV O competidor	29
V Primeiras impressões... ..	35
VI Os presidentes do conselho	41
VII Os presidentes da Camara	107
VIII Os ministros	117
IX Os oradores	139
X Outros oradores	161
XI Deputados notaveis	171
XII Traços psychologicos de alguns deputados ..	187
XIII Physionomia de uma sessão	199
XIV A abolição	213
XV Prodromos da Republica	247
XVI A ultima sessão da Camara na monarchia..	277
XVII O parlamentarismo no Brazil	289
XVIII Observações finaes	305



I

Epoca em que fui deputado

Desde Dezembro de 1881 até 15 de Novembro de 1889, isto é, durante oito annos menos um mez, exerci, sem outras interrupções sinão as provenientes dos intervallos legislativos, as funcções de deputado ao parlamento, como representante do então 20º districto eleitoral de Minas Geraes, minha provincia natal.

Fui eleito 4 vezes : a primeira a 31 de Outubro do mencionado anno de 1881, por mais de 100 votos de maioria ; a segunda a 1 de Dezembro de 1884, por 9 votos de maioria ; a terceira, a 15 de Janeiro de 1886, por 11 votos de maioria ; a quarta, a 31 de Agosto de 1889, por centenas de votos de maioria — 637 contra 162, dados ao meu competidor.



As assembléas de que fiz parte foram todas dissolvidas : a primeira pelo gabinete Dantas ; a segunda pelo gabinete Cotegipe ; a terceira pelo gabinete Ouro Preto ; a quarta pela sedição militar constituidora da republica.

Servi no cargo de 1º secretario da Camara por espaço de sete mezes, de 13 de Fevereiro a 26 de Setembro de 1886.

Fui um dos cinco membros da commissão especial encarregada de examinar o projecto do Poder Executivo concernente á abolição immediata e incondicional do elementò servil. Entrei, além dessa, em varias outras commissões importantes.

Encetei a vida publica, por occasião de ser executada pela primeira vez a lei de 9 de Janeiro de 1881, conhecida sob o nome de lei Saraiva, — quer dizer numa das mais livres eleições havidas no Brazil. Os pleitos em que triumphei por insignificante numero de votos — pleitos renhiddissimos, — foram : 1º o realisado sob a pressão da questão servil, governando



Dantas; 2º o effectuado sob o ministério de adversarios meus, presidido pelo Barão de Cotegipe. Deixei o parlamento, em consequencia do levante militar que derribou a monarchia.

No correr dos oito annos da minha carreira parlamentar, conheci nove ministerios, oito presidentes do conselho (1), 54 ministros (2), 12 presidentes da Camara (3).

Tratei com os homens mais notaveis dos partidos então existentes.

(1) Saraiva, Martinho Campos, Paranaguá, Lafayette, Dantas, Cotegipe, João Alfredo, Onro Preto.

(2) Além dos presidentes do conselho citados, — Doria, Lima Duarte, Rodolpho Dantas, Mafra, Franco do Sá, Paula e Souza, Carneiro da Rocha, Affonso Penna, Alves de Araujo, Leão Velloso, Moura, Lourenço do Albuquerque, Moira de Vasconcellos, Carlos Affonso, Fleury, Avila, Maciel, Prisco Paraizo, Soares Brandão, Almeida o Oliveira, Rodrigues Junior, Sodré, Matta Machado, Do Lamaro, Candido do Oliveira, Luiz Felippo, Camargo, Marmore, Portella, Joaquim Delfino, Mac-Dowell, Belizario, Alfredo Chaves, Castrioto, Junqueira, Antonio Prado, Rodrigo Silva, Costa Pereira, Ferreira Vianna, Rosa o Silva, Vioira da Silva, Thomaz Coelho, Gualhy, Diana, Ladario e Maracajú.

(3) Martinho Campos, Martim Francisco, Moura, Lima Duarte, Moreira do Barros, Alves de Araujo, Doria, Fleury, Figueira, Gomes de Castro, Lucena, Carlos Affonso.



Assisti a debates sobre todos os assumptos de politica e administração. Elaboraram-se e appareceram em meu tempo relevantes relatorios e preciosas monographias.

Dos projectos que se discutiram, muitos dos quaes se converteram em lei, cumpre recordar os relativos ás seguintes materias: — Observação da passagem do planeta Venus ; concessão de patentes aos autores de invenções e descobertas ; sociedades anonymas ; furto de gado ; auxilios ás victimas da secca ; medidas preventivas contra epidemias ; reforma das faculdades de medicina e direito ; augmento de deputações ; aperfeiçoamento do systema eleitoral ; reforma do governo provincial e municipal ; emissões bancarias e de bilhetes do Thesouro ; execuções civeis e commerciaes ; extincção da pena de açoites ; crimes de destruição, damno e incendio ; acções hypothecarias ; penhor agricola ; serviço sanitario ; lavoura e industria ; litigio de Missões ; conversão do



juro das apolices ; registro de nascimentos, casamentos e obitos ; marcas de fabrica e commercio ; caixas economicas, de monte-pio e de soccorro ; casas de operarios e classes pobres ; estradas de ferro ; administração judiciaria ; arrecadação de impostos ; ensino primario, secundario e superior ; aposentação de magistrados ; juramento parlamentar e de doutores e bachareis ; emissão de bilhetes ao portador ; repartições de meteorologia, correios, telegraphos, museus e eugenhos centraes ; policia, guarda nacional ; theatro ; imprensa ; empréstimos internos e externos ; conservatorio de musica ; recolhimento do papel moeda ; propriedade litteraria e artistica ; bancos de capital metallico ; assistencia publica ; melhoramento de portos ; reorganisação do exercito e da armada ; alistamento, instrucção, educação, promoção e obras militares.

Isto, sem falar nas discussões frequentes de interpeilações e reqnerimentos,



na de resposta á fala do throno, na de fixação annual das forças de terra e mar, nas do orçamento de cada ministério, na da receita geral,—discussões a proposito das quaes se agitavam ideias e se propunham medidas, não raro effectuadas, acerca de todos os ramos da actividade social.

No meu tempo, declarou-se extinta a escravidão no Brazil, e o exercito e a armada, em nome da nação, constituíram o Governo Provisorio republicano.

Nestas condições, creio que não serão destituídas de interesse algumas notas sobre as pessoas com quem privei e os acontecimentos em que intervin.

Não passam de rapidas e despretençiosas impressões.

Publico-as na esperança de que talvez forneçam ao investigador futuro traços utilisaveis para a physionomia da epoca.

Em começo, direi algo sobre a maneira como alcancei o mandato, sobre os



meus eleitores e sobre o meu competidor constante nos quatro pleitos.

Esboçarei, em seguida, o perfil dos presidentes do Conselho, dos presidentes da Camara, dos ministros, bem como o dos oradores e dos simples deputados que se salientaram nesse periodo.

A narrativa de alguns successos e as observações syntheticas que me suggeriram as personalidades e os factos porão termo ao singelo trabalho.





II

Como fui eleito

Assacam-me assiduamente a pécha de haver sido eleito sem elementos proprios, graças apenas ao prestigio de Meu Pai. Sou apontado como um dos *filhotes*, caracteristicos da corrupção monarchica.

E' verdadeira a primeira parte. O unico protector e chefe que tive na carreira politica e quem me abriu as portas dessa carreira foi o Visconde de Ouro Preto. As recommendações de que proveio o meu ingresso no parlamento devo-as a elle exclusivamente. Andou mal?! Ha, pelo menos, no meu caso, varias attenuantes.

Por si só, independente de qualquer patrocínio e auxilio, ninguem jamais, em parte alguma, começou a vida publica.



Que é uma candidatura séria ? E' aquella que foi suggerida ou adoptada por uma ou muitas influencias locais ou geraes. Consistem nisso mesmo os chamados elementos de um candidato : na estima e confiança que inspira a correligionarios e amigos, os quaes tomam a iniciativa de apresentar, ou resolvem suffragar o nome delle.

Relativamente a mim, quem tomou essa iniciativa, dispensou-me aquella coadjuvação e patrocínio, quem, em summa, me deu a mão foi Meu Pai, então chefe politico de vasto prestigio.

Onde o erro, si elle me reputava (sem razão, mas sinceramente) possuidor dos necessarios requisitos ; si nenhum eleitor violentou ; si empregou sómente meios licitos ; si não era governo na occasião ; si, indigitando-me, a ninguem prejudicou ou preteriu ?

— Não fôra o amor paterno, sempre suspeito, — contrariar-se-lia, — e tão cedo não conseguirieis a cadeira.



Pode ser que sim, pode ser que não. Não ha duvida que a posição de Meu Pai, Senador do Imperio, embora não exercesse effectiva autoridade, tudo me facilitou.

Mas, numa organização essencialmente democratica, qual a do passado regimen, o facto de usar alguém um nome já illustre, a par de incontestaveis vantagens (e nenhuma superiores ás que me couberam, das quaes me orgulho) acarretava embaraços positivos. Regalias e privilegios de nascença só os desfructava a familia do soberano. A todos era licita e facil a concorrência. Sómente por meio de luta e esforço se triumphava.

Ora, contra o descendente de um homem notavel militavam: primeiro, a pesada responsabilidade da tradição que cumpria zelar e desenvolver; depois, as attitudes de antemão fixadas para com individuos e acontecimentos; em terceiro lugar, os odios, as prevenções, as invejas, a má vontade que, não raro, assaltavam



o estreiante, simplesmente porque era filho do seu pai.

Como quer que seja, si o Visconde de Ouro Preto procedeu mal indicando-me prematuramente, attenuavam-lhe a falta, repito, diversas circumstancias:

Tempos antes, ainda eu na Faculdade de Direito, offerecera-me espontaneamente o Directorio Liberal de Ouro Preto um assento na Assembléa Provincial, o que rejeitei. Não recebi durante a candidatura de 1881, a menor assistencia official. Tratava-se, já o disse, do primeiro ensaio da lei Saraiva, ensaio em que o eleitorado gozou de plena liberdade, derrotando dois ministros da corôa, os Srs. Homem de Mello e Pedro Luiz, e fazendo triumphar avultada phalange de conservadores, adversarios do gabinete. Meu Pai serviu-se em proveito meu, pura e simplesmente do seu prestigio individual, adquirido (era um perfeito *self made man*), á custa de longos labores e sacrificios.



Como todo o Imperio, Minas Geraes fôra dividida em circumscripções eleitoraes de um só deputado cada uma, acabando-se com o escrutinio de lista, ou de chapa collectiva. Uma dessas circumscripções ficara composta de comarcas que Meu Pai outr'ora representara, durante o regimen de districtos com tres deputados. Possnia ali verdadeiras dedicações. Antes de se lembrar de mim, offerecera elle a candidatura por aquella zona a diversos correligionarios que preferiram outras, por desconhecerem as condições partidarias ali creadas pela nova organisação, e não se animarem a lá ir, attenta a enorme e difficil viagem.

Havia um chefe local com titulos para ser escolhido. Esse, porém, estava incompatibilizado.

Achava-se então no Rio um dos mais sinceros e dedicados amigos da minha familia, o coronel Gentil José de Castro, valente cabo eleitoral, relacionado com todo o districto, onde contava numerosos



parentes. Meu Pai falou-lhe a meu respeito e elle assentiu, do melhor grado, em me coadjuvar.

Como negocios o chamassem ao norte de Minas, convidou-me :

— Venha commigo. Percorreremos juntos o districto. Si encontrarmos disposições favoraveis, você se apresentará. No caso contrario, moço, como é, prestará serviços, adquirirá amizades que lhe hão de ser sempre uteis, habilitando-se para outra vez. Aproveitará em qualquer hypothese, pois, quando menos, visitará immensa e curiosa região da nossa terra.

Seduziu-me principalmente a perspectiva da viagem. Partimos. Embarcamos para a capital da Bahia e dahi para Belmonte, porto ao sul dessa provincia. Ia connosco, em missão profissional, o Dr. Chrockatt de Sá, mais tarde, sob a república, director da Estrada de Ferro Central do Brazil. Quasi naufragamos, victimas de violenta tempestade, ao sahir daquelle primeiro porto. Arribamos a



Ilhéos ; tocamos em Cannavieiras ; subimos o Jequitinhonha, a principio em vapor, depois em canôas. Tomamos animaes em S. Miguel, já Minas, e, após compridas jornadas, chegámos á cidade do Grão Mogol, cabeça do 20º districto.

Perlustrei grande extensão delle, de parochia em parochia, procurando eleitor por eleitor. Nenhum contrahira ainda compromissos quanto ao proximo pleito. Simples, chãos, accessiveis, acolheram-me com a affabilidade proverbial dos mineiros, sobretudo no sertão. Realizei frequentes defezas no jury e conferencias publicas que me valeram calorosas adhesões. Labntei activamente, angariando amigos decididos que nunca me faltaram, e até hoje se me conservam fieis.

O facto de não me haver eu poupado a incommodos e perigos, viajando centenas de leguas para visitar o districto, — coisa que nenhum candidato tinha ainda feito ; — as cartas de Men Pai, a prestante collaboração do coronel Gentil que não



me deixou, empenhando-se por mim com ardor, produziram effeito decisivo. Posso dizer que conquistei o districto, que de novo percorri em 1886. Ganhei solido terreno a pouco é pouco. Afinal, cabalava por mim toda a gente de valor.

Suave, pacifico, sem reclamações ou protestos, correu o escrutinio. Os proprios adversarios me trataram com a maxima deferencia.

Sabido o resultado, regressei ao Rio de Janeiro por terra, atravessando de extremo a extremo Minas Geraes.

Não havia imprensa nem telegrapho no districto, de penosas e demoradas communicações com Ouro Preto, então capital da provincia, e a Côrte.

Causou, pois, surpresa a exhibição do meu diploma numa das primeiras sessões preparatorias da nova legislatura. Eu contava menos de vinte e dois annos de idade. Era tão liquido o meu direito que immediatamente o reconheceram e tomei assento.



Que intensa emoção,—mixto de contentamento, receio, ambição de gloria, desejo de trabalhar, esperança, desencanto, — na hora em que me vi proclamado um dos legisladores do meu paiz !





III

Os eleitores

E' uma zona sem grande riqueza, mas tambem sem grande miseria, o norte de Minas. Tem-n'o assolado ultimamente ter-
riveis seccas. No tempo em que o repre-
sentei gozava de farta mediania.

Compunha-se o antigo 20º districto de
pequenos nucleos populosos, muito afas-
tados uns dos outros. Trabalhos de lavoura
e criação, em modesta escala, occupam
a maioria dos habitantes.

Vida facil, necessidades restrictas, ho-
rizontes estreitos,—obedeciam elles mais
aos chefes locais com quem lidavam e
de quem recebiam favores immediatos,
do que ás influencias do centro. Indirecta-
mente, exerciam estas a sua acção, por
intermedio daquelles chefes.



A exiguidade do meio faz com que qualquer acto reprehensivel seja logo sabido e commentado. Essa fiscalisação, junta á natural bondade e genio prestadio dos moradores, torna-os serios, sinceros, leaes.

Compreensão facil, temperamento activo e vivaz, distingue-os inexcedivel espirito de hospitalidade. Não ha hoteis, mesmo nas cidades de certa ordem. Os moradores consideram um desar não receber hospedes. Em todas as casas, existem aposentos sempre preparados para alojar viajantes. O quarto dos hospedes, a roupa de cama dos hospedes, — são expressões vulgares da linguagem familiar. Ainda os mais humildes recebem com extraordinario agrado quem lhes bata a porta. Matam, para obsequiar o recém-vindo, a gallinha unica que possuam.

Em compensação, interrogam avidamente o viajante, sequiosos de novidades. O hospede preenche para elles a funcção de um jornal falante: dá-lhes noticias e



informações. Muita vez, na hora em que, moido de exhaustiva caminhada, por pes-
simas estradas, sob sol de queimar ou
chuva de dissolver os ossos, o pobre ho-
mem se enfia sob os lençóis no intuito de
recuperar forças para igual estafa no dia
seguinte,—eis que se lhe apresenta o dono
da casa, toma um tamborete ao lado, e,
preparando com a faca de ponta, com-
prido cigarro, declara: « Agora podemos
conversar á vontade; vamos lá, conte-me
por miudo as novas do Rio. »

Ai do inquirido que se recusasse! Inge-
nuos, exigentes e desconfiados, não per-
doam, nem esquecem a menor falta. E não
perdem ensejo de vingança.

Dois estrangeiros, de origem hebraica,
dominavam, naquella quadra, um a ci-
dade do Rio Pardo, outro a do Grão Mo-
gol. Dizia-se que haviam apparecido por
lá como mascates. Fixaram-se, identifica-
ram-se com os habitos e os interesses
da população, sobre a qual ganharam
gradativamente legitima ascendencia.



Constituiu um delles respeitavel familia. Negociava em diamantes ; ia de tres em tres annos á Europa, onde mandou educar os filhos mais velhos ; era o typo do homem operoso e serviçal. Foi nomeado official da ordem da Roza ; estava a ponto de ser barão. Isto prova a accessibilidade, a ausencia de preconceitos do nosso meio social.

A politica—eis para essa gente o exercicio superior das faculdades, o divertimento predilecto, a favorita occupação. Não a politica de idéas e principios, mas a do mando local, a da emulação mesquinha, a do amor proprio inintelligente que não toleram a supremacia do contrario, pondo o maximo empenho em a impedir ou annullar. A politica, em taes condições, assume o character de jogo, com todas as sensações e excessos de similhante paixão. Dispendem avultadas sommas, atrelados a ella ; olvidam, para a contentarem, negocios e obrigações. Ella os embriaga e arrasta. O candidato torna-se, de



ordinario, um pretexto, um instrumento de baterem os rivaes. Apreciam o candidato bom, porque fornece maiores probabilidades de victoria. E' um trufo. Votam no mau, uma vez adoptado, com igual enthusiasmo. Até senhoras trabalham e se apaixonam pela partida. A questão é não perder. Quanto a programmas, não concebem como cousa primordial o seu valor, excepto em se tratando de reformas capitães que a todos, indistinctamente, affectam, como foi a do elemento servil. Gostam de que o seu deputado sobresaia e intervenha assiduo nos debates da Camara, porque assim se realçam sobre o adversario, satisfazendo a vaidade.

Por outro lado, julgam que o deputado deve ser uma especie de procurador ou commissario geral para todas as incumbencias, mesmo as de ordem mais particular. Que de estramboticas encomendas! Escrevem a miudo e exigem prompta resposta. Não ter cartas no correio importa para elles o mesmo que não ter



hospedes: uma inferioridade. A' falta de quem lhe escrevesse, chegou uma influencia a endereçar envolveros de epistolas a si propria, afim de não desmerecer no conceito de seus conterraneos.

Comquanto se classifiquem neste ou naquelle partido, menos por amor á doutrina que por acaso de nascimento, relações de amizade, reconhecimento a obsequios, dependencias, conservam-se fieis á bandeira jurada. Tão firmes e cumpridores da sua palavra que de antemão podia affirmar-se qual o resultado de cada collegio, sendo raras as surpresas. Poucas abstenções: votar era-lhes prazer e dever. Casos de venalidade nunca os observei. O censo alto da qualificação contribuiu para evitar esse abuso. Mesmo os pedidos para empregos publicos não subiam a quantidade exagerada, porque de exiguu numero de cargos a distribuir dispunha o candidato. Consistia o seu forte nas patentes da guarda nacional e nas condecorações, sujeitas a limitações obvias.



Muito seguro e lucido o criterio dos politicos sertanejos na apreciação de homens e factos! Formam no geral juizos mais justiceiros do que os expendidos nas capitaes. Os que assignam folhas, leem-nas lenta e meditadamente, contemplando as cousas com imparcialidade e calma, sem que elementos estranhos lhes deturpem a conscienciosa ponderação. Ferem-lhes a retina incidentes que nos centros a muitos escapam. Quanta reflexão original e conceituosa acerca de successos politicos, em individuos de baixa esphera e escassa instrucção!

Jamais, no 20º districto, medrou a fraude, — que inutilisa todos os esforços licitos, — ou a violencia material. Nada de morticínios ou pugilatos, no dia do escrutinio. Vencida a eleição, entregavam-se os triumphadores a vivas demonstrações de regosijo, sem, comtudo, desrespeitarem os derrotados, — parceiros constantes, com quem tinham de conviver, e aos quaes, não raro, os ligavam



vinculos de parentesco e affinidade. Sogro e genro, cunhados, irmãos militavam em facções antagonicas, mantendo intimidade entre si. Costumavam, entretanto, os vencedores, ao se proclamar a victoria, atacar uns foguetes especiaes que ao subir soltavam estridente assobio, á guiza de vaia. No mais, escreviam as actas e outros documentos eleitoraes com apurado rigor de calligraphia e redacção.

Em resumo: não guardo dos meus antigos eleitores o menor resentimento. Vivi sempre optimamente com elles. Não me consta que haja feito um unico inimigo. Varios semeconservam affeioados. Segundo a minha experiencia, poucas e faceis são as regras para lhes captar e reter as sympathias. Reduzem-se ao seguinte: tratál-os com polidez e apreço; falar-lhes, invariavelmente, a verdade; proceder com a maxima lisura. Apesar de genuinamente democraticos, irrita-os a familiaridade irreverente. O candidato



apanhado numa mentira, ou num passo equivôco, nunca mais é acreditado, desmoralisa-se.

Cumpre responder-lhes a todas as cartas, mesmo e mormente quando se lhes nega o serviço solicitado ; visital-os, si elles vêm ao Rio, interessar-se pelos seus negocios, ouvil-os com paciencia e attenção, leval-os á Camara, apresental-os aos deputados illustres, satisfazer-lhes, no limite do razoavel, as incumbencias, rejeitando com franqueza as inexequiveis.

Prometer o menos possivel, jamais assegurar em tom peremptorio a effectividade da promessa. Desta maneira, realizada ella, o obsequio augmenta de valor ; no caso contrario, não surgem agastamentos e decepções.

Solicitar-lhes insistente o voto, capacitando-os de que, concorrendo ao pleito, fazem assignalado favor.

Emfim, avantaje-se quanto puder o deputado no desempenho dos seus deveres. Appareça de fórma airosa na tribuna



e na imprensa. Faça falar vantajosamente de si. Convem que o amor proprio dos mandantes se sinta lisongeados por motivo da feliz e applaudida designação do mandatario.



IV

O competidor

Foi-me contendor unico nos quatro pleitos a que concorri o coronel Manoel Fulgencio Alves Pereira, depois da republica deputado á Constituinte e aos congressos federaes subsequentes. Era então conspicuo membro do partido conservador mineiro.

No physico, baixo, delgado, grisalho, olhar franco e doce atravez de oculos azues. Moralmente, um mineiro ás direitas.

Antigo professor de humanidades, advogado provisionado, perspicaz, insinuante, serviçal, vivaz e traquejado, exprimindo-se com facilidade, dispondo de boa lettra e excellente estylo epistolar, o coronel Manoel Fulgencio, que, na



primeira eleição nenhum receio me causara, tornou-se nas seguintes adversario temivel.

Um dos defeitos dos districtos uninominaes consistia em que, enquanto o deputado se esforçava no Rio por desempenhar bem o seu papel, aproveitava-se o competidor da ausencia d'elle para desagregar-lhe os elementos, explorar as queixas, seduzir-lhe os amigos, intrigal-o, agenciar forças que de futuro o derrotassem. Era o que geralmente succedia. Poucos logravam reeleição.

Com o correr do tempo, gasta-se o mais solido prestigio, sobretudo diligenciando o adversario dia e noite por diminuir-o e corroel-o.

O coronel Manoel Fulgencio, todavia, nunca recorreu a meios inconfessaveis. Provinha-lhe o valor do cavalheirismo e lhaneza do proceder. Não havia dizer mal da pessoa d'elle. De extraordinaria actividade, avezado ás viagens pelo sertão, conhecendo a fundo os costumes e o



caracter dos habitantes, compadre de meio mundo, relacionado com os proprios contrarios que nunca molestava, fino estrategista eleitoral, affavel, sem excepção alguma, emerito cabalista, inspirava universal acatamento, e exercia genuina influencia.

De uma feita, representou sósinho o seu partido numa assembléa provincial toda liberal, occupando em opposição a tribuna quotidianamente, de maneira, sinão brilhante, pelo menos reveladora de tenacidade e facundia fóra de commun. Proverbial a sua bonhomia, popularissima a sua alcunha—o *Manduca*.

Na eleição effectuada sob a pressão da questão servil, e na que teve lugar ao se iniciar a situação conservadora, chefiada pelo barão de Cotegipe, custou-me a vencer Manoel Fulgencio, por poucos votos, após renhida campanha.

Um facto significativo define sua estrutura moral. Num dos pleitos, em collegio onde eu alcançara maioria, elle



protestou, e ajuntou documentos para ir pessoalmente sustentar o protesto perante a junta apuradora reunida na cidade do Grão Mogol, distante do ponto em que ambos nos achavamos.

Dispunha-se a partir, quando soube que adoeecera em outro ponto, igualmente afastado, alguém de sua familia que lhe reclamava a presença, sem demora. Havia urgencia na apresentação do protesto. O correio não chegaria a tempo. Só restava o recurso de um *proprio* ou *positivo*, consoante á giria local. Esses proprios são estafetas particulares que, mediante razoavel retribuição, encarregam-se de levar cartas e jornaes de um lugar a outro. No commum, viajam a pé, calçados de alpercatas, um sacco ás costas. Realizam extensos trajectos, celebrisando-se pela rapidez e fidelidade com que cumprem as suas commissões. Estava de serviço o *proprio* de que poderia valer-se o coronel Manoel Fulgencio. Então, procurou-me elle e disse :



— Eis aqui papeis importantes contra sua eleição. Preciso de portador seguro para levar-os a Grão Mogol. Como sei que o senhor segue amanhã, rogo-lhe que se incumba disso, e ficarei tranquillo.

Nunca envolucro algum me mereceu tanto cuidado e attenção, como o que aceitei do meu contendor. Em caminho, guardei esse envolucro constantemente junto ao peito, receioso de incidentes que me impedissem o desempenho do encargo. Chegado ao Grão Mogol, apeei-me á porta do chefe adversário, com surpresa dos meus'amigos, e só soceguei quando vi acautellados os escriptos.

Este e outros factos imprimiram ás luctas eleitoraes do 20.º districto rara feição de nobreza. Onde nos encontrassemos, eu e o meu contendor, trocavamos amaveis visitas, o que reflectia beneficamente no sequito dos nossos adherentes. As actas das eleições, constantes dos archivos da Camara, attestam a regularidade e a correcção dos processos ali usados.



Abandonei a politica, trazendo do meu aliás implacavel competidor as recordações que traria do adversario com quem houvesse galhardamente esgrimido numa sala de armas. Sei que elle manifesta a meu respeito identico juizo.

As nossas relações, sempre cortezes, ultimamente se estreitaram. Mais de uma vez, temos conversado joviaes sobre as traças e ardis a que outr'ora nos soccorriamos para mutuamente nos fazer mal.

Continuamos adversarios, porque elle prestou adhesão á Republica, no que lhe assistiu pleno direito, pois nenhum vinculo especial o prendia á sorte da monarchia. Mas a nossa convivencia dá-nos peregrino prazer moral. Somos exemplo de que é possivel se travarem ardentes batalhas politicas, sem que o caracter individual dos combatentes soffra o mais ligeiro ataque, antes pairando, serena e inviolavel, a dignidade de cada um sobre as mais agitadas conjuncturas.



V

Primeiras impressões

As emoções do deputado a uma alta assembléa, quando nella entra pela primeira vez, presumo-as muitissimo mais intensas do que as do actor na famosa noite de estreia.

Acham-se ambos num palco, expostos ás vistas e criticas da multidão; mas as responsabilidades do deputado são incomparavelmente maiores, e elle não sabe de antemão as phrases e os gestos do seu papel. Dahi, para quem não desfructa a inabalavel confiança em si, apanagio da imbecilidade, vivas sensações de susto, constrangimento, mau estar.

A par destas, fôrão más as minhas primeiras impressões, no dia em que comecei a tomar parte nos trabalhos da Camara.



Eu vinha da Academia, a mente povoada de chimeras e illusões. Suppunha o parlamento um preclaro congresso, sempre occupado de elevados assumptos, o pensamento fixo no bem da Patria, acclimado no ambiente da superioridade. Em estudante, eu pouco lhe frequentava as galerias. Espectador, só lhe conhecia os aspectos decorativos. Ignorava-lhe os bastidores e os quartos baixos.

Impressionou-me, antes de tudo, a ausencia de gravidade nas relações dos deputados entre si. Ouvia-se nos corredores a mais livre linguagem, contavam-se anedotas improprias, e, sobretudo, falava-se horivelmente mal da vida alheia, mais da dos amigos que da dos adversarios. Observei defeitos identicos aos notados nas reuniões de estudantes: intrigas, pequenas rivalidades, invejas, leviandades, sem o enthusiasmo e o desinteresse caracteristicos dos rapazes, mas revestidas, em compensação, de calculo e astucia. Amarga decepção! Será esta a grande politica da



minha terra?!— indagava eu, de mim para mim. Affligia-me o que se me afigurava incompreensão das obrigações contrahidas.

Tudo me parecia levado á ligeira, de modo negligente e confuso.

Dominava os espiritos a tendencia pessimista. Só se contavam nos grupos narrativas de abusos praticados por autoridades subalternas, queixas, vaticínios desagradaveis. Os ministros eram maltratados sem pena, mesmo ou mormente por aquelles que os apoiavam.

No dia do pagamento do subsidio, tornava-se grotesco o espectáculo. Comparciam os menos assíduos. Havia, a principio, luxos, reluctancias fingidas, affectações de se não lembrarem de que iam receber dinheiro. Depois, agglomeravam-se na sala em que o empregado do Theatro effectuava a distribuição. Que ares theatralmente indifferentes, ao embolsarem as notas! Que sofreguidão noutros! Estes verificam attentamente a quantia.



Repetem aquelles conhecidas graçolas :
« Eis a verdade do systema representa-
tivo... E' o nervo da guerra! Ninguem ima-
gina quanto isto estimula o patriotismo e
esclarece as idéas! » E retiravam-se le-
pidos, radiantes... A verdade é que eram
todos pobres: a politica até então nunca
enriquecera ninguem no Brazil.

Por outro lado, reinava camarada-
gem. Raras incompatibilidades, oriundas
de odios irreconciliaveis. Muita vez, após
violentas explosões de tribuna, saiam de
braço dado os antagonistas. Os odios
grassavam mais no seio do mesmo par-
tido, que de partido a partido.

A estes traços cumpre accrescentar:
a nimia importancia que cada um attri-
buia a si proprio; certo desdem pelas letras
e artes, cousas pouco sêrias, indignas de
gente circumspecta; a febre de exhibição;
a ancia de exercer mando e poderio, de in-
fluir, directa ou indirectamente na marcha
governamental; a nenhuma sympathia ou
piedade para com os desastres politicos de



outrem, — antes manifesto prazer, sobretudo em se tratando de um correligionario, concurrente possivel; a escassa imparcialidade nos julgamentos, summamente severos, filhos de idéas preconcebidas e *partis-pris*; o enorme dispendio de tempo e talento em resolver questiuunculas, destituidas de interesse para o grosso publico.

Desde logo, fui sorteado membro de uma das commissões encarregadas de examinar o processo eleitoral. De perto, conheci ali a preocupação partidaria sobrepujando o sentimento de justiça, o sophisma, em pugilato victorioso contra a verdade, os mil manejos do politiquismo em acção.

Sentia-me deslocado, enojado, reconhecendo a exactidão do dito de Thiers: «Os bellos discursos podem mudar as opiniões, porém nunca mudam os votos.» Gravaram-se-me na mente as desanimadoras phrases de Max Nordau: «A vida publica renova, no meio da nossa civilização pacifica, todas as condições da vida



dos homens primitivos,—vida em que não ha tregoa, nem repouso, em que cada qual deve continuamente combater e vigiar, espreitar, espiar, pesquisar as pegadas dos outros e apagar as proprias, dormir com as armas na mão e os olhos semi-abertos,—vida em que cada homem é um inimigo, em que temos a mão levantada contra todos e a mão de todos levantada contra nós, em que somos sem cessar vilipendiados, molestados, calumniados, contundidos, em que vivemos, numa palavra, como o pelle vermelha sobre a pista de guerra, nas florestas antigas.»

Mas, a pouco e pouco, ao lado dos senões apontados, desvendaram-se-me irre-cusaveis qualidades. Entrei a interessar-me pelo jogo do systema, mais apparelhado para evitar o mal que para praticar o bem, e de tão variadas e curiosas scenas. Insensivelmente, fui absorvido. Imprevisto e empolgante desenrolou-se o entrecho. Principiaram a desfilar os personagens principaes.



VI

Os presidentes do conselho

I

MARTINHO CAMPOS

Quando se reuniu a nova Camara, occupava o poder o ministerio Saraiva, referendario da reforma eleitoral. Mas achava-se reduzido esse ministerio ao seu chefe, e aos conselheiros Dantas, Franklin Doria e Lima Duarte. Dos outros ministros, Buarque de Macedo fallera inopinadamente em S. João del Rei, por occasião de se inaugurar a Estrada de Ferro Oeste de Minas; Pelotas se exonerara; Pedro Luiz e o barão Homem de Mello haviam sido derrotados nas urnas,



e, em consequencia da derrota, obrigados a abandonar o poder.

Em virtude da idade, assumiu a presidencia nas sessões preparatorias o deputado Martinho Campos, desde logo indigitado como successor de Saraiva. Occorrenisso em fins de Dezembro de 1881. A 21 de Janeiro de 1882, organisou elle o seu gabinete, depois da recusa do Visconde de Paranaguá.

Martinho era então homem de mais de sessenta annos, alto, todo escanhoad, uma grande verruga no queixo, sorriso zombeteiro, pequenos olhos faiscantes de malicia, physionomia espevitada de actor. Ha uns retratos de Coquelin *ainé* que dão ares com Martinho, nessa quadra.

Nada succedeu de importante nas sessões preparatorias. Durante os cinco mezes e poucos dias em que Martinho exerceu o governo, raras vezes falou na Camara. Fôra nomeado simultaneamente ministro e senador. Tomou a palavra apenas ao apresentar o ministerio, para



discutir duas ou tres interpeleções, a resposta á fala do throno e a prorogativa do orçamento. Não o pude apreciar, pois, devidamente como parlamentar.

Immensa a sua fama de *debater* vivaz, fertil em manobras, palavra facil e mordaz! No character de presidente do conselho, não lhe era dado utilizar-se desses predicados. Conforme elle proprio mais de uma vez confessou, sentia-se aca-nhado, fóra do seu meio, privado dos recursos habituaes. Levára a vida inteira a fazer opposição. Em nenhum cargo publico até ahi estivera, á excepção da presidencia do Rio de Janeiro. Pesavam-lhe agora a circumspecção ministerial; o dever de cingir-se a apertadas normas; a obrigação de responder com precisão e gravidade substituindo o vezo de inquerir impertinentemente; a necessidade de medir as phrases e guardar reservas.

Não agradou o seu discurso programma. Foi longo, diffuso, sem elevação. Via-se que o orador não se preparara



fiado na sua extensa pratica de falar. Sob a pressão da solemnidade, sentindo novas e arduas responsabilidades, hesitava, mastigava os termos, procurava em vão quem o interrompesse, não achando ensejo de terminar.

Quanto a idéas, que decepção! Não cogitava de nenhuma das apregoadas reformas liberaes. Propunha-se unicamente a realisar algumas medidas orçamentarias, deixando para mais tarde projectos politicos e administrativos.

Verdade é que Martinho se dirigia a uma assembléa em que as forças conservadoras não eram muito somenos ás liberaes. Contavam-se 47 membros daquelle partido contra 75 deste. Parecia que, livremente consultado, manifestara-se infenso o paiz a largas innovações, preferindo uma phase de recolhimento e moderação.

Como quer que seja, entrou desde cedo o ministerio a soffrer forte opposição nos corredores e na imprensa. Censuravam-lhe sobretudo as tendencias con-



servadoras, em antinomia com as antigas declarações liberrimas do seu chefe.

As principaes qualidades oratorias deste eram o sangue frio e o desembaraço. Nunca erguia a voz, mas conseguia ser perfeitamente ouvido, em virtude da calma com que articulava as phrases. Expressia-se em diapasão familiar, tom de conversa, sem o menor artificio rhetorico. Repetia a miudo certas locuções. As palavras — *perdoe-me V. Ex.* — vinham-lhe aos labios, com a insistencia de um cacoete. Erecto na tribuna, a gesticulação sobria, sacudindo incessante a cabeça, virava-se rapido para o lado donde sahiam apartes que o avivavam, como esporadas a um ginete brioso. Desfechava replicas promptas, incisivas, de ordinario felizes.

Improvisava sempre e jamais revia notas tachygraphicas. Estylo incorrecto, sem plano, atravancados de digressões, os seus discursos, entretanto, se impunham á attenção pela naturalidade da dicção, pictoresco das imagens, graça esponta-



nea, imprevisto dos conceitos. Despertavam, não raro, *sympathica* hilaridade; nunca deixavam de interessar. Juntai a isso o aspecto original do orador, as inflexões agradáveis do seu dizer, a sua reputação de galhofeiro e desabusado, a sua habilidade em escamotear os pontos difíceis, a sua destreza em passar de um assumpto a outro, e em forcer as questões, a sua imperturbabilidade, as caprichosas ondulações do seu pensamento, que desnorteavam o adversario; os seus remosques celebres, a sua illibada probidade,—e tereis a explicação do seu incontestavel prestigio parlamentar.

No mais, usava de formulas em extremo polidas, mas reagia energico si o aggre- am. Quando falava um antagonista, mirava-o ironico e resmungando.

Conversador emerito, muito affavel nas relações particulares, gostava de narrar anedotas da nossa chronica politica que chistosamente commentava, rindo-se ás vezes de si mesmo e apparentando



não ligar importancia á posição que attingira.

A sua bonhomia revela-a, entre outros, o seguinte facto: Servia como *sota* no seu *coupé* ministerial um moleque retinto trazido da fazenda de Cebolas, onde Martinho, escravocrata da gemma, qual se definira, era de proverbial brandura para os captivos. Um dia, começando a chover de rijo, o presidente do conselho mandou parar o carro, ordenando que o moleque descesse da boléa, afim de se não molhar, e se assentasse a seu lado.

Chamava o gabinete—*o meu collegio*— porque se compunha de homens muito novos então, — Rodolpho Dantas e Afonso Penna, sobretudo,—o primeiro com menos e o segundo com pouco mais de trinta annos. Appellidou tambem o gabinete— a canôa em que todos cabiam. Dahi a designação popular do seu ministerio—*a canôa do pai Martinho*. Quando uma moção de desconfiança o derrubou,



exclamou, sorrindo : « Tiraram-me o emprego ! »

Occorreu o carnaval durante o seu governo. Declarou elle que toleraria nos festejos carnavalescos qualquer allusão politica e mesmo pessoal, desde que respeitasse a decencia. Caricaturaram-n'o de mil modos, sem que elle se melindrasse. A banda de musica de uma das sociedades consagradas ao Deus Momo percorren as ruas, a cavallo, no meio de geral hilaridade, arvorando cada um dos cavalleiros enorme capacete que representava, fazendo impagaveis caretas, a cabeça do chefe do ministerio !

Costumava dar conselhos, oriundos da sua vasta experiencia parlamentar.

Na occasião em que lhe fui apresentado, disse-me : « Cumpre que grave na memoria algumas recommendações, para fazer carreira como deputado.

As essenciaes são : *Primeira* : Andar sempre bem com o presidente da casa ; póde atacal-o, mas com geito ; nunca



briguem. *Segunda*: Aggredir o adversario de modo a não se tornar incompativel com elle ; o mundo e a politica dão immensas voltas ; convem deixar margem para possiveis reconciliações e alianças. *Terceira*: Occupar constantemente o seu lugar no recinto ; não se demorar em palestras pelos corredores ; evitam-se assim intrigas, não se externam cousas de que provenha arrependimento, nem se ouvem outras desagradaveis ; no recinto, está-se em publico ; tudo quanto se fala, repercute ; dali instinctivo cuidado, que se converte em habito e segunda natureza, na compostura, na correcção das attitudões. *Quarta*, finalmente : E' preciso que o novel deputado pratique um acto qualquer de energia, não perca oportunidade de provar que não engole desaforos, mas, ao contrario, sendo conveniente, sabe dizel-os. Sim, desaforo não se leva para casa. Repellido cabalmente o primeiro, está acabado ; vive-se em harmonia, durante longo tempo, com todo o



mundo. Ao cabo de certo praso, porém, não é mau refrescar as memorias mostrando que a gente tambem é capaz de uma pequena mácreação...»

II

PARANAGUÁ

O marquez—naquella época visconde—de Paranaguá era apontado como tÿpo aulico, devendo todas as honras e cargos a mero favor de Sua Magestade.

Durante o tempo em que elle occupou a presidencia do conselho, uenhum facto occorreu justificativo dessa ballela.

A unica demonstração publica de deferencia pessoal que o Imperador lhe concedeu foi assistir, acompanhado da Imperatriz e dos Condes d'Eu, ao consorcio da gentilissima filha do primeiro ministro com o conde de Barral, cuja illustre mãe prestara á educação das princezas inolvidaveis serviços. O caso, aliás, suscitou vivas censuras na imprensa.



Muito naturalmente ascendeu o marquez á chefia do governo. Já havia sido ministro varias vezes. Cerca de dois annos exercera a pasta da guerra, na phase mais melindrosa da campanha do Paraguay. Amigo intimo de Saraiva, auxiliara-o effizamente, como presidente da Bahia, em 1881, na realisação do programma eleitoral. Exonerando-se Saraiva, o Imperador chamara o marquez para organizar ministerio que continuasse a politica daquelle. Paranaguá excusou-se, sendo então chamado Martinho. Calhindo este, insistio o monarcha com o marquez, que aceitou.

Viveu perto de um anno o seu ministerio, — 3 de Julho de 1882 a 24 de Maio de 1883, — e não foi dos mais estereis. Na Camara, arcou com a escabrosa questão da revogação dos impostos inconstitucionaes estabelecidos pelas assembleás provinciaes, impostos que o gabinete mandou suspender. Nas férias parlamentares, graças á energia do ministro da guerra Carlos Affonso, reprimiu a insubordinação



do coronel Frias Villar que ia provocando conflicto com o exercito.

Desenrolou o marquez extenso plano de reformas, mas não conseguiu inicial-o. Tomou parte activa na discussão do orçamento da fazenda, na da fala do throno e em outras de politica geral. Bateu-se com os proceres da opposição — Andrade Figueira, Ferreira Vianna e Gomes de Castro. Ferreira Vianna, sobretudo, manejou contra elle as suas melhores armas, visando, acima do presidente do conselho, o Imperador.

Sympathico e respeitavel no physico, sempre trajando de preto, a barba em collar, o bigode raspado, grave nos menores gestos, ameno para com todos, senhor de si, incapaz de se exaltar, medindo os accenos, calculando as palavras, Paranaguá dava mui correctamente o seu recado, desempenhava judicioso o seu papel.

Orava com mansidão, sem notavel fluencia, mas tambem sem embaraço visivel. Saia-se discretamente das refregas,



jámais compromettendo a dignidade do seu cargo. Quando lhe arguíram a sua deserção do partido conservador, defendeu-se com energia não destituida de eloquencia.

Despido das qualidades brilhantes que geram fanatismos, e, igualmente, odios ardentes, revelava um conjuncto de dotes assás apreciavel e raro. Não offuscava a ninguém, e ninguém, com justiça, taxaria de escandalosas as suas boas fortunas politicas. General, não despertaria o enthusiasmo das tropas, nem as guiaria a feitos estrondosos, dos que dimana a gloria, mas as levaria por estradas seguras, cordato e circumspecto, preferindo armistícios e negociações conciliadoras a arriscadas batalhas campaes.

Prudencia, geito, discernimento das occasiões, *savoir-faire*, *savoir-vivre*, tomadas estas expressões no sentido favoravel, — eis os elementos dos seus triumphos.



III

LAFAYETTE

Custou a resolver-se a crise de que se originou o ministerio Lafayette. Houve mais de uma semana de incertezas e indecisões.

A situação não era clara. Pouco avultada a maioria liberal, bastava que della se destacasse pequeno contingente, para, unido á minoria conservadora, derrotar o ministerio. Succedeu isso com Martinho e Paranaguá. Antes de Lafayette, foram ouvidos varios estadistas, e convidados a organizar novo gabinete Saraiva, José Bonifacio e Dantas.

Curiosa a physionomia da Camara nesses dias de crise! No recinto, faltava o numero de deputados indispensavel para funcçãonar a assembléa. Fervilhavam as ante-salas e corredores. Quanto boato absurdo, quanta disparatada conjectura! Os susceptiveis de entrarem na combinação ministerial ou se mettiem em casa



à espera do chamado, ou vagavam de grupo em grupo, reservados, com ares mysteriosos, sorrisos importantes e olhares protectores. Outros andavam a intrigar pelas residencias dos chefes. Era uma anciedade, uma ebullicão geral ! Os incumbidos da organização faziam-se de rogados ; recusavam-se em começo, allegando molestia ou incapacidade ; cediam, afinal, aos rogos instantes dos amigos, recebendo o poder, como um sacrificio !...

A preocupação dominante na maioria era que subisse o partido contrario, dissolvendo-se a Camara. De uma feita, esse receio attingio ás proporções de fazer alguém propor que a maioria endereçasse um abaixo assignado ao Imperador, hypothecando apoio a qualquer ministerio liberal que se formasse !

Produziu surpresa a nomeação de Lafayette. No seu discurso de apresentação, elle proprio se declarou homem novo em politica, sem autoridade e prestigio para chefe de gabinete. Administrara duas



provincias, Maranhão e Ceará. Distinguiu-se como jornalista; notabilisara-se como jurisconsulto. Tinha fama de homem erudito e espiituoso, palestrador adoravel. Em 1870, assignara o manifesto que aggreuiou o partido republicano. Recolhera-se, em seguida, á penumbra, parecendo dedicar-se exclusivamente a estudos juridicos. Mas, em 1878, ao inaugurar-se situação liberal, aceitara a pasta da justiça no ministerio Sinimbú. Dahi em diante, foi vertiginosa a sua carreira. Em pouco mais de cinco annos, viu-se ministro, deputado, senador, conselheiro de Estado, presidente do conselho, plenipotenciario no Chile. Demonstrou idoneidade sobeja para desempenhar todas essas commissões. Ao iniciar, porém, a presidencia do conselho causou impressão de desconfiança, suppondo-se geralmente que faria *fiasco*, segundo a expressão popular.

Angariou o respeito e a admiração da Camara; desde a enunciação do programma, effectuada com emoção, grande



facilidade de palavra, em estylo conciso, claro, elegante. Strabico, de oculos, cabeça poderosa, feições accentuadas e especiaes, Lafayette fórça a attenção de quem o encara, dando idéa immediata de uma personalidade fóra do vulgar. Vivacidade de modos, gesticulação insoffrida, maneira peculiar de se exprimir em tom cantante, extrema facundia, tudo o particularisa, tudo grava picante sainete em quanto faz ou diz.

Breve, se patentearam a sua illustração, o seu chiste, os seus recursos. Tornou-se temido da opposição que lhe moveu guerra inexoravel, rebatendo-a elle golpe por golpe. « A politica não tem entranhas » — doutrinava e praticava.

Inimitavel nas respostas ás interpellações que se multiplicaram contra o seu governo !

Como se sabe, nas interpellações, fixava o interpellante, por meio de perguntas, os pontos precisos sobre os quaes devia versar o discurso do ministro



interpellado. Lafayette, com inaudita habilidade e malícia, decompunha as interrogações, inculcava-lhes sentido algo ridículo, e redarguia em tres ou quatro phrases definitivas e cortantes, pondo o interpellante em lamentável situação. Reminiscencias classicas, subtile allusões litterarias enfeitavam-lhe as curtas orações. Não se alongavam por mais de um quarto de hora. Verdadeiras joias parlamentares, esmeradamente buriladas, completas, impecaveis. Não despertavam hilaridade ruidosa, mas finos sorrisos, abrindo impereciveis sulcos na intelligencia do auditorio. Eram modelos de atticismo, pela graça, ironia, simplicidade, ligeireza na traveção das idéas, agilidade no manejo dos argumentos,—num sereno fundo sceptico. E quanto veneno ás vezes distillavam ! Ficou celebre a resposta de Lafayette, á pergunta impertinente de um deputado : « A minha resposta póde parecer resposta de Sganarello, mas é : Póde ser que sim, póde ser que não ».



O decreto ordenando a conversão dos bens das ordens religiosas em apolices da divida publica, o assassinato de Apulcho de Castro, a questão servil que quotidianamente se avolumava, exigindo solução, e, sobretudo, a exoneração do ministro da guerra Rodrigues Junior, demittido por meio de uma carta do presidente do conselho em que este o accusava de tibio e hesitante na gestão da pasta, suscitaram violentas animosidades contra o gabinete Lafayette. Nas sessões de 1884, occorreram scenas tumultuosas. Uma vez, a opposição exasperada, abandonou o recinto, aos gritos, indo protestar na imprensa contra o encerramento previo de um debate.

No dia em que Lafayette compareceu para assistir á discussão do orçamento da fazenda, acolheram-n'o impetuosas explosões de colera. O ex-ministro da guerra, ferido no seu melindre, intimou-o, livido, possesso, a manifestar os verdadeiros motivos da demissão. Secundou-lhe



vehementemente o desabafo a numerosa opposição, composta de conservadores e liberaes dissidentes, esbravejando ameaças e injurias contra o presidente do conselho. Levantou-se este, muito pallido, as narinas batendo, mas firme, deliberado, e disse fleugmaticamente que o seu collega sahira do ministerio pela simples razão de ter revelado absoluta inepecia. Declaração tão peremptoria e avessa ás precauções usuaes desconcertou os adversarios que, estupefactos, redobraram de furor. Sobre Lafayette impassivel cahiu uma chuva de doestos, no meio de insolita balburdia.

No dia seguinte, elle voltou, e, tomando desde logo a palavra, proferiu um dos mais interessantes discursos do meu tenpo. Esse discurso lembra uma metralhadora, disparando, com rapidez incrível, innumeros projectis para todos os lados.

A cada um dos aggressores da vespera endereçou uma phrase contundente, dessas que pegam e deixam signal.



Velaram-se algumas allusões ferinas sob tão apurada forma que os pacientes só as apprehenderam após reflexão, reagindo tardia e grotescamente. Foi assim, relativamente a um deputado que se salientara no barulho, a qualificação de *companheiro do leão da fabula*. No momento elle não atinou com que *companheiro do leão da fabula* significava. Quando lh'o sopraram, ficou rubro, desatinado, tentando retaliar fóra de proposito, o que aggravou o comico da posição em que Lafayette o collocara.

Indiscriptivel o effeito causado por aquelle discurso, de que se citam até hoje pedaços inteiros! No terceiro dia, quando se esperava que recrudescesse o tom pessoal, pois a opposição procurara desforçar-se, Lafayette ergueu-se, e, tranquillamente, como se nada de anormal houvera passado, expendeu excellente exposição financeira, rica de dados estatisticos e preciosas informações. Os mesmos gritadores de d'antes o ouviram attentos. Muitos o applaudiram.



Em summa, si o gabinete Lafayette não realizou reformas, nem legou benefícios eminentes ao paiz, prestou ao menos um serviço, graças á forte individualidade do seu chefe: inseriu na trivialidade dos nossos annaes parlamentares alguns traços originaes e artisticos.

IV

DANTAS

Tambem só após grandes hesitações, organisou-se o ministerio Dantas. Ainda uma vez, o Imperador chamou Saraiva. Foram tambem ouvidos por Sua Magestade os Conselheiros Sinimbú e Affonso Celso, mais tarde Visconde de Ouro Preto. Dantas comprehendeu que a questão servil dominava quaesquer outras e o declarou ao Soberano, que, de accôrdo com elle nesse pensar, entregou-lhe o poder. Dantas resolveu, conforme disse repetidamente, intervir na questão afim de transportal-a da rua para o Parlamento.



O programma que adoptou quanto a ella, synthetisou-o no lemma: não parar, não retroceder, não precipitar.

Constituido o ministerio a 6 de Junho, a 15 de Julho offereceu, em nome do governo, o deputado Rodolpho Dantas, filho do presidente do conselho, um projecto consignando a localisação da propriedade servil, a ampliação do fundo de emancipação, a libertação incondicional dos escravos sexagenarios. Em 19 dias, Ruy Barbosa elaborou sobre esse projecto um parecer monumental, monographia completa, formando grosso volume, referente ao problema do escravismo.

Desde o começo, arcou o gabinete com violentas resistencias. A questão servil excitara os animos, trouxera a campo importantes interesses.

Destacaram-se da maioria liberal varios deputados que, unidos á opposição conservadora, moveram implacavel guerra ao ministerio. Entre esses liberaes dissidentes, assignalou-se o presidente da



Camara, Moreira de Barros, que, no dia da apresentação do projecto emancipador, deixou a cadeira presidencial, exonerando-se, para melhor atacar a situação.

Foi renhidissima a lucta. Aggrediam, alem dos ministros, a pessoa do Soverano, a quem attribuiam a nova feição do emancipacionismo. Posto em minoria na Camara, a 28 de Julho, apesar de por elle votarem conservadores abolicionistas, annunciou Dantas a dissolução da assembléa, afim de consultar o paiz sobre a politica adoptada. Mas a dissolução não se tornou effectiva desde logo : o Governo não tinha leis orçamentarias, e viu-se forçado a esperar, até Setembro, que se discutissem e votassem primeiro uma prorogativa dos orçamentos anteriores, depois os novos orçamentos.

Moções de desconfiança, interpellações, requerimentos de adiamento, longos discursos protelatorios, refregas de todo o genero, supportou o ministerio Dantas.



Nessas refregas, distinguu-se sobretudo o ministro da guerra Candido de Oliveira, alvo principal das investidas opposicionistas. Houve até, a proposito de uma emenda sobre contracto de gaz para o municipio neutro, uma sessão de fusão da Camara com o Senado, cousa que raramente succedia, sendo essa a 13ª vez, desde a promulgação da Constituição de 1824.

A 3 de Setembro, dissolveu-se de facto a Camara. Tiveram lugar as eleições a 1º de Dezembro, no meio de intensa agitação do espirito publico. Dantas contava a seu favor com os abolicionistas de todos os matizes, liberaes, conservadores, republicanos. Contra elle aggreuiou o escravismo seus mais fortes elementos. Na imprensa, batalha accesa, sem treguas.

Apezar de accusado de entremetter-se no pleito, não alcançou Dantas triumpho nas urnas. Foi derrotado seu ministro de estrangeiros, Matta Machado, e o mais prestante de seus sustentadores, Ruy Barbosa. Dos escravocratas venceram os



mais graduados paladinos. Os republicanos mandaram pela primeira vez á Camara tres deputados: Campos Salles, Prudente de Moraes e Alvaro Botelho, os dois primeiros paulistas e mineiro o ultimo. Nos districtos em que se elegeram amigos do Governo, appareceram duplicatas, conforme plano previamente assentado de embaraçar por qualquer forma o gabinete.

As primeiras sessões da nova Camara, em Fevereiro de 1885, deram lugar a vehementes tumultos. Não se podia encetar regularmente os trabalhos. Só depois de longos dias e estereis porfias, entraram em transacção as facções antagonicas, começando a assembléa a funcionar. Dantas perdeu a eleição da mesa: os escravocratas colligados elegeram presidente a Moreira de Barros e vice-presidentes a Lourenço de Albuquerque, Antonio Prado e barão do Guahy todos infensos ao ministerio. Este ganhou apenas, e por poucos votos, a eleição de 1º secretario, cargo para que se designara o autor destas linhas.



Era anormalissima a situação do gabinete, com grande parte da mesa contraria a si. Nunca se vira no parlamento o facto de representar o presidente uma opinião e o 1º secretario outra, totalmente opposta. Dahi constantes attritos. O presidente, Moreira de Barros, activissimo, creava ao ministerio todos os possiveis estorvos. Prolongou-se este estado de cousas por tres mezes, até Maio, no meio de curiosas peripecias, votações empatadas, falta proposital de numero para as sessões, encarniçadas disputas na verificação dos poderes. Constituia questão de vida ou de morte o reconhecimento de um deputado porque as forças de lado a lado se contrabalançavam.

Ficaram impopulares os deputados opposicionistas; viram-se desacatados pelo povo que apoiava enthusiasticamente a Dantas. Debateu-se este com perseverança e coragem inauditas. Succumbiu afinal, numa moção de confiança na qual ficou em minoria de dois votos, em



consequencia da deserção de um dos seus adeptos, — apesar de votarem por elle os tres republicanos e dois conservadores. Tentou ainda dissolver de novo a Camara, mas, ao que consta, recusou-lhe o Imperador segunda consulta á nação. Dantas então demittiu-se, substituindo-o Saraiva, tantas vezes anteriormente convidado.

No correr de tão aspera campanha, manifestou Dantas elevados dotes parlamentares.

Consistia a sua principal qualidade em ser nimiamente flexivel e insinuante. Tivera a habilidade de se collocar a par de uma corrente sympathica da opinião. Desarmava pela polidez carinhosa das maneiras. A gente, mau grado sen, sentia-se colhida por elle. Amavel para com todos, tornou-se proverbial a sua facilidade em dar abraços. Inalteravel o seu bom modo que, entretanto, não excluiu ás vezes certa energia, mais no tom do que no fundo.

Grande desembaraço de palavra, riqueza de synonymia, emphase natural,



Dantas dilnia a idéa em numerosas e amplas phrases. Não cahia na trivialidade, mas a extrema abundancia levava-o de quando em quando ao lugar commum. Discutia bem, porém sem precisão. Muita presteza de assimilação, clareza na exposição, patriarchal, agradável, raro attingia a verdadeira eloquencia, mas orava com um calor communicativo e uma segurança que provocavam a attenção e o apoio. Falava horas a fio, sem denotar esforço ou fadiga. Uma vez, após longo discurso, numa sessão agitada, perdeu os sentidos, — prenuncios talvez da enfermidade que o levou. Quanto o injuriaram os adversarios por causa desse incidente !

Ninguém conversava com elle que não sahisse penhorado. Não faltava quem duvidasse da sua sinceridade, achando artificiaes as suas effusões. Era, porém, natural o seu desejo de contentar e servir. Não se lhe aponta um só acto de perfidia ou deslealdade. Nada havia de calculado nas suas maneiras dengosas e



envolventes. A benignidade e a bonhomia formavam a essência do seu caracter, affavel em extremo. Nunca fez mal a ninguém.

Baixo, grosso, ocnlos azues, voz cariciosa, inspirou dedicação a intelligencias superiores, como Nabuco, Patrocínio, Ruy Barbosa. Solido combatente, soffria sorrindo duros embates. Gostava dos *novos*, auxiliava-os, folgava com os seus triumphos. Sabia ser amigo. Nas relações particulares e na familia, era inexcédível em delicadeza e meiguice. Apreciava as exterioridades e a popularidade, — incapaz de resistir a um impulso da multidão. Nisso satisfez as suas ambições: o seu ministerio alcançou calorosos applausos de rua; seu nome gozou algum tempo de genuino favor publico. Seu ar constante, era o de um pai de familia bonacheirão no meio dos seus.

Cabe a Dantas uma gloria incontestavel: foi o precursor da abolição total e sem indemnisação do captiveiro. Affrontou



a reacção escravista; hietou e soffreu pela idéa da emancipação; conquistou galhardamente um lugar ao lado de Euzebio, Rio Branco e João Alfredo.

O ministerio Dantas, si não produziu fundos traços na administração publica, marca uma epoca de alvoroço salutar e fecundo. Não fraquejou: aceitou a porfia em todas as arenas, fez face a poderosos elementos confederados contra si, e, si os não venceu, nada poupou para os vencer, deixando-os mal feridos. Assignalou o periodo agudo da propaganda abolicionista, o assalto decisivo de que resultou o triumpho. A causa abolicionista muito deve á iniciativa, ao denodo de Dantas. Deu um passo definitivo sob o seu governo que inciton a vida nacional. Dantas não commandou as hostes que entraram na Terra da Promissão, mas approximou-se della, avistou-a de um alto, como Moysés do Monte Nebo, conscio de que contribnira efficaamente para a solução final, alcançada 3 annos mais tarde.



As magnas reformas abolicionistas referendaram-nas chefes conservadores, como os citados Euzebio, Rio Branco e João Alfredo. Dantas salvou com o seu projecto a dignidade do partido liberal que só á ultima hora se converteu em massa ao abolicionismo. Verdade é que em 1867, durante a guerra do Paraguay, o ministerio 3 de Agosto, presidido por Zacarias e de que faziam parte Dantas, Martim Francisco e Affonso Celso, inserira na fala do throno um periodo chamando a consideração das Camaras para o elemento servil, de modo *a serem attendidos os altos interesses ligados á emancipação*. Esse ministerio, alem de inestimaveis serviços de guerra, prestou o de destruir os ultimos vestigios do exclusivista regimen colonial, franqueando aos navios mercantes de todas as nações a navegação do Amazonas, de alguns dos seus affluentes e dos rios Tocantins e S. Francisco.

Em summa : si ser homem de Estado consiste no discernir e encarnar em



oportuno momento as generosas aspirações de um povo, confiando na justiça do futuro, e apressando, atravez formidaveis obices, a realisação dessas aspirações, não se póde recusar a Dantas o glorioso titulo de estadista. Seu nome será sempre lembrado, ao se tratar da abolição do captiveiro no Brazil.

V

SARAIVA

Eis um dos nossos homens publicos mais famosos e de cuja personalidade ainda ninguém instituiu exame completo. Ha quem o denomine varão de Plutarcho. Talvez quem o estudar minuciosamente não adopte sem reservas essa denominação.

Nunca trocamos palavra, apesar de ser eu primeiro secretario da Camara quando elle exerceu pela segunda vez a presidencia do Conselho, de 6 de Maio a 20 de Agosto de 1885. Nesse periodo occorren a morte de sua virtuosa esposa, o que lhe



augmentou o habitual retrahimento. A Camara, — caso virgem no meu tempo— votou uma moção de pezar pelo obito, e nomeiou uma commissão para acompanhar o enterro.

Isso mostra o grande apreço em que Saraiva era tido.

Compareceu varias vezes ás sessões para discutir assumptos attinentes á sua pasta e o projecto sobre elemento servil que apresentou em substituição ao de Dantas, projecto que se converteu na lei de 28 de Setembro daquelle anno.

Presto testemunho de que Saraiva possuia o dom supremo, que, segundo Emilio Ollivier, «não é dado nem pelo estudo, nem pelo talento, nem pela vontade, — dom que nenhuma aprendizagem confere, e é o signal da predestinação á grandeza — o dom da autoridade. Sabia inspirar confiança e dedicações. Achavam tão natural que elle mandasse, que obedecer-lhe não diminuia a ninguém. Emfim, obteve da sorte o favor



sem o qual todos os dons de nada servem : foi feliz ! »

Sim, Saraiva foi o chefe politico mais feliz dos ultimos trinta annos da monarchia. Nunca encontrou luctas ou difficuldades na carreira politica.

Tudo lhe sorria. As altas posições o reques tavam. A situação liberal de 1878 a 1885 póde chamar-se a situação Saraiva. Em todos os ministerios, exerceu predomínio. Foi chamado e instado em todas as crises de então, para organizar gabinete, não organisando porque não lhe aprouve. E fazia-se esperar, fazia-se rogar quando o governo lhe era offerecido ; permanecia impassivel no seu engenho da Pojuca, com os olhos benevolos do paiz fixos na sua pessoa. Gozou, como ninguem, da confiança imperial.

O Imperador (e Saraiva disso se vangloriava) praticava docilmente o que elle queria. O seu partido o acatava e venerava em maximo grau. Os adversarios não cessavam de o elogiar, apontando-o



como exemplo, appellando para o seu criterio. Era o sabio Nestor, o Messias, respeitado sem excepção. Por conseguinte, si o Imperio, no derradeiro periodo, seguiu rumo errado e commetteu faltas, a maior responsabilidade cabe a Saraiva que podia ter orientado de modo diverso esse rumo e evitado taes faltas.

Mas donde provinha o indisputavel e extraordinario prestigio de Saraiva? Physicamente, era um bonito homem, alto, erecto, olhos azues, traços correctos, maneiras seccas, ar frio. Percebia-se que elle se julgava superior a todos, sentindo no fundo por todos certo desdem. Falava muito da sua honestidade, honestidade que os seus intimos viviam a apregoar em tom extatico e maravilhado. « Oh ! a honestidade de Saraiva ! Oh ! a probidade de Saraiva !... »

Com effeito, não soffria duvida tal probidade, caracteristica, aliás, dos homens politicos do antigo regimen. Entretanto, nisso de probidade não se comprehendem



graus: ou alguém é probó, ou é improbo. Mais probó ou menos probó não se admitte perante a moralidade. A probidade é uma obrigação estricta; não constitue título, por si só, para elevar um homem ás culminancias sociaes e lhe grangear universal consideração. A probidade está para o espirito como a limpeza para o corpo. E simplesmente por andar aceiado, tomar banho e detestar sujidades, ninguém faz jus a governar os outros. Que se pensaria da mulher honrada que vivesse a annunciar a sua honradez, ou da donzella que alardeiasse a sua virgindade?

Saraiva nunca se achou em situação que pudesse determinar duvidas a seu respeito. Sem filhos, sem parentes proximos, sem zelo partidario, com raros amigos intimos, provido de bens de fortuna, facil lhe era desafiar a calumnia. Seja como fôr, inspirava respeito e confiança inequalaveis. Possuia, pois, predicados especiaes, exercia magnetismo pessoal pouco vulgar. Bom senso, faro agudo das



ocasiões, arte em as aproveitar, idéas claras e praticas, confiança em si, conhecimento do meio em que vivia, prudencia, altivez, decisão, geito sob apparencias rudes, manha disfarçada em explosões de brutal franqueza, conferiam-lhe inquestionavel superioridade. Ave de vôo curto, mas sabendo bem onde pousar, era, ao que dizem, como o definia Tavares Bastos.

Desdenhava exhibir-se. Ao geito dos remadores, dava costas, ao alvo collimado, caminhando para elle. Ao envez de Dantas, não se esforçava por agradar, preferindo impor-se. Seguia as praticas orientaes: sabia esquivar-se, occultar-se, rodeiar-se de mysterio, o que dobrava a curiosidade e augmentava o interesse relativamente á sua pessoa.

Pouco illustrado, só lendo, ao que confessou, a *Revista dos Dois Mundos*, sem elevação de vistas, falava em tom de conversa, com a maior simplicidade e incorrecção. Por isso mesmo agradava, conseguindo o fim supremo da eloquencia — a



persuasão. Era ouvido com deferencia e prazer. Voltava-se todo para os adversarios, cujo applauso e adhesão buscava, mesmo em detrimento dos correligionarios. Mostrava certa habilidade em ferir o ponto essencial das questões, de um modo brusco e frisante, não despido de originalidade. Dos seus discursos nenhum soffre a leitura, ou póde ser citado, apesar de só serem publicados após repetidas revisões de amigos. Não sobreviveu delles uma unica phrase impressionante. Locomotiva de carros vãos, Saraiva arrastava após si extensa fila de politicos mediocres, mas devotados, que o acompanhava cegamente em todos os lances, emprestando-lhe aos actos e orações alcance sobrenatural e esposando-lhe não só as idéas, como os rancores e prevenções.

O projecto sobre elemento servil apresentado por Saraiva pouco differia na essencia do de Dantas. Como o deste, consignava o principio da liberdade sem indemnisação de escravos com certa



idade,— 65 annos. E o projecto de Dantas foi guerreadissimo pelos conservadores, alliados aos liberaes dissidentes, emquanto o de Saraiva mereceu, mais que a condescendencia, o assentimento desses mesmos opposicionistas. Cousas de sympathia, de sorte, de mysteriosas e inexplicaveis instigações. Saraiva *calhava*, como se diz em Portugal.

O seu programma, ao comparecer elle á Camara, na sessão de 11 de Maio de 1885, leu-o num pequeno e amarrotado pedaço de papel. Consistia em curtas e vagas promessas de resolver os problemas financeiro e servil. Por encanto, cessou a agitação produzida por Dantas. Andrade Figueira assegurou ao novo gabinete a complacencia dos conservadores. Lourenço de Albuquerque o saudou, em nome dos ex-dissidentes liberaes. Saraiva, em seguida, pediu um armisticio aos partidos para se decidir a questão servil. Não collocava essa questão no terreno politico, mas a considerava *questão aberta*,



rogando aos conservadores que collaborem com elle no preparo da respectiva lei. Não ligava importancia ao meio porque passasse a reforma, o essencial era que passasse. A 12, foi apresentado o projecto, cuja discussão brevemente se iniciou e correu calma. Saraiva tomou parte activa no debate.

Mas, quasi no fim da sessão, foi eleito inopinadamente deputado Joaquim Nabuco, representante do abolicionismo radical e intransigente. Com a entrada de Nabuco, ganharam as discussões mais calor. Manifestaram-se em opposição Bezerra Cavalcanti, José Marianno e outros. Habitnado a não ser contrariado, Saraiva impacientou-se. Diante da sua attitude algo arrogante, excitaram-se, excederam-se os animos. Houve discursos tempestuosos, suspensões de sessão. José Marianno, sobretudo, tratou o presidente do Conselho, com bastante aspereza.

Saraiva havia declarado que só se retiraria, em virtude de um voto positivo



da Camara de que não confiava nelle para resolver o problema servil.

Sem embargo, inexplicavel e inesperadamente, quando o projecto ainda não se achava definitivamente approved na Camara, dirigiu uma carta ao Imperador apresentando a exoneração do ministerio, baseiando o seu procedimento em inanes razões. Nem quiz aconselhar o monarcha sobre a crise assim aberta, nem indicar successor. Ouvido pelo Imperador o presidente da Camara, Padua Fleury, e o do Senado, Cotegipe, tentou-se ainda uma reorganisação liberal, presidida por Paranaгуá. Recusando-se Paranaгуá, amigo intimo de Sáraiva e seu collega no gabinete demissionario, foi chamado Cotegipe que constituiu o ministerio de 20 de Agosto. Ascenderam dest'arte ao poder os conservadores, findando-se a situação liberal, inaugurada por Sinimbu em 1878, a qual em 7 annos tivera 7 ministerios.

Macaulay, nos seus *Ensaíos Historicos e Biographicos* analysa um curioso typo



de estadista inglez — William Temple. Temple, diz o grande escriptor, é um desses homens que o mundo está costumado a louvar, sem os conhecer bem, e que mais perderiam do que ganhariam com um exame minudencioso. Sem o menor espirito de sacrificio, moderado, frio, integro, não trahiou, nem opprimiu o seu paiz, mas nunca se arriscou por elle. Evitou, não raro, os altos cargos do Estado, com precauções quasi pusilánimes. Em havendo perigo, retirava-se. A' feição de Luiz XIV, só marchava para os assedios, quando seus officiaes declaravam certa a victoria, afim de não comprometter a dignidade regia. Surgia, então, de capacete e sceptro, frequentava as barracas, presidia aos conselhos, dictava as capitulações, recebia as chaves das cidades vencidas, e regressava a Versailles, onde se lhe dizia que só a elle cabia sempre a infallivel gloria do triumpho. Essa infallibilidade de alguns estadistas, provem apenas do receio extremo das responsabilidades.



Antes abandonar o paiz ao embaraço do que se collocarem elles em embaraço ! E' a sagacidade de se distinguir sem passar por perigos. Temple nunca praticou acção merecedora de censura categorica, mas devia se esperar mais de um homem dotado de tantas qualidades e elevado a tão grande situação. Desfructou todas as vantagens da politica, livre sempre dos seus aborrecimentos. Recuava no cumprimento de seus deveres, desde que se tornavam arduos ou desagradaveis, isto é, desde que importava cumpril-os com resolução. Era ambicioso, mas adoptava por principio procurar, antes de tudo, o bem estar e a seguridade de sua pessoa.

Não gostava de assumir posições nítidas, nem de incorrer em censuras, nem de criar invejas. Amigo morno, incapaz de incommodo, esforço ou sacrificio, queria gozar o que possuia, deixando o mundo se arranjar como pudesse. As suas recusas do poder derivavam mais de sua repugnancia ao obstaculo e ao perigo, do



que de escrúpulos de honra e de consciencia. Ante a revolução, mostrou-se neutro, transferindo ao novo regimen a fidelidade langnida que o animava no antigo. Retirado, poucos o visitavam; apenas alguns fieis e alguns curiosos caminhavam 30 milhas para o vêr. Nunca ultrapassava a superficie de uma questão, pois, não era pensador, porém simplesmente provido de entendimento vivo e observador.

Afeito a cuidados respeitosos, irritada a susceptibilidade por annos de retrahimento e lisonja, nimiamente egoista, mas prudente e avisado nesse egoismo, sabia melhor que a maioria dos homens o que realmente queria achar na vida e procurava conseguir o que queria com intelligencia pouco ordinaria. Temia mais naufragar do que ambicionava triumphar. Em ultima analyse, conclue Macaulay, não compete a Temple na historia lugar muito alto. Homens de Estado que commetteram graves faltas, merecem mais estima e respeito do que esse infallivel e feliz.



Saraiva arguido de um feita por não ter tomado certa resolução opportuna respondeu: « a medida era boa, mas arriscada; não a puz em pratica porque si acertasse, ninguem me agradecia, e si errasse todos me cahiam em cima. » Nesta resposta se synthetisa a sua philosophia politica. Tinha, pois, varias affinidades com William Temple. Applicam-se-lhe não todas, porém varias das apreciações que sobre o estadista inglez colhemos em Macaulay.

VI

COTEGIPE

Eu não conhecia Cotegipe sinão atravez a legenda que delle haviam formado os liberaes em opposição: leviano, sarcastico, habilidoso. Cahira mal, em 1877, no ministerio Caxias, sob o peso de uma aliás calumniosa accusação que affectava o seu escrupulo de' homem particular: a questão das *popelines*. Quem hoje lê desprevenidamente os debates sobre o assumpto,



ha de reconhecer que Cotegipe defendeu-se com a maior dignidade e de modo completo da mais injusta e odiosa das aggressões. Na epoca, o incidente fôra explorado largamente pelos adversarios do famoso chefe conservador.

Eil-o, menos de oito annos depois, que volta á tona, não como simples ministro, mas occupando a presidencia do Conselho! Na sessão em que se apresentou, 24 de Agosto de 1885, parecia a principio, hesitante e timorato, diante da algazarra da maioria liberal para quem fôra dolorosa surpresa a mudança da situação politica. Assaltado de interrupções, dirigindo-se a um auditorio quasi todo hostil que procurava perturbal-o, arrancar-lhe declarações inconvenientes, prejudical-o de qualquer maneira, Cotegipe breve recuperou o sangue frio, manifestando os dotes principaes do seu raro espirito: calma, graça, promptidão de replicas felizes, lucidez, sobriedade e força de dialectica, alto descortino.



Absolutamente senhor de si na tribuna, só dizia o que calculara dizer, sem uma phrase de mais ou de menos, um termo descabido, uma entonação impropria, se bem recorresse, ás vezes, a linguagem um tanto chula.

Construia vagarosamente os periodos, nunca se precipitando, pesquisando e achando as locuções adequadas, suprimindo, não raro, as palavras por um gesto ou um meneio de cabeça expressivo e característico. Segurava um lapis entre dois dedos, consultava um documento, servia-se do lenço, manejava a luneta, com inexcusavel donaire, lembrando os galantes adenianes dos apurados marquezes no velho regimen. O modo de limpar a luneta, assestal-a sobre o nariz, fitar, em seguida, demoradamente o contendor, constituia por si só desconcertante resposta.

Baixo, magro, pequeno, ladino, a exalar malicia e ironia por todos os traços, tinha um perpetuo ar de troça, de *moleque*, como vulgarmente se diz.



« Cotegipe, que finorio! . . . » era a exclamação que de ordinario suscitava.

Sem a volubilidade de Martinho, a circumspecção burocratica de Paranaguá, a affabilidade vivaz de Dantas, a mordacidade de Lafayette, a altaneria de Saraiva, parecia estar sempre a debicar o proximo, despertando, entretanto, confiança e sympathia. Quando elle assomava á tribuna, ficava-se na espera de alguma cousa galhofeira e imprevista, de forma que desde logo captava a attenção.

Delicadas as maneiras, embora eivadas de leve desdem aristocratico. No modo de haver-se, de se exprimir, no todo, recordava Talleyrand, mas um Talleyrand honesto, incapaz de perfidias e traições. O seu grande desembaraço, a sua naturalidade, os seus recursos oratorios, o seu talento de tratar gravemente os assumptos frivolos e ligeiramente os assumptos graves tornavam-lhe os discursos summamente apraziveis. Primava pela clareza, simplicidade de forma e bom



senso dos conceitos a sua argumentação elegante, agil, fluida. Prendia tanto como a sua palavra a sua figura, de solerte fealdade.

A' similhaça de Martinhó, não tomava notas, enquanto falava o adversario: mas, em voz baixa, resmungava remoque, ouvidos das pessoas mais proximas, ou, então, encarava de fito o orador a quem ia responder, entre-abertos os labios delgados em enigmatico sorriso. Erguia-se preguiçosamente, ao lhe tocar a vez, e, guiado apenas pela memoria, tocava em todos os pontos do discurso antecedente, só omittindo aquillo que lhe convinha omittir. Não aggredia; fazia a guerra *en dentelles*, capaz, todavia, de actos de arrojo e de golpes mortaes.

Finamente sceptico, dotado de notavel facilidade de assimilação, aceitando as cousas quaes ellas se apresentam, sem tentar modifiical-as ao sabor das suas pretenções, buscando em tudo o lado ameno e divertido, destro no meneio dos homens,



arteiro, sagaz, escolhendo no ministerio de 20 de Agosto a pasta de estrangeiros, escolheu aquella para que possuia, na realidade, maiores disposições. Era essencialmente um diplomata, equilibrando-se airoso no meio de intrincadas negociações, sorrindo faceto nas situações mais inquietantes, cheio de *sous-entendus* e mesmo de ronha e maldade.

Nada disso excluia notavel intuição politica. Emittia sentenças agudas, juizos propheticos, muitos confirmados pelos acontecimentos. O seu discurso, no Senado, a 12 de Maio de 1888, vespera da lei abolicionista, é um modelo de penetração e clarividencia. Quanto vaticinio desse nobre e corajoso discurso não se effectuou !

Profundamente versado no systema e na historia parlamentares, esclarecia frequentemente o debate com opportunas citações. Interessantissima a sua conversação, — fecunda em anedotas, observações chistosas, juizos seguros !



A falta apparente de gravidade não diminuia o respeito que elle inspirava, tamanhas a sua dignidade e superioridade! Não permittia familiaridades descabidas: sabia pôr delicadamente cada um no seu lugar.

Governou mais de dois annos com socego, e, em geral, com felicidade. Sob a sua direcção, promulgaram-se as relevantes medidas financeiras de Francisco Belisario, ministro da fazenda no gabinete por elle presidido. Não houve, durante esse periodo, nenhum escandaloso conflicto parlamentar. O erro capital da sua administração consistiu em querer oppor-se á torrente abolicionista que quotidianamente se avolumava, e, afinal, assoberbou todas as resistencias.

Numa cousa Cotegipe mostrava-se intransigente, elevando o tom ao se tratar della: a honra e a grandeza da Patria. Como plenipotenciario no Paraguay, logo após a terminação da guerra, revelou decisão e energia consideraveis. Não admittia



que outro povo disputasse primazia ao Brazil no continente sul americano. Irritavam-n'o sobretudo as velleidades argentinas. No litigio de Missões, em que nos coube victoria cabal, graças ao laudo do presidente Cleveland, em virtude do tratado de arbitramento de 7 de Setembro de 1889, firmado pelo ministerio Ouro Preto, — Cotegepe prestou inolvidaveis serviços, sempre alerta, proclamando e defendendo constantemente o direito e os interesses nacionaes. Era um ardente e prestante patriota.

Attribue-se-lhe até hoje muito proverbio parlamentar, muito dito picante. Nem tudo lhe pertence, mas só aos ricos se costuma emprestar. O facto prova que a sua figura dicaz persiste na imaginação publica. Consta que, ao convidar João Alfredo para organizar o ministerio encarregado de solver o problema servil, dissera a Princeza Imperial Regente a Cotegepe demissionario: « Então, ganhei ou não ?... » — O experimentado estadista

*Na imaginação dos
de l'he l'he l'he l'he l'he
ainda mais...*



retorquirá: «Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o throno.»

Cotegipe teve a morte de accordo com a linha geral de sua vida. Ao sahir do banho, sem accusar dôr alguma, emquanto um criado lhe atava o cordão da ceroula, de subito descahiu-lhe o corpo; expirou. E' o que os gregos chamavam *euthanasia*, — a boa e doce morte, a dos amados pelos deuses. Julio Cezar assim a queria — *repentinam atque inopinatam*.

VII

JOÃO ALFREDO

Foi o homem publico que durante mais tempo seguidamente occupou o cargo de ministro de Estado em nossó paiz, — cerca de 5 annos, de 29 de Setembro de 1870 a 25 de Junho de 1875. Sua longa gestão assignalou-se por numerosos e relevantes actos e melhoramentos, — criação da repartição de estatistica, questão religiosa,



fundação de grande numero de escolas primarias, reforma do ensino superior, primeiro recenseamento regular da população do Imperio, e muitos outros.

João Alfredo grangeara fama de energico, tenaz, astuto, excellente arregimentador, sabendo, como poucos, fazer e dirigir partidarios. Os seus desaffectedos imputavam-lhe vistas curtas, genio rancozoso e vingativo. Eram injustos. Os factos mostraram que na generosidade está um dos traços salientes do character de João Alfredo.

Tornou-se celebre o modo como regeu a maioria, no correr das discussões da primeira lei sobre o elemento servil, a de 28 de Setembro de 1871, cuja adopção deve-se em magna parte ao seu esforço. Asseveravam que lhe fallecia capacidade oratoria. José de Alencar, ao que se narrava, designava as raras arengas de João Alfredo como pertencendo a genero indefinido, — grandes de mais para apartes, pequenas de mais para discursos. Silveira



Martins o designava como membro da Academia dos silenciosos da Persia.

O certo é que João Alfredo gozava de vasto e verdadeiro prestigio. Avultado numero de homens intelligentes o escutava e seguia. Rosa e Silva, o actual vice-presidente da Republica, militava entre os seus soldados. A reserva que guardava, o proprio retrahimento da tribuna augmentavam-lhe a autoridade. Viviam os adversarios a interpretar-lhe os menores gestos, a decifrar-lhe as intenções. Apesar do seu mutismo, era um dos chefes consagrados, com quem mais se preocupava a opinião.

E' verdade que, a par desse mutismo de tribuna, sem duvida calculado, João Alfredo recebia muitas visitas, viajava, apparecia nos lugares publicos, acompanhava com attenção e assiduidade os debates, mostrava-se nas conversações conhecido de todos os negocios do Estado. E assim se fazia constantemente lembrado, sem emittir opinião em publico, sem se comprometter.



Os altos assumptos em que interviera, a amizade que o ligara a Rio Branco, as obras effectuadas durante o seu ministerio encareciam-lhe a importancia, realçada pelo mysterio de que elle se cercava. Nos ultimos annos do Imperio, elevara-se a notavel situação, ponderosa e incontestada. « Uma força reservada para solemnes emergencias, » eis a idéa que o seu nome evocava. Que seria, na verdade, esse personagem pequeno, feições acabocladadas, (descende realmente de um cacique aborigene) physionomia quasi sempre fechada, como que carregada de austeros pensamentos, e cujo mesmo sorriso parecia impregnado de graves cogitações?

A 7 de Março de 1888, retirou-se o gabinete Cotegipe, — ostensivamente em consequencia do conflicto entre a policia e a armada, proveniente da prisão arbitraria de um official de marinha reformado, — verdadeiramente por não lhe ser mais possivel resistir á propaganda abolicionista victoriosa em todo o Brazil. João Alfredo



regeitara entrar para esse gabinete, mas exercera, sob elle, com felicidade, o cargo de presidente de S. Paulo. Convidado a substituir Cotegepe, organisou a 10 de Março seu esperado ministerio. Chegara o momento de vel-o em acção.

Na organização, manifestou habili-dade, chamando a si dois dos mais emi-nentes sustentáculos de Paulino de Souza, seu emulo, — Ferreira Vianna e Thomaz Coelho, — bem como um dos melhores auxiliares de Cotegepe, Rodrigo Silva que passou do ministerio demissionario para o novo.

Até Maio, nada praticou de considera-vel o gabinete 10 de Março, porém não amorteceu, antes augmentou, a confiança do abolicionismo, cujo movimento trium-phal recrudesceu de hora em hora. Com-quanto fosse convicção geral que João Alfredo proporia a abolição immediata e incondicional, á vista da pressão exer-cida de todos lados, — pois os principaes interessados, os captivos, haviam tomado



a palavra, effectuando o exodo em massa das fazendas, e a força publica se recusava a lhes embargar o passo, — todavia temiam-se hesitações, meias medidas, transigencias com o elemento escravagista.

Abriu-se a Assembléa Geral. Aguardava-se com impaciencia a apresentação do gabinete. A fala do throno, lida pela Princeza Imperial Regente, manifestara eloquentemente as intenções governamentais, satisfazendo os mais insoffridos. Subsistia a anciedade em onvir João Alfredo, calado havia tanto tempo. Careceria realmente de dotes oratorios?

A 10 de Maio, ergueu-se elle na Camara, para expôr o seu programma, no meio de solemne silencio e ingente expectação. Extraordinario o effeito do seu breve discurso, que provocou em varios topicos delirantes acclamações. Discurso sobrio, preciso, magistral! Nós, os da opposição, ficámos attonitos. « E' o assumpto que o inspira — explicavamos. — A idéa abolicionista dá calor e brilho



aos mais mediócrees. O presidente do Conselho não deve ser julgado só por essa curta oração. Esperem os amplos debates em que haja de medir-se com parlamentares de pulso.»

E os amplos debates vieram, violentos, azedos, implacaveis. João Alfredo arcou com os mais destemidos campeões liberaes e da dissidencia conservadora, com Gomes de Castro e Lafayette, entre outros. Durante a sessão legislativa de 1888, coagiram-n'o a occupar repetidamente a tribuna, tratando das mais variadas materias, rebatendo, quasi sempre de improviso, acres e porfiadas investidas.

Não o poupavam. A abolição acirrara os escravocratas, exacerbados pelas demonstrações ruidosas dos vencedores. E João Alfredo bateu-se com galliardia, sahiu-se bizarramente de todas as conjuncturas.

Via-se que não falava de bom grado, mas cedia á necessidade de falar, deixando de o fazer, sempre que podia.



Dir-se-lhia medroso de se exhibir. Uma vez na tribuna, o orador se patenteava. Voz firme, cheia, severa, gesticulação discreta, tom cortez, embora um pouco dogmatico, linguagem correcta, mesmo com certa preocupação de classicismo, citações adequadas de factos historicos, concisão, nitidez,—tudo o collocava na categoria dos mais abalizados parlamentares.

Mas, é tal a força das reputações estabelecidas e dos juizos preconcebidos, que ninguem, naquella epoca, se atrevia a confessar a superioridade oratoria de João Alfredo. Contestavam-n'a, censurando, pretendendo amesquinhar a forma e o fundo de seus excellentes discursos. Muitos se retiravam adrede para o não ouvir, declarando não valer a pena escutar banalidades.

A verdade é que na Camara o chefe do gabinete 10 de Março affrontou triumphalmente todas as refregas. Atacado no seu melindre pessoal, defendeu-se com sobranceira dignidade. O que ninguem lhe



negava era o dom de exercer influencia sobre os que o cercavam. Seus modos sentenciosos e frios, longe de lhe afugentar, criavam-lhe e afervoravam-lhe affeições. Havia quem o plagiasse, tentando imitar-lhe os ares nebulosos e o estylo oratorio.

Si João Alfredo commetteu erros, tem um nome indisputavelmente glorioso, pois se acha ligado ás duas leis emancipadoras, — 28 de Setembro de 1871 e 13 de Maio de 1888. A lembrança de taes erros se apagará, permanecendo e avultando a de que sob seu governo se extinguiu a escravidão. Presidente de provincia, ministro, presidente do Conselho, senador, conselheiro de Estado, deixou em toda parte vestigios da sua passagem, e, si pouco falou, muito agiu. Possuia uma qualidade rara em politicos : sabia calar-se, adquirindo assim maior nomeada do que a de varios que se esbofavam nas discussões. Na vida parlamentar, nem sempre falar a miude constitue o mais acertado methodo. A fama, em politica, como em tudo, não a ganha



quem a quer, mas quem a merece. O prestigio provem de um dom innato, de um magnetismo inescrutavel.

João Alfredo, muito lido em historia e biographias de grandes homens, inspirava-se, de certo, relativamente ao procedimento parlamentar, numas apreciações de Cornelis de Witt a respeito de Washington (*Historia de Washington — Cap. II, in fine*).

Washington, narra aquelle escriptor, influiu decisivamente sobre a assembléa dos burguezes da Virginia, onde teve assento durante 15 annos, mas tranquillamente, sem ruido, pela unica autoridade do seu criterio, da sua experiencia, e do seu character. Orando pouco, não intervindo nos debates tempestuosos ou pessoases, mas sempre prompto a manifestar claramente seu modo de pensar nas questões vitaes, actuava no espirito dos homens menos pela arte com que sustentava suas opiniões do que pela confiança que despertavam sua firmeza e rectidão. Pode-se julgar do que elle praticava pelos conselhos



que deu a um seu sobrinho, quando este entrou pela primeira vez na assembléa: si desejaes obter a attenção do auditorio, falai raramente e só sobre assumptos relevantes, excepto em se tratando de negocios que interessem de perto vossos committentes. No primeiro caso, procurai conhecer a fundo a materia, tornando-vos senhor della; não vades jamais além de certo calor conveniente; expõe vosso parecer com modestia. Posto que logre acarretar convicções, o tom imperioso fére sempre...

VIII

VISCONDE DE OURO PRETO

O Visconde de Ouro Preto, que succedeu a João Alfredo, organisando o ministerio de 7 de Junho de 1889, só uma vez compareceu á Camara no meu tempo: a 11 d'aquelle mez, para apresentar o gabinete.

Pronunciou então dois discursos, o primeiro enunciando o seu programma de



largas reformas, o segundo retorquindo aos vehementes oradores que o atacaram, dois dos quaes se declararam republicanos. O padre João Manoel, um delles, terminou a sua calorosa profissão de fé com o grito de — *Viva a Republica!* — nunca ouvido no Parlamento. Imagine-se a agitação produzida!

O Visconde de Ouro Preto, no dizer de seus proprios inimigos, esteve na altura das tremendas responsabilidades que aceitara. No seu discurso de replica, fremente de indignação, inflammado de patriotica bravura, lampejou a mais alta eloquencia. Dominou o auditorio, na maioria infenso, arrancou-lhe acclamações, impoz-se.

Ao viva sedicioso e applaudidissimo de João Manoel, ergueu-se impetuosamente e com energia, conforme rezam os *Annaes*, exclamando: «Viva a Republica, não! Não, e não; pois é sob a monarchia que temos obtido a liberdade que outros paizes nos invejam, e podemos mantel-a



em amplitude sufficiente para satisfazer o povo mais brioso ! Viva a monarchia ! — que é a forma de governo que a immensa maioria da nação abraça, e a unica que pode fazer a sua felicidade e a sua grandeza ! Sim ! Viva a monarchia brasileira, tão democratica, tão abnegada, tão patriotica que seria a primeira a conformar-se com os votos da nação, e a não lhe oppor o menor obstaculo, si ella pelos seus órgãos competentes, manifestasse o desejo de mudar de instituições ! »

Estas palavras, segundo ainda os *Annaes*, levantaram applausos entusiasticos e prolongados, no recinto e nas galerias, e grandes demonstrações de adhesão, abafando por momentos a voz do orador.

O Bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa, que assistiu a esse memoravel debate, um dos mais valiosos e ardentes do parlamentarismo brasileiro, declarou, após o discurso do Visconde de Ouro Preto : « Acabo de ter idéa do que foi uma sessão na Convenção Franceza ! »



VII

Os presidentes da camara

De nenhum dos doze deputados que dirigiram a Camara, no periodo de que me occupo, póde dizer-se com justiça que houvesse sido mau presidente, indigno de tão alta funcção. Hónve ms mais energicos, mais espirituosos, mais flexiveis, mais maneirosos, mais conhecedores do regimento do que outros. Desempenhavam todos discretamente sua missão, correspondendo á confiança dos seus pares. Sobretnho, procuravam zelar os direitos da opposição, attenuando, quanto possível, as imposições da maioria, procedendo, em geral, com imparcialidade. Os opposicionistas entendiam-se directa e familiarmente com elles. Nos mais calorosos debates, a autoridade delles foi



sempre acatada. Nunca se lhes faltou ao respeito, nem elles jamais faltaram ao decóro.

Considerado um oitavo ministro, o presidente da Camara sahia dalli ordinariamente para o governo ou para o Senado. Nos ultimos tempos da monarchia, estabelecera-se a praxe de ser elle consultado nas mudanças ministeriaes. O imperador mandava chamal-o, afim de o ouvir sobre a crise pronunciada.

Logo que um deputado era eleito presidente, tirava-se-lhe o retrato para uma longa e curiosa galeria existente no grande salão proximo ao das sessões. Essa galeria notavel e insubstituivel, formada desde a Constituinte de 1823, dispersou-se por occasião do advento da Republica, ou ao se mudarem as Camaras do paço da rua da Misericordia para a Quinta de S. Christovão, onde funcionaram algum tempo. Não se sabe que fim levou a preciosa collecção, organizada com paciencia e trabalho, durante mais de 60 annos.



Em época pouco anterior á minha entrada no Parlamento, o presidente regia os trabalhos solememente, de casaca, como em França. Não mais se usava, em 1881, esse traje de cerimonia, mas o presidente, bem como os deputados, observavam austera compostura no vestuario, commummente preto ou escuro. Nenhum se atrevia a ostentar roupas claras ou ajanotadas, gravatas vistosas, flores ao peito, o que, aliás, se pratica na Inglaterra e nos Estados Unidos. A mesa presidencial achava-se collocada sobre eminente estrado, em face das bancadas em hemicyclo, debaixo de magestoso docel, semelhante ao de um throno. Dahi o presidente dominava a assembléa.

Os doze presidentes a que me referi foram : Martinho Campos, Martim Francisco, Ferreira de Moura, Lima Duarte, Moreira de Barros, Alves de Araujo, Franklin Doria, André Fleury, Andrade Figueira, Gomes de Castro, Barão de Lucena e Carlos Affonso. Este ultimo só



serviu nas sessões preparatorias da legislatura extraordinaria de 1889 dissolvida pelo levante militar, isto é, de 3 a 14 de Novembro. Martinho Campos presidiu tambem por ponco tempo, menos de um mez, em sessões preparatorias. Nenhum debate renhido se travou sob a sua direcção. O mesmo succedeu com Martim Francisco.

Moura presidia timoratamente, receioso de desagradar e de ser obrigado a falar, pois não era orador. Lima Duarte, de cujo character a bondade constituia a feição primordial, presidia paternalmente, com excessiva simplicidade. Todos o estimavam, e rendiam preito ás suas delicadas prendas de coração, ao seu trato lhano, á sua pachorra inalteravel.

Estatura agigantada, ampla barba, nariz recurvo, no todo muito parecido com a imagem de Henrique IV, fazia bella figura na poltrona presidencial. A sua intervenção nos debates revestia quasi sempre a fórmula de pedido. Era



obedecido mais por uma concessão á sua doçura do que pelo reconhecimento da sua autoridade.

Eis, entre muitos, um traço da sua singeleza: como estivesse com os pés inchados, mandou pregar nas bordas da vasta mesa presidencial um largo panno de seda pendente até ao chão. Ficava assim occulta a parte inferior do corpo do presidente e do dos seus secretarios. Lima Duarte abria a sessão; depois, disfarçadamente, descalçava as botinas, enfiava chinellos, e permanecia dess'arte até ao fim, encaminhando os importantes assumptos controvertidos, enquanto seu possante busto emergia da mesa, campeando tranquillo e correcto.

Moreira de Barros, pequeno, vivaz, azougado, não ficava quieto um momento, interrompendo frequentemente os oradores, chamando-os ao cumprimento das disposições regimentaes, descendo, a miudo, da presidencia, para envolver-se na discussão. Conhecia o regimento a fundo,



dava longas explicações das decisões mais insignificantes, intercalando pequenos discursos nos discursos dos outros. Summamente esperto, prompto nas réplicas, melindroso, muito cioso da sua importancia, tinha em elevada conta as funcções que exercia, não permittindo a minima cousa susceptivel de parecer deprecial-as. Energico, presidiu sessões borrascosas,—em que o publico atulhava as galerias e o recinto, agglomerando-se fóra, nos corredores do edificio,—quaes as do projecto emancipador do ministerio Dantas. Impedia manifestações do auditorio que o respeitava e temia.

Escravocrata, tornou-se muito impopular. Uma vez, ao sahir elle da Camara, acompanhou-o grande mó de gente, em attitude hostil, quasi aggressiva. Moreira de Barros, com extraordinaria calma, seguiu a pé, lentamente, o caminho costumado, impassivel ante alguns gritos offensivos soltados pela multidão que, afinal, se dispersou em paz, refreada pelo



sangue frio do presidente. Haviam-lhe proposto, ante o perigo que o ameaçava, retirar-se ás escondidas por uma porta escusa. Moreira de Barros recusou, indignado: « O presidente da Camara, — exclamara, — só sae pela porta principal ».

Achava-se elle então em activa opposição ao ministerio Dantas, e, sem embargo, permanecia na presidencia, em radical divergencia com o sen primeiro secretario, -- que era en, — situação original de que já tratei. Imaginem-se os conflictos havidos, dos quaes, todavia, não resultou quebra das nossas relações pessoaes. Moreira de Barros foi o typo do presidente vibrante, expedito, fegoso, em contraste com o fleugmatico e bonacheirão Lima Duarte.

Alves de Arango preencheu o cargo regularmente, mas sem relevo.

Franklin Doria foi reportado, grave e meticoloso. Friamente polido para com todos, erecto, cumpridor minudencioso de deveres, o sen ar irritava certos



adversarios que injustamente o asseteavam de doestos e provocações. Na sua postura, predominou sempre serena hombridade. Tantas e tão furiosas demonstrações de desagrado por parte da minoria ocorreram sob a sua presidencia, que, fatigado, elle pediu e obteve exoneração. A Camara determinou então, a requerimento de Cesar Zama, que se consignasse na acta do dia um voto de louvor ao demissionario pelo modo como exerceu a presidencia, — facto unico no meu tempo.

André Fleury, como Alves de Araujo e Moura, não se assignalou de modo particular.

Andrade Figueira, austero cumpridor do regimento nos seus mais esquecidos artigos, mostrou-se duro, inflexivel e imparcial. Na cadeira de presidente, desappareceu o extremado partidario, substituindo-o rijo magistrado, muito atreito á letra da lei, porém applicando-a com rigorosa rectidão. Respostas incisivas, espirituosas ás vezes, atalhavam qualquer



protesto contra suas deliberações. Seu aspecto carregado incutia temor. Notabilisou-se a sua direcção, em consequencia talvez de execução exacta das determinações regulamentares, pela presteza e ordem com que tudo andou. Commandava a assembléa militarmente, — teso, secco, integro.

Em Gomes de Castro, não tão severo como Figueira, mas zelador igualmente das suas attribuições, prevalecia elegante correcção. Mordaz e ferino, entrepunha-se sempre a proposito, muita vez com elevação e eloquencia. Si via nas tribunas personagens notaveis, alçava o tom da voz, articulava nitidamente as palavras, procurava produzir effeito. Ouvindo os oradores, satyrisava-os, em voz baixa. « Contra alguns discursadores, — dizia, — o presidente devia estar armado de um revólver. Enquanto falasse um desses, apontaria o presidente a arma com todo o cuidado. De subito, quando mais entusiasmado o homem se mostrasse, —



pum! — em nome da assembléa, — matando-o, a bem da grammatica, do bom senso, do interesse social... »

Lucena, aspecto aspero e rebarbativo, com fama de violento, era bastante partidario, mas, no fundo, accessivel e benigno, embora muito obstinado, em certas occasiões.

Na sessão em que se apresentou o ministerio Ouro Preto, pendeu manifestamente para a opposição, já na inscripção dos oradores infensos á nova situação, não os alternando com os ministerialistas, já tolerando que o povo invadissem totalmente o recinto e se manifestasse á vontade, applaudindo e reprovando.

Consta que na vespera, em reunião de seus correligionarios, se declarara republicano. Dahi talvez a parcialidade por elle revelada nessa famosa sessão, parecida com tormentoso *meeting* em praça publica.



VIII

Os ministros

Entre os 54 com quem tratei, nem todos teriam jus á qualificação de notabilidade. Varios, longe disso, não passavam de intelligencias mediocres e illustrações subalternas. Nenhum, porém, ascendeu ao governo, sem algum titulo, por mero favoritismo, ou capricho. Os mais fracos eram, quando menos, homens estimados e influentes nas respectivas deputações, dispunham de apoio, representavam um chefe eminente. Significavam todos alguma cousa; assistia a todos certo valor.

Atacados sem piedade na imprensa e na tribuna, onde se lhes esmerilhavam os actos publicos e privados, constrangidos muita vez a responder de improviso



às arguições, aos requerimentos, às interpellações, sahiam-se decorosamente, — davam o seu recado, na expressão vulgar. Nenhum comprometteu a dignidade governamental, nenhum foi vergonhosamente esmagado, nenhum se portou de maneira ignobil, nenhum deixou nome odioso na tradição popular.

Em regra, antes de subir a ministro, o politico do antigo regimen havia sido membro de assembléa provincial, presidente de provincia, magistrado, deputado geral, tendo se distinguido na Camara e merecido desta qualquer indicação. Entrava, a primeira vez, para uma pasta relativamente facil, onde o auxiliassem esclarecidos corpos consultivos. Só mais tarde attingia as pastas importantes. Servia sob a direcção de um presidente do conselho—velho, illustre, experimentado. Servia ainda sob o Imperador, repositório vivo dos negocios do Estado, funcionario exemplar, modelo inexcedivel do escrupulo no desempenho das suas obrigações.



Refreiaava, demais, os ministros naquella epoca a necessidade de explicar e defender no Parlamento quaesquer passos que déssem. Antes de agir, cumpri-lhes reflectir sobre o que diriam depois, o que constituia efficaz preventivo. Desse conjuncto de circumstancias resultava que os ministros da monarchia jamais cahiram anniquilados nas refregas parlamentares, podendo todos, nas mais desastradas conjuncturas, repetir a phrase de Francisco I, após Pavia.

No meu tempo, nenhuma increpação virulenta se registrou contra a probidade e o patriotismo dos ministros. Questões pessoas suscitaram-se contra elles em não exiguâ escala, mas com certo recato.

Necessitavam dispendir extrema actividade e força physica. Assoberbavam-n'os immensos encargos. Em consequencia da centralisação dominante, cabia-lhes attender a negocios do paiz inteiro. O Imperador tudo examinava e de tudo



indagava. Duravam os despachos imperiaes horas a fio, até á madrugada. Junta-se a isso as audiencias, o expediente, a correspondencia official e particular, os deveres sociaes, os onus de partidario, os labores parlamentares, e comprehender-se-ha quão exaustivo e cheio de tribulações era aquelle posto, escassamente remunerado. Percebiam os ministros, sem excepção do presidente do conselho, apenas 12 contos por anno. Só a despesa obrigatoria do carro absorvia cerca da metade dessa quantia.

Pobres quasi todos, emergindo muitos de infimas classes, conquistando o lugar á custa de lutas ingentes, nenhum se aproveitou do governo para se locupletar, todos se exoneravam endividados ou menos ricos. Importava em genuino sacrificio tomar parte por alguns mezes na suprema direcção do paiz...

Vejamos, na galeria dos que conheci de perto, as figuras que se destacam, merecendo especial menção.



I

RODOLPHO DANTAS

Ministro do Imperio, no gabinete Martinho Campos, aos 27 annos, patenteou aptidões de estadista. Ponderado, discreto, estudioso, entendido nos negocios a seu cargo, sobretudo nos de instrucção publica, orava com summa correnteza e suavidade, angariando as sympathias dos ouvintes.

Salientou-se no debate do credito solicitado pelo Governo afim de mandar observar a passagem do planeta Venus pelo disco solar, debate em que se medio com Ferreira Vianna, o qual crivou a corôa de epigrammas, por attribuir ao Imperador a iniciativa do pedido de credito para a expedição scientifica.

Insinuante, sorridente e maneiroso, com affabilidade mais comedida que a do pai, Rodolpho gerava as maiores esperanças, parecendo fadado ás culminações



partidarias. Inesperadamente, sem motivo plausível, declarou abandonar a vida publica, e, na realidade, o fez. Genuíno suicídio político.

II

FRANCO DE SÁ

Companheiro de Rodolpho, no ministério Martinho Campos, coube-lhe a pasta de estrangeiros. No gabinete Lafayette, exerceu a da guerra, e, no gabinete Dantas, a do império. Discutidor emerito, esmiuçava, em linguagem castiça, as questões, manifestando estudo e critério. Um tanto acre nas réplicas, seria excellente orador si dispuzesse de órgão vocal mais sonoro e rico de timbres.

III

BENTO DE PAULA E SOUZA

De uma família de estadistas, paulista ás direitas, distinguio-se, nos poucos mezes em que foi ministro da marinha, pela bonhomia, bom senso, franqueza, —



discorrendo num tom de attrahente familiaridade. Alma sem refolhos, espirito claro e chão, demittiu-se porque não triumphou no primeiro escrutinio da eleição a que se submetteu, segundo a constituição imperial, por ter sido nomeado ministro.

IV

AFFONSO PENNA

Ministro da guerra no gabinete Martinho, da agricultura no gabinete Lafayette, da justiça no segundo gabinete Saraiva, assemelhava-se a este chefe em mais de uma feição. Tinha sobre Saraiva a vantagem da actividade e a da faculdade de trabalho. Talento de minucias, muito applicado, com pouco descortino, mas vendo bem o limitado horizonte que a sua vista abraugia, apontavam-n'o como estadista de futuro, dotado de solidas qualidades governamentaes.

Era, em começo, mau orador, de dicção difficil, gesticulação epileptica.



Graças a continuado esforço, corrigiu-se, ganhando desembaraço e sangue frio na tribuna.

No fim, apesar da pequena figura trepidante, tornou-se discutidor distincto, desprovido de imaginação, sem elevação de idéas, mas dialectico investigador, exercitado em regras burocraticas. Os chamados homens praticos da assembléa apreciavam os discursos de Affonso Penna, — discursos de peso, diziam.

V

LOURENÇO DE ALBUQUERQUE

Tambem mediocre orador, no principio, fez-se, em virtude do estudo e da assiduidade na tribuna, eximio parlamentar. Suppria a debilidade da voz com a nitidez da articulação. Sempre ouvidos attentamente os seus discursos, abundantes de observação, estribados em cifras e factos curiosos, fructo de persistente leitura e reflexão.



Gostava de ostentar-se superior ás conveniencias partidarias, dizendo rudes verdades a seus amigos, de modo a ser festejado pelos adversarios. Erudito, e, no fundo, saturado de scepticismo.

VI

CARLOS AFFONSO

Orador attractivo, vehemente na réplica, sarcastico, insigne no manejo do ridiculo e do convicio, eloquente nos lances de paixão, notabilisou-se Carlos Affonso, sobretudo, no debate com Escra-
gnolle Taunay sobre negocios de guerra, —pasta que ao primeiro tocara no ministerio Paranaguá.

Havia o ministro reprimido com desusado vigor a indisciplina de um coronel bulhento e muito protegido. Arcara Carlos Affonso com os poderosos protectores do delinquente na imprensa, nos quartéis, na alta administração. Com mão robusta, fizera respeitar a autoridade e a lei.



Atacaram-n'o encarniçadamente na Camara. Defendeu-se de modo tão valeroso, tão sobranceiro, e, ao mesmo tempo, tão habil que pôz em debandada os contendores, marcando alguns de indeleveis cicatrizes.

Frequentava pouco a tribuna, mas sempre que falava, produzia impressão.

VII

HENRIQUE D'AVILA

Dava-se com este um facto singular: falando, dir-se-ia alguém, conquistava applausos, deleitava. Não parecia o mesmo, escrevendo. Famosos os seus despachos como ministro da agricultura, no ministerio Paranaguá, pela extravagancia do pensamento e do estylo! Attribuem a mordaz chefe politico o seguinte juizo sobre Avila: « Homem intelligente e sensato na tribuna; mas ensandece, ao contacto da penna. »



VIII

ANTUNES MACIEL

Braço direito do ministerio Lafayette, do qual foi ministro do imperio. A despeito da diminuta estatura, possuia todos os dotes externos do orador: gesticulação apropriada, fluencia, voz possante. A par disso, illustração, e intelligencia vivaz.

Dissimulado ou energico, conforme as circumstancias, atreito a astucias parlamentares, organisava e commandava bem guerrilhas e rapidos assaltos.

Não se prodigalisava na tribuna, mas, em tomando a palavra, mostrava longo folego. Nas suas orações, a magia da forma e o tom do falar substituiam a novidade e a clareza do argumento.

IX

CANDIDO DE OLIVEIRA

Ministro da guerra no ministerio Dantas, dirigiu em nome do Governo os



debates parlamentares na quadra de mais intensa exacerbação, a proposito da questão abolicionista.

A opposição, composta, como já vimos, de liberaes dissidentes e conservadores, e que contava em seu seio o proprio presidente da Camara, convergia contra Candido de Oliveira seus maiores esforços. Era elle tambem o ministro que mais se expunha, que surdia na frente, e, sempre de sentinella, rebatia as investidas.

Argumentador incauçavel, versado em todos os ramos da administração, da politica e da jurisprudencia, activissimo, constantemente disposto e preparado para a peleja, fertil em expedientes, nunca recusando um serviço aos correligionarios, partidario devotadissimo, dotado de inexaurivel facundia, Candido representava inestimavel utilidade politica.

Distinguiam-n'o, por isso, os adversarios com animosidade especial, procurando baldadamente feril-o por meio do ridiculo, do aleive e da calumnia.



No ministerio Dantas, e, mais tarde, em opposição ao ministerio Cotegipe, Candido de Oliveira foi extraordinario de resistencia physica, perseverança, laboriosidade e engenho. Nesta ultima phase, falava todos os dias, sobre todos os assumptos, horas e horas, no mesmo alto diapasão.

Increparam-n'o de factos absurdos, quaes o de atrazar o relógio da Camara, no intuito de protrahir a hora da sessão, o de acaudilhar assuadas contra deputados hostis á situação, e quejandos. Si a increpação se produzia face a face não tardava rigida repulsa, pois Candido não tolerava que impunemente o atenassem.

Seus discursos constituíam excellentes arrazoados oraes, proferidos com ininterrupto calor, e torrencialmente. Infelizmente, o timbre da voz e o pórté não condiziam com outros predicados do emérito luctador, caracter nobre, como os successos vieram demonstrar.



X

FRANCISCO BELISARIO

Não tinha espontaneidade oratoria o celebre ministro da fazenda do ministerio Cotegeipe, mas a sua indisputavel competencia em assumptos economicos e industriaes, o seu aspecto fino e decidido, o feitio doutrinal das suas arengas captavam-lhe o acatamento e o interesse dos ouvintes. Sahia-lhe a plhrase difficultosamente; experimentava palavras até topar com a exacta e insubstituivel. Parecia antes um professor na sua cadeira, explicando pontos controvertidos, do que um funcionario prestando contas de seus actos. Apaixonado por indole, sabia reprimir-se.

Nunca se guindou a alturas transcendentales; nunca uma imagem; nunca uma locução, com pretenções a effeito litterario; nenhuma emphase. Clareza, bom



senso, sciencia, methodo eram os seus attributos. Não peccava entretanto, pela aridez e desgraciosidade.

Suas exposições financeiras marcaram época. Os empréstimos que realisou, a conversão dos juros da divida interna, —juros que reduziu de 6 a 5 por cento, — a recordação da sua aggressão material ao padre João Manoel, sua urbanidade algo desdenhosa, seus ademanes de *grand seigneur*, sua altivez espinhada, tudo lhe emprestava peculiar encanto e lhe conferia irrecusavel ascendente nos partidos gladiantes.

Provinha principalmente a sua força da segurança de idéas e do rigor mathematico das deducções em todos os seus trabalhos. Dahi o entono peremptorio com que elle se impunha. Invejavam-n'o muitos, aborreciam-n'o outros. Menosprezal-o ninguem.



XI

SAMUEL MAC-DOWELL

Casuistico memoravel, cheio de distincções e reservas, dotado de vasta sabença juridica e de fluencia caudal, Mac-Dowell tirava do menor incidente series e series de syllogismos. Tinha tambem abundante leitura das sagradas letras. Impressionava mais do que convencia e deleitava.

XII

ANTONIO PRADO

Perennemente macambuzio, parecendo de mau humor ou de volta de um enterro, falava como que a contragosto, zangado com o auditorio. Nos seus laconicos discursos havia, porém, limpidez e certa força. Davam-lhe influencia a gravidade natural da sua pessoa, sua avultada fortuna e sua numerosa e importante familia.



Seyès, no affirmar de Laboulaye, fez carreira porque nunca se riu e revestia o pouco que dizia de um ar mysterioso e profundo. Para a elevação de Antonio Prado talvez houvesse contribuido o seu ar de constante agastamento. Cumpre reconhecer nelle, todavia, um inspirador de confiança, um espirito atilado e resolutos.

XIII

RODRIGO SILVA

Gamenhamente trajado, guapo e esbelto, portando-se na Camara como em elegante salão, as suissas e o cabello de um negro luzidio que, attenta a idade do ministro, autorisava suspeitas, affavel para com todos, o referendario da lei de 13 de Maio possuia o *charme* a que nada resiste.

Conversador delicioso, com reputação de aventuras galantes, acudindo fagueiro ao menor appello, Rodrigo Silva, calmo



e cortez, falava habilidosamente, suscitando universal sympathia, deixando o adversario a sorrir e a murmurar: « que maganão! »

Alludia-se ao seu machiavelismo e cynismo elegantes. Percebia-se que apreciava o Governo com a sensualidade de um *gourmet*, tirando delle acendrados gosos, desconhecidos dos mais. Insusceptiveis de despertarem paixões, ou de imprimirem fortes ondulações ao pensamento, superficiaes e apraziveis, deslizando pelos assumptos com leveza e donaire, seus discursos eram antes delicadas *causeries*.

Digno ministro de uma senhora (Rodrigo servio a mór parte do tempo com a Princeza Imperial Regente), lembrava um pagem medieval, vestido de seda, gonfaloneiro de gentil pendão, capaz, entretanto, de gallhardias, de morrer mesmo pela sua dama,—um tanto corrompido e corruptor.



XIV

FERREIRA VIANNA

O eminente opposicionista da vespera prejudicou o ministro de Estado. As suas terriveis e legendarias apostrophes: — O Imperio é o *deficit*; quarenta annos de oppressões e usurpações; o principe conspirador; Cesar caricato e outras, proferidas pouco antes de Vianna subir ao poder; — seus doestos constantes á pessoa do monarcha, de cuja integridade mental chegou a duvidar, — doestos de tanto mais peso quanto partiam de um conservador, — constrangiam-n'o na posição de secretario da corôa, primeiro sob a Princeza, em seguida sob o proprio D. Pedro II.

Nunca alcançou no banco ministerial um só dos ruidosos triumphos a que outr'ora estava afeito. O deputado João Pennido o poz em serio embaraço, volvendo contra elle — ministro do Imperio — um



requerimento sobre a saude do Imperador que Vianna mezes antes formulara e cruelmente desenvolvera na tribuna.

Apezar de muito haver trabalhado naquella pasta e na da Justiça, durante o ministerio João Alfredo, seu lugar não é entre os ministros notaveis, mas entre os grandes oradores. Em todo o caso, não foi ministro subalterno ou vulgar.

*
* *

Ao lado desses, cujos perfis deixamos rapidamente esboçados, mereceriam outros referencia, não fôra o temor de alargar por de mais esta parte.

Assim, Franklin Doria, correcto ministro da guerra, instituidor da bibliotheca do exercito; Silva Mafra que ascendeu á pasta da Justiça, em virtude do renome adquirido como magistrado; Carneiro da Rocha, vivo, chão e captivante; Soares Brandão e Luiz Felipe, de fidalgas maneiras; Leão Velloso, provecto jornalista;

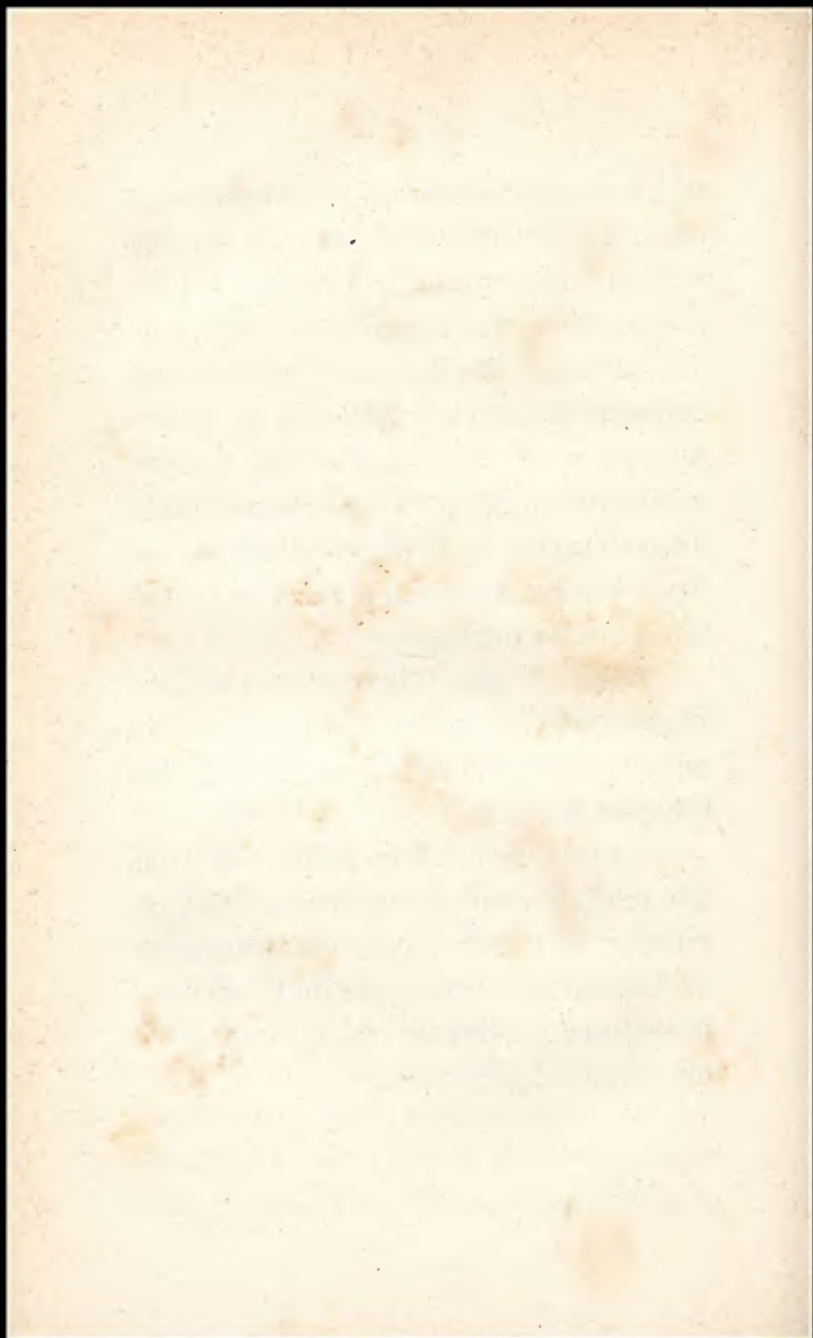


Eleuterio de Camargo, genuino representante do Rio Grande do Sul, só a invocar a sua heroica provincia; Alfredo Chaves, máo orador, mas acatado pela sua sisudez; Thomaz Coelho, agil politico, sem embargo da enorme adiposidade corporea, promotor de uma das mais recommendaveis fundações dos ultimos annos da monarchia, o Collegio Militar;— não deslustraram, antes ennobreceram os cargos governamentaes.

Outros, si não fulguram nos annaes parlamentares, salientaram-se nos da administração, nos da politica, nos das relações sociaes.

A carencia de faculdades oratorias não excluia a capacidade necessaria para membro do Poder Executivo. O visconde de Itaborahy e o marquez de S. Vicente, por exemplo, falavam mal e foram grandes homens de Estado.





IX

Os oradores

Sabiam todos, mais ou menos bem, dizer duas palavras em publico.

O habito de falar o deputado junto á bancada, sem a solemnidade da tribuna, favorecia as expansões oratorias. Raro foi o que atravessou a legislatura tendo deixado de intervir alguma vez nas discussões. De tal modo se familiarisava o maior numero com a arte de discursar, que abusava, já tomando excusadamente a palavra, a proposito de qualquer questiuncula, já sempre se alargando demasiado. Eram soliloquios inuteis de 2, 3 horas que poucos ouviam e ninguem lia.

Das centenas de oradores parlamentares que conheci, destacam-se 5, realmente extraordinarios, que impressionariam o



mais exigente e esclarecido congresso do mundo. Assisti a sessões nos principaes parlamentos da Europa e da America.

Em uenhum delles deparou-se-me talento de tribuna superior ao dos que passo a apontar, procurando discernir a caracteristica de cada um. Attrahiam esses concurrencia todas as vezes que falavam; possuiam a scentelha divina; empolgavam o animo dos espectadores; arraucavam applausos e commentarios que, repercutindo na imprensa, echoavam pelo paiz inteiro.

I

GOMES DE CASTRO

Baixo, retacado, um dos olhos defeituosos, como Gambetta, direito, a cabeça firme, Gomes de Castro não hesitava um segundo. Borbulhavam-lhe as phrases dos labios, como de inexgotavel manancial, sempre num jorro espesso. Tersa, impecavel, a linguagem. Quasi não fazia



pausas, não lia, não compulsava apontamentos, não bebia agua.

Prolongava-se diffuso o discurso, ora fervilhando, ora redemoinhando, ora se aquietando em remansos lyricos, porém constantemente copioso, vertiginoso mesmo.

Consistia a postura predilecta do orador em collocar a mão esquerda nas costas, gesticulando accentuadamente com a dextra. Dicção cadenciada, pureza na articulação. Orava commovido, possuido do assumpto. Por isso, conseguia commover os ouvintes. Trahia-se a commoção de Gomes de Castro na pallidez do semblante e na vacillação da voz, ao começar. Breve, o diapasão se firmava, tornava-se estridente, um tanto enrouquecido, no fim. A commoção continuava a se trahir no tremor, em certas occasiões bastante vivo, da mão collada ao dorso.

Gomes de Castro brandia o sarcasmo, usava de reteiradas apostrophes e prosopopeias.



Quanto ao fundo, conservador extremado, defendia causas pouco sympathicas ao povo, no qual, entretanto, seu turbilhão de palavras abria larga impressão.

Arguia-se-lhe o tom emphatico e antiquado, bem como certa vulgaridade de conceitos. Repetia-se.

Na verdade, dos seus famosos discursos apagada recordação ficou, por lhes faltarem idéas geraes, desprendimento das questões de momento, intuições de futuro,—elevação de vistas, em summa. Gomes de Castro, sem embargo do seu immenso talento, e da sua honradez, não era um estadista, um pensador. Não remontavam alto seus vôos, até mergulhassem no azul. Rectilíneos, rapidos, extensos, em sentido horizontal, não se afastavam da terra, onde, de ordinario, roçavam. O mais das vezes libravam-se nas regiões medias, em ultima analyse facilmente accessíveis.

Quasi nunca publicava na integra os discursos. Certamente muito perderiam



na leitura, despojados do calor e da paixão com que eram enunciados e constituíam o essencial do seu effeito.

Gomes de Castro jámais presidiu a um consideravel movimento de opinião, jámais dirigiu os proprios que mais o admiravam e applaudiam.

Porque? Porque, simplesmente insigne artista da palavra, falleciam-lhe os predicaos supernos dos guiadores de homens. Fallecia-lhe tambem porventura a ambição estimuladora desses.

A gente ouvia Gomes de Castro como se ouve um excellente tenor. Ficava encantada, batia palmas, mas não se julgava obrigada a deixar-se encaminhar por elle.

II

FERREIRA VIANNA

Completo actor da tribuna, possuia em sua lyra todas as cordas, — a comica, a dramatica, a tragica. Figura socrática,



enigmatica, expressiva mas desconcertante, fazia pensar na celebre sentença: a palavra foi dada ao homem para encobrir o pensamento.

Encetava o discurso lentamente, a voz cava, o ar humilde e monacal, olhos baixos, immovel, como a supplicar misericordia. Estabelecia-se immediato silencio: afinavam todos o ouvido para não desaproveitar uma syllaba daquellas ponderosas revelações. A pouco e pouco, a dicção se avolumava, ganhava consistencia, o gesto ia se desprendendo e se inflammando. E era um gozo escutar Ferreira Vianna. Ora pregador, ora tribuno, ora palestrador, brincava com a palavra, e a coloria, e a torcia, e a meneiava como perito artista o seu docil instrumento.

Aqui movimento e fervor, adiante calma e magestade, alem entonações burlescas, mais tarde indignação, zombaria, dôr, a ponto de se temer que lagrimas saltassem.



Ajuntai vastos conhecimentos philosophicos e historicos, aneddotas picantes, felizes achados de idéa e expressão, locuções lapidarias, muitas das quaes ficaram populares. A dicção, sempre rhythmica, não se accelerava nos episodios de mais força, guardando inalteravel correcção.

O que dava aos discursos de Ferreira Vianna sabor particular eram os sub-entendidos, as reticencias, as allusões maliciosas e veladas, frequentemente ferinas, á pessoa do Imperador. A par de trechos cuja harmonia, simplicidade e atticismo attingiam a genuina eloquencia classica, estalavam invectivas e epigrammas tão immerecidos quanto crueis.

A variedade dos tons, a propriedade da mimica e das attitudes, a profusão dos matizes autorisavam affirmar-se que Ferreira Vianna representava seus discursos, em vez de os proferir, regalando os olhos dos circumstantes, alem de lhes regalar a intelligencia e o ouvido. Tudo estudado e calculado, mas, — suprema victoria da



arte!—apparentando a frescura e a espontaneidade da improvisação. Até os algarismos eram artisticamente apresentados.

Quando se annunciava discurso de Ferreira Vianna, accorriam á Camara espectadores infalliveis, entre os quaes um compadre delle, chamado Barradas, que permanecia boquiaberto, em extasis, na frente do orador. « Lá vem o Barradas, dizia-se, — o Vianna vai falar. »

Uma feita o deputado Ratisbona, o qual tambem se collocava de pé, na bancada, ao lado de Ferreira Vianna, (muitos costumavam pratical-o) afim de gosar os minimos pormenores do espectaculo, tanto se enthusiasinou, após uma tirada de effeito, que tomou, fóra de si, o copo d'agua destinado ao orador, e, em lugar deste, ingeriu de um trago o liquido, no meio do espanto e da hilaridade geraes.

Afinal de contas, no conjuncto, era iconoclasta e destruidora a acção desses discursos. Conservador, não cessava Ferreira Vianna de desfechar tremendos



golpes contra as instituições imperiaes, buscando desconceituar sobretudo, directa e individualmente, o monarcha.

Em taes discursos encontram os republicanos abundante arsenal de armas para acommetter o antigo regimen.

Apezar da seriedade com que Ferreira Vianna a miudo manifestava seus sentimentos religiosos, de cuja sinceridade não é licito duvidar, ninguem alludia sem sorrir a similhantes manifestações.

A arte refinada deste eminente mestre da palayra muito encantou e divertiu seus contemporaneos. Mas parece que quem mais se encantou e divertiu com ella foi o proprio orador.

III

RUY BARBOSA

Este assombrava, como um phenomeno. Baixo, franzino, compleição morbida, parecendo insusceptivel do mais leve esforço e prestes a desfallecer,



falava duas, tres, quatro horas consecutivas, sem repousar, sem soluções de continuidade, sem se servir de uma nota, sem molhar a garganta, sem que um instante afrouxasse ou se empanasse o timbre de sua voz extensa e mordente.

Olhos semi-cerrados, por causa da extrema myopia, gestos escassos e vagos, quasi immovel na tribuna, á guiza de um somnambulo, physionomia impassivel, de sua bocca escorria ininterrupta, sempre cheia e volumosa, a caudal de palavras crystalinas. Prodigiosa machina de falar admiravelmente !

Nos pedaços mais aggressivos, a mesma uniformidade, identica attitude. A voz, pouco rica de timbres, apenas aqui e alli, no calir dos dilatados e sumptuosos periodos, tremulava adrede.

E que discursos ! Verdadeiros tratados sobre o assumpto, obras exhaustivas, edificios macissos e colossaes ! Encaravam a materia sob quaesquer aspectos imaginaveis, analysavam-na até á ultima



minucia, repletos de estupenda erudição, transbordantes de factos, datas, leis, nomes, commentarios, tudo, emfim.

A fórma, mais que correcta, burilada, com luxos de classicismo e termos raros, sempre litteraria e nobre, dir-se-ia esmeradamente trabalhada. Affirmava-se, por isso, que Ruy escrevia suas arengas, e, confiando-as á portentosa memoria, reproduzia-as, sem mudança de uma syllaba. Não o creio. Muita vez elle attendia ás interrupções, não dando á resposta o geito de dialogo, mas inserindo-a no corpo da oração que inalteravel e infundavel proseguia.

Maravilhoso sempre o effeito dessas orações, como de um facto fóra das normas geraes. Mas fatigavam pela monotonia da perfeição. Raro conseguiam os ouvintes prestar-lhe attenção continuada. Alternavam-se. Sahiam da sala acabrunhados, para respirar. Regressavam meia hora, uma hora mais tarde. Ruy lá estava immoto, emittindo da mesma maneira, as



mesmas cousas formosas, eruditas, preciosas, lembrando um mar sem ondas, sem ventos, immenso, mysterioso, infinito. Durante o discurso, todo igual, marmoreo e inexcedível, poucos applausos surdiam. No final, sim, o auditorio pasmado, chegava-se do orador—para o contemplar de perto, num mixto de curiosidade, enlevo e sagrado terror.

A' eloquencia de Ruy, sem altos e baixos, nem lampejos, ou, antes, um lampejo permanente, á sua facundia incomparavel, applica-se a reflexão de um viajante attonito ante a exuberancia e a magnificencia da selva tropical: a profusão das arvores não deixa apreciar a floresta.

IV

JOAQUIM NABUCO

A figura de Nabuco formava por si só o melhor dos exordios. Bastava assomar á tribuna para empolgar a attenção e a sympathia.



Muito alto, bem proporcionado, a cabeça e o rosto de uma pureza de linhas esculptural, olhos magnificos, expressão a um tempo, meiga e viril, nobre conjuncto de força e graça, delicado gigante, Nabuco sobresahiria em qualquer turba, typo de eleição, desses que a natureza parece fabricar para modelo, com cuidado e amor.

A voz estridulava como um clarim; dominava os rumores; cortava, penetrante e poderosa, as interrupções. De ordinario, despedia rajadas, como um latego sonoro. Não enrouquecia, antes adquiria, com o exercicio, vibrações cada vez mais metallicas e rijas. Voz de combate,—a do commandante excitando os soldados, no acceso da batalha.

A gesticulação garrida, as attitudes plasticas de Nabuco contribuiam para a grande impressão produzida pelos seus discursos. Consistia um dos seus movimentos habituaes em metter as mãos nos bolsos das calças, ou, então, em enfiar



dois dedos da mão direita na algibeira do collete. Desses e outros gestos provinha-lhe vantajoso ar de desembaraço e petulancia. Articulava syllaba por syllaba os vocabulos, sublinhando os mais significativos.

A tantos preciosos predicados, juntavam-se immensa verbosidade, vivaz imaginação poetica, corroborada por aturados estudos litterarios, fertil em radiantes metaphoras, enthusiasmo, natural eloquencia, inspiração. Nabuco, demais, sempre escolhia para thema assumptos levantados, — problemas sociaes, philosophicos e religiosos, de alcance universal. Fugia ás polemicas individuaes, ás intrigas da politiquice. Não se submettia á disciplina e ás conveniencias partidarias; desconhecia chefe.

A questão abolicionista attingira o auge, apaixonada e brilhante. Nabuco que já havia ligado seu nome á causa dos captivos, tribuno consagrado das victimas, reentrara na Camara, em 1887,



de modo excepcionalmente triumphante, — derrotando nas urnas o ministro do Imperio, Machado Portella, homem bom e influente, cujo desastre a todos surprehendera.

Concorriam nessa quadra em Nabuco copiosos e variados encantos : o de heroe da sociedade, o das viagens, em que convivera com as summidades estrangeiras, o de jornalista, o da popularidade, o da sublime bandeira que empunhava. A imprensa abolicionista vivia a endeosal-o. Tudo, em summa, cooperava para determinar e encarecer os seus inolvidaveis triumphos oratorios de então. Fascinava ; os proprios adversarios, que tamanhas superioridades irritavam, reconheciam-lhe e proclamavam-lhe o immenso valor. Accorria gente de todas as condições, numerosas senhoras para vel-o e ouvil-o. As galerias o aclamavam.

Mal o presidente proferia a phrase regimental : tem a palavra o Sr. Joaquim



Nabuco, — corria um calefrio pela assistencia excitada; electrificava-se a atmosphera. A oração não tinha um curso continuo e seguido : fazia-se por meio de jactos. Nabuco disparava um pedaço mais ou menos longo, rematado por uma citação justa; uma bella imagem, um *môt à la fin*. Parava, descançava, consentia que se cruzassem os apartes e os applausos.

Olympico, sobrepujando a multidão com a avantajada estatura, mauuseava vagarosamente as notas, sorria, os olhos entre-fechados, reflectia, aguardava a cessação do rumor, desprezava os apartes, ou levantava o que lhe convinha, e, de repente, partia em uovo arremesso.

Mal descerrava os labios, restaurava-se o silencio. Nem era possivel detelo mais. Continuasse o ruido, e a portentosa voz, a vertiginosa dicção de Nabuco prestes o abafariam. As perorações, de ingente sopro lyrico, eram cuidadosa e habilmente preparadas. Para ali a imagem mais pomposa, a declaração de maior



alcance, o gesto mais theatral. Provocavam estrepitosas ovações nas galerias.

Sentava-se Nabuco, e, durante minutos, ficavam os trabalhos virtualmente suspensos, enquanto não se esvaeciam as resonancias de seus possantes e magicos accentos, repercutidos no que a intelligencia e o coração possuem de mais elevado e sensível.

Talvez em epoca fria e normal e em discussões terra a terra, Nabuco não se mostrasse o orador extraordinario que foi no periodo abolicionista.

Ouvi-o, mais tarde, em brindes, numa conferencia de caridade, effectuada no Cassino Fluminense, a favor da Cruz Vermelha. Não parecia o mesmo.

Ainda dispunha de bellos predicaos oratorios, mas quão longe do brio, e do fulgor daquelle tempo !

Então, repito, alcançou incomparaveis triumphos. Poder-se-ia compor formosa anthologia das suas phrases conceituosas e eloquentes nessa data. Por exemplo, ao



receber o ministerio João Alfredo : « Não, Sr. Presidente, não é este o momento de se fazer ouvir a voz dos partidos. Nós nos achamos á beira da catadupa dos destinos nacionaes, e, junto della, é tão impossivel ouvir a voz dos partidos, como seria impossivel perceber o zumbir dos insectos atordoados que atravessam as quédas do Niagara. » Ou, a 8 de Maio, ao ser lido na mesa pelo ministro Rodrigo Silva, o projecto abolicionista, tendo pro-rompido prolongadas acclamações e ruidosas manifestações dentro e fóra do recinto : « Sr. Presidente, eu peço a V. Ex. e peço á Camara que tenham tolerancia para esta manifestação que o povo brasileiro acaba de fazer dentro deste recinto. Não houve dia igual nos nossos annaes. Não houve momento igual na historia da nossa nacionalidade. E' como si o territorio brasileiro até hoje estivesse occupado pelo estrangeiro e este, de repente, o evacuasse, e nos deixasse senhores da nossa vida nacional. »



Nestas occasiões, como em algumas outras, Nabuco attingio o sublime, pois em suas areugas perpassaram os brados de milhões de captivos, trisecularmente oprimidos, os reclamos do Direito, as imprecações da Liberdade.

V

ANDRADE FIGUEIRA

Neste, predominava o dialectico, o argumentador por excellencia. Pertenceria na antiguidade á escola de Megara, á escola eristica, celebre pelo ardor na disputa e só tendo em mira achar os pontos fracos do adversario.

Rigido, inflexivel, de uma coragem e uma independencia a toda prova, anatomiava os assumptos com logica implacavel.

Phrase prompta, naturalmente castiça, desataviada de arrebiques rhetoricos, abalava pelo cerrado do raciocinio, pelo solido travamento das idéas, pela inamolgavel applicação dos principios.



Estylo simples, sem vulgaridade, sobrio, impetuoso ás vezes, conservava sempre moldes classicos e polidos. Defensor imperterrito da autoridade, hostil a quaesquer reformas ou innovações, infenso ao espirito dominante em seu tempo, Andrade Figueira merecia ser ouvido com acatamento e agrado, graças á consciencia com que estudava as materias de que se occupava, á sua sinceridade, e á sua franqueza, — varão de outras éras, homem d'antes quebrar que torcer.

Admiraveis a sua hombridade e o seu civismo! Affrontava quem quer que fosse, si o que entendia seu dever lh'o prescrevesse. Nas replicas, encontrava salidas esmagadoras, das que os francezes chamam *boutades*.

Durante a agitação servil, advogou sem pausa, perseverante, intemerato, inexoravel os interesses dos senhores de escravos, após haver libertado todos os que possuia. Impugnou energicamente o projecto da lei de 13 de Maio, embargando-lhe



a marcha do modo a seu alcance, no meio de uma multidão allucinada que exigia a immediata adopção da medida e se enfurecia contra as demoras.

Ao ser votado o projecto em ultima discussão, o povo entregou-se no recinto da Camara a delirantes expansões de enthusiasmo, misturando-se com os deputados, abraçando-os, cobrindo-os de flores.

Andrade Figueira, sosinho, impassivel, permaneceu em sua cadeira, havendo antes protestado contra o que denominou a transformação da assembléa num *circo de cavallinhos*. E o povo o respeitou, rendendo homenagem á sua coherencia e inquebrantabilidade de crenças.

O unico desforço que a multidão tomou daquella attitude, um tanto provocadora, consistio em atirar para o lado de Andrade Figueira grande numero de ramalhetes. O destemido adversario da abolição, cada vez mais severo, ficou cercado de rosas e lyrios.



Andrade Figueira é a prova do quanto valem a firmeza e o vigor moral. Applicam-se-lhe os conceitos de Plutarco, relativamente a Phocion: « Cumpre attribuir aos costumes de Phocion o poderoso influxo de quaesquer plrases suas, porque numa palavra, num gesto, num simples aceno de cabeça, provindo de um homem de bem, ha mais eloquencia e mais força de persuasão de que em longas congéries de bellas expressões e de flores de rhetorica oriundas de um palrador. »

Pectus est quod disertos facit, — ensinou Quintiliano.



X

Outros oradores

Ao lado dos cinco insignes oradores de que tratamos, outros se salientaram, mas em menor escala. Mencionarei apenas alguns, porque, como já disse, todos sabiam falar, muitos imprimiam ao debate elevação e solemnidade. A Camara apresentava então um conjuncto digno de um povo culto.

Entretanto, de tantas justas oratorias pouco, quasi nada sobrevivem. Porque? Porque mais ephemera do que a gloria da tribuna, só a do palco. O actor morre por inteiro, e o orador morre por metade, escreveu Victor Hugo. A metade restante do orador está no discurso redigido e emendado, depois de proferido: subsiste nos



raros casos em que ao orador se allia o escriptor.

José Marianno, o famoso tribuno de Pernambuco, agitador de paixões populares, voz pujante, desabrido, falava horas e horas no mesmo diapasão tempestuoso. Ulysses Vianna e Aristides Spinola forneciam uteis informações, collidas em meticoloso estudo. Antonio de Siqueira, conhecido por A. de Siqueira, um tanto gago no começo da sua carreira publica, tornou-se conceituado especialista em assumptos financeiros.

Cumpre não esquecer: Prado Pimentel, gracioso e avelludado; Cezar Zama, tribuno do genero José Marianno, porém mais parlamentar; Duque Estrada Teixeira, apaixonado e loquaz; Pereira da Silva, torrencial, formigando de algarismos; Lacerda Werneck, claro expositor das necessidades agricolas; Martim Francisco, personificação da bondade, esplendido improvisador; Martim Francisco Junior, espirituoso, erudito, original no fundo



e na forma; Amaro Bezerra, enorme, lembrando uma balêa (alcunharam-n'o — a *tintureira*) aggressivo, ejaculando os mais contundentes desaforos com inalteravel placidez; Ratisbona, sempre risonho, typo de rabula politico, celebre pelas suas contradicções, *pau para toda obra*, ao que se affirmava, occupando a tribuna sessões inteiras, sem nada affirmar ou negar definitivamente; Benedicto Valladares, exuberante, illustrado e tenaz; o padre João Manoel, de preferencia pregador de sermões; Coelho Rodrigues, picante, minudencioso, pugnaz, autoridade em direito positivo; Duarte de Azevedo, reputado jurisconsulto, affavel e persuasivo, — e tantos mais, cujo perfil ficou delineado entre os dos presidentes da Camara e os dos ministros.

Em 1886, appareceram dois moços que promettiam muito, como oradores: Jayme Rosa e Junqueira Ayres, este da Bahia, aquelle do Piahy. Suas estreias causaram sensação. Morreram ambos sem realizar o



que annunciavam. Junqueira Ayres figurou sob a Republica, mas apagadamente.

Em 1884, sob o ministerio Dantas, sahiram eleitos tres republicanos declarados — Alvaro Botelho, Prudente de Moraes e Campos Salles, os dois ultimos predestinados a chefes de Estado, cousa que provocaria riso na occasião, si alguem o asseverasse.

Precedia os futuros presidentes da Republica larga nomeada. A Campos Salles, sobretudo, imputava-se desmarcada capacidade oratoria.

A situação excepcional em que se achavam, a significação da sua victoria eleitoral, a excitação dos animos, a relevancia dos interesses em debate tornavam impacientemente esperadas as primeiras manifestações dos dois inimigos das instituições monarchicas.

Começaram a desilludir a espectação prestando, sem reluctancia, nem restrições, o juramento prescripto pelo regimento interno da Camara, o qual rezava



assim : « *Juro aos Santos Evangelhos, manter a religião catholica, apostolica romana, observar e fazer observar a Constituição, sustentar a indivisibilidade do Imperio, a actual Dynastia Imperante, ser leal ao Imperador, zelar os direitos dos Povos e promover, quanto em mim couber, a prosperidade geral da Nação.* »

Falou cada um delles meia duzia de vezes, no correr de sete mezes, de Fevereiro a Setembro de 1885, em que figuraram no Parlamento. Votaram correctamente a favor do ministerio Dantas, collocando a idéa abolicionista acima da opposição radical.

Qual a impressão geral por elles produzida ?

Prudente de Moraes, pela simplicidade de seus modos, pela sua modestia e retrahimento, cedo se impoz ao acatamento de seus collegas. Seus discursos, recheiados de cifras e referencias a relatorios e outros documentos officiaes, demonstravam applicação, espirito analytico,



seriedade; mas quão compridos, quão monotonos! Em ultima analyse, anodinos, delles nenhum damno resultou para a monarchia. Prudente foi escutado com attenção até ao meio do primeiro discurso. Do meio para o fim, houve debandada. Perseverou limitado numero de auditores. Identica debandada occorreu nas outras occasiões, aliás raras, em que a figura espectral do Dr. Prudente, sobraçando papeis e calhamaços ameaçadores, se alçou na tribuna.

Coube-me a honra de presidir a parte principal da sessão em que o Sr. Campos Salles estreiou, — Abril de 1885. Eu era primeiro secretario e apoiava o ministerio Dantas. O presidente Moreira de Barros e os vice-presidentes estavam em opposição, conforme já referi. Moreira de Barros desceu da cadeira presidencial para, na bancada, apresentar e sustentar uma moção de desconfiança contra o gabinete que esperava derribar nesse dia. Não quizeram os vice-presidentes assumir



a direcção dos trabalhos, afim de votar no sentido da moção. A maioria do ministerio cifrava-se em dois ou tres votos; convinha á opposição tudo aproveitar para destacar della um nome que fosse. O primeiro secretario na presidencia (o presidente não votava) equivalia a um voto perdido para Dantas. Em virtude dessa manobra, presidi, pois, á sessão, — a Camara repleta de povo ancioso e agitado.

Após varios discursos fogosos, no debate da moção, levantou-se Campos Salles, em meio de augusto silencio, para declarar qual a attitude dos republicanos, em face do governo emancipador. Presidente não havia ainda estreiado. Militavam em prol de Campos Salles todas as circumstancias para immenso triumpho.

Sen discurso, a favor da politica abolicionista de Dantas, não foi máo, mas tambem não foi o que se aguardava. Revelando altisonantes pretenções, mostrou-se muito inferior aos grandes oradores



da Camara. Voz potente, elocução des-
embaraçada, cheio de si, encarnava o
typo do orador *ronflant*, ou o dos actores
de pequenos theatros, que, representando
papeis ferozes, esbugalham os olhos e
berram, sem medida no gesto e na dicção.
Pronunciava a palavra — *republica* —
com muitos *rr* e a palavra — *pôvo* — com
muitos *ôô*, arrastando a lingua, esforçan-
do-se por emprestar entonações tragicas
e mysteriosas aos lugares mais com-
muns.

Mediocre o effeito dessa e das seguin-
tes, — pouco abundantes, — arengas de
Campos Salles. Applaudiam-n'o os ami-
gos e os descontentes da monarchia, —
porém sem convicção. « Só isso!... »
murmurava-se.

Não fôra justo acoimar de corriqueiro
o republicano paulista: sabia tirar soffri-
vel proveito dos erros dos partidos mo-
narchistas; defendeu decentemente o seu
ideal; fez mesmo algumas prophcias,
demonstradoras de esperteza e espirito

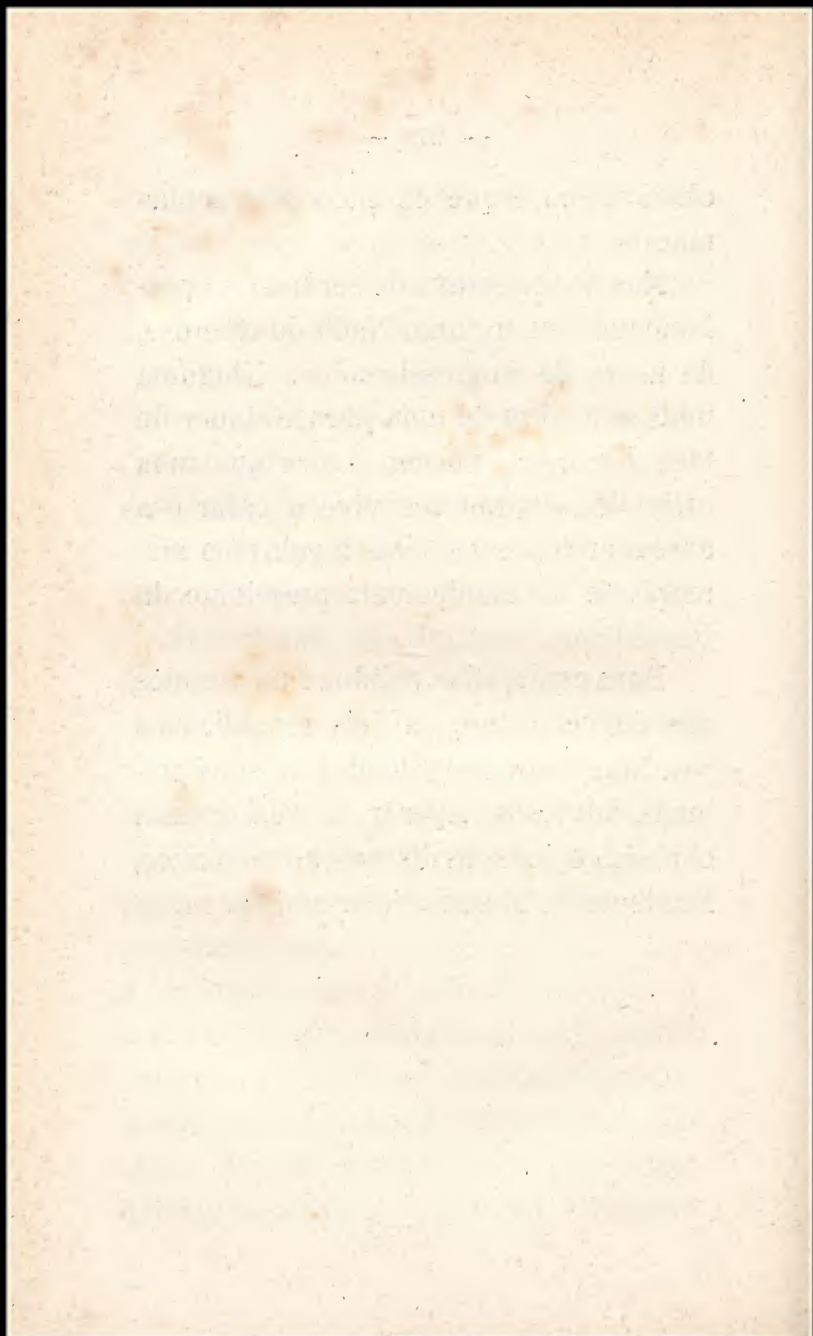


observador, e que os successos confirmaram.

Mas, longe estava de ser notavel parlamentar, ou tribuno. Nada de alteroso, de novo, de impressionador. Ninguem mais se lembra de uma phrase sequer de taes discursos, mesmo agora que uma turba de admiradores vive a catar e a apregoar todos os actos e palavras memoraveis do omnipotente presidente da Republica.

Bons camaradas, polidos e moderados nas conversações, os dois republicanos paulistas ficaram estimados de seus collegas adversos. Apesar da sua tristura chronica e dos seus discursos enfadonhos, Prudente de Moraes tinha mais peso.





XI

Deputados notaveis

Merecem classificação especial alguns que não exerceram cargos publicos, não intervieram assiduamente nos debates, não dispunham de grandes dotes oratorios, mas possuiam superioridade ou originalidade que os collocava em relevo.

Paulino de Souza, por exemplo, o ponderado e formalistico chefe conservador, eminente por mais de um titulo, assignalou-se, sobretudo, pela reverencia, quasi culto, que lhe tributavam numerosos correligionarios. Certo grupo só via pelos olhos d'elle e lhe obedecia passivamente.

Alto, magro, calvo, de oculos, ceremonioso em extremo, dando a todos—Excelencia, unctuoso, escassas e breves vezes falou. Sentia-se, porém, em tudo a sua



acção diligente, destra e efficaç. Só pedia a palavra em lances solemnes, após graves incidentes parlamentares, para, em nome de seus amigos, formular reclamações, manifestar queixas, lavrar protestos. Lafayette comparou, por isso, essa funcção de Paulino á do côro, na tragedia antiga. Paulino susceptibilisou-se, e retorquiu á provocação de Lafayette, então presidente do conselho, com altivo discurso, de castigado estylo e elevadas idéas, — prova de que, em querendo, sabia falar bem. O dom indefinivel de gerar confiança nos outros, — eis o seu caracteristico essencial.

Alfredo de Escragnolle Taunay era famoso pelas suas obras litterarias, pela expedição á Matto Grosso, durante a guerra do Paraguay, expedição de que fizera parte e que descrevera na magnifica — *Retirada da Laguna*, — pela multiplicidade de seus talentos, entre os quaes o de compositor e pianista, pela sua aceitação na alta sociedade. Orava com dicacidade, abundancia e engenho, mas de ordinario



não agradava na tribuna. Aspera a voz, com sotaque estrangeirado, o tom aggressivo, a graça forçada. Proclamava-se conservador, e pregava idéas, mais que generosas e adiantadas, — revolucionarias. Descontentava assim seus correligionarios, sem captar a confiança de seus adversarios, a quem tratava com empáfia irritante.

Na convivencia intima, captivava pela chaneza do proceder, pela conversação affavel, erudita, engraçada, opulenta de observações pittorescas, — chronica animada de homens e acontecimentos.

Desvaneciam-se as prevenções contra elle desde que, tratando-o de perto, se conhecia a sua lealdade e lisura. Alguns de seus discursos transcendiam o nivel commun dos debates, ventilando questões artisticas, versando sobre assumptos musicaes, sobre Carlos Gomes, sobre José Mauricio Nunes Garcia, de cuja gloria, mormente da do ultimo, foi incançavel paladino.



Em 1883, na celebre polemica acerca da pasta da guerra, descarregou-lhe Carlos Affonso rijos golpes da sua veia causica. A Camara inteira riu-se á custa de Taunay. Elle, entretanto, passado o primeiro periodo de resentimento, pois era summamente brioso, não se mostrou inimigo de Carlos Affonso, antes lhe reconhecia a hombridade e o sal. Com outros que o offenderam portou-se magnanimamente. Era, no fundo, verdadeiro fidalgo, como o seu nome indicava.

Antonio Felicio dos Santos, conversador delicioso, espirito irradiantemente facetado, propenso ao paradoxo, emittia idéas, a um tempo, spencerianas, positivistas, liberaes-radicaes, autoritarias, scepticas e catholico-romanas. Encontrava constantemente novidades a desenvolver, com inexcedivel *verve* de conferenciador. O seu ponto de vista, em qualquer materia, não se parecia com o dos mais. Medico, jornalista, industrial, financeiro, dotado de illustração variadissima, a



intelligencia de Felicio dos Santos lembrava claro e vasto salão, mobiliado de preciosidades, mas onde tudo, quadros, estatuas, flôres jazesse fóra do seu lugar, sem methodo ou harmonia.

Souza Carvalho tinha má fama. Attribuiam-lhe falta de escrúpulos, baixos costumes. Descreviam-n'o mettido sempre em transacções equivocas, de que colhia enormes proventos, genuino e perigoso traficante politico. Muito desbocado, empregava phrases de revoltante desfaçatez.

Gorducho, curvo, cabello e bigode pintados, sorriso cynico nos labios bambos, olhos semi-fechados, como cahindo de somno, apparecia, arrastando-se, no meio da sessão, atirava-se a uma cadeira, onde dormitava, ou fingia dormir, levantava-se, de repente, e sahia, esboçando um gesto de pouco caso. Uma ou outra vez titubeava (era gago) a partes picarescos que provocavam hilaridade, ou ouvia algum discurso, de pé, com a mão espalmada junto ao pavilhão da orelha.



Diziam-n'ó habilissimo, intrigante, terrivel inimigo, excellente amigo. Escrevia bem. Muitos dos que mais apparentavam desprezal-o, temiam-n'ó, e, cobardemente, fugindo delle no recinto, corriam ao seu encalço nos corredores, bajulando-o.

Nunca se provou cousa nenhuma contra a sua atacada probidade. Ao morrer, verificou-se ser pauperrimo.

O Dr. José da Silva Maia, distincto medico, popular no Maranhão, todo esca-nhoado, parecido com Thiers, menos os oculos, sempre de preto, nunca falou, nunca deu um aparte, com raros collegas discorria, a poucos mesmo cumprimentava. «Um esquisitão!» commentava-se.

Quedava immovel no seu lugar, na bancada mais alta, votando disciplinarmente com o seu partido. Pensei não me conhecesse, pois nos encontravamos assiduamente na assembléa e na rua, sem a mais leve saudação. Em 1883, de viagem para os Estados Unidos, desembarquei no Maranhão. Topei com o Dr. Maia num



bonde. Não o cortejei, como de costume. Imaginem o meu espanto quando o velho facultativo estendeu-me a dextra, sorrindo e exclamando :

— Oh ! meu caro collega, então por estas paragens ! ? Que agradável surpresa !

E convidou-me para sua casa, acompanhou-me na visita á cidade, cumulou-me de atenções.

— Bom ! — julguei, — cahi nas graças do esquisitão !

Mezes depois, de regresso ao Rio de Janeiro, a primeira vez que vi o Dr. Maia, na Camara, dirigi-me alegremente para elle. Acolheu-me tão seccamente que me afastei, sem lhe apresentar os agradecimentos que projectava. Dahi a dias, estavamos tão indifferentes um ao outro como dantes. O homem só era polido e affavel no Maranhão !

Antonio Pinto de Mendonça, tribuno incorrecto mas de longo folego, prestou bons serviços á causa abolicionista.



Thomaz Pompeu de Souza Brazil, leitor infatigavel, sempre a par dos ultimos livros publicados, esquivo á tribuna, patenteava nas palestras solida e extensa erudição.

Bulhões Carvalho, egregio romanista, nobre character, fazia discursos laboriosos, de muito fundo; tardava-lhe a phrase, mas vinha justa e insubstituivel.

Anisio Salathiel Carneiro da Cunha, velho casquilho, gritador e atrevido nos discursos, aprazivel nas relações particulares, dedicadissimo aos amigos; Joaquim Tavares de Mello Barreto, como Leopoldo de Bulhões, modesto, illustrado trabalhador; Rosa e Silva, entendido em assumptos financeiros, e, á semilhança de Peretti, Barros de Lacerda, Henrique Marques, Alcoforado Junior, Gonçalves Ferreira, de quasi todos os representantes de Pernambuco, homem de fina educação, modos aristocraticos; Francisco Ildefonso Ribeiro de Menezes, retrahido, obscuro, repositório animado de



factos eleitoraes no Brazil; o barão de Estancia, escondendo, sob o aspecto crasso, muita esperteza; Antonio José Henriques, excessivamente feio, alvo de geraes gracejos, por motivo dessa fealdade, velho e experimentado funcionario publico; o barão, depois visconde do Gualhy, seccarrão, muito rico, pronunciando pequenas orações financeiras, applaudidas de certo grupo; Rodrigues Lima e barão de Villa da Barra, medicos insignes, este ultimo bom litterato; Araujo Pinho, digno genro do barão de Cotegipe, fino e malicioso critico dos trabalhos alheios; — todos esses não passaram despercebidos.

A Fernandes de Oliveira precedera extensa fama de orador adquirida no cargo de promotor publico da cidade do Rio de Janeiro. Tão afeito se achava elle á rhetorica judiciaria que, no meio do discurso de estreia, dirigiu-se aos deputados chamando-lhes *senhores jurados*, o que suscitou interminaveis gargalhadas. Em



seguida, alludiu, a proposito nem mais me occorre do que, á *rosa de Malherbe*. A imprensa calhiu-lhe em cima, com motejos sem fim. Fernandes de Oliveira intimidou-se; recolheu-se ao silencio.

Bezerra de Menezes, muito calumniado, coração puro, alma bemfazeja, vivia a cirandar para attender aos seus numerosos eleitores e amigos do Municipio Neutro.

José Luiz de Almeida Nogueira, estudioso, exprimindo-se amenamente, bello homem, de agigantado porte, espessa barba negra, cognominavam-n'o os proprios correligionarios *José Fardão*, porque, — caso talvez unico, — mandara fazer farda de deputado, logo que se viu eleito pela primeira vez. Com o vistoso uniforme a todos desconhecido, apresentou-se — ao que se narra, — em S. Paulo, num baile official. Causou sensação. Depois disto, pronunciou bons discursos, manifestou-se intelligente e erudito, excellente camarada. A nada disso se attendia: era



falar-se em Almeida Nogueira, vinha logo á téla o famoso fardão.

Felisberto Pereira da Silva, formado em direito, havendo frequentado o curso de mathematicas, possuia vastos e variados conhecimentos. Pertencia ao reduzido grupo dos que nunca se abalançaram a orar. Encyclopedia ambulante, citava a cada passo anedotas biographicas, ditos celebres, trechos de escriptores classicos.

Ignacio Martins, depois Visconde de Assis Martins, activo opposicionista, tirava immenso partido da sua perfeita sciencia do regimento da casa.

João Penido, velho de aspecto venerando, revelava muita independencia e formulava grandes verdades num rude estylo original. Occorriam-lhe réplicas felizes. « O Sr. deputado está de miolo molle » — atirou-lhe um collega moço e de curtas vistas. « E o Sr. sempre o terá duro » — retrucou Penido.

Mãnoel José Soares, negociante rico, banqueiro, encetara a vida, ao que se



asseverava, como tropeiro. Chegou a Senador do Imperio. Conservador moderado, fazia curtos discursos demonstradores de bom senso, e os mandava reproduzir nos *a pedidos* de todos os jornaes. Em 1893, durante a revolta da armada, suicidou-se, enforcando-se, sem que se saiba o motivo exacto dessa desgraça.

Dos mineiros, no meio de varios homens simples e vivos, sobresahiam : — Silviano Brandão, geitoso, perennemente risonho, abraçador ; Matta Machado, insinuante, generosissimo coração ; Carvalho Rezende, partidario ferrenho, doutrinario ; Olympio Valladão, intelligencia pratica, limpido character ; Carlos Peixoto, politico extremado, intelligente e affavel, debaixo de modos rebarbativos ; Eduardo Mountandon, medico do sertão, voz grossa, sympathicas maneiras de camponio ; Barros Cobra, criterioso e illustrado, mas muito surdo.

Joaquim Vieira de Andrade, igualmente do interior de Minas e medico de



primeira ordem, caracterisava-se pelo excessivo escrupulo no desempenho das suas obrigações,— verdadeira monomania do dever. Exaggeradamente religioso, caritativo e casto, incapaz de um juizo temerario e de uma proposição menos segura, gastava o subsidio em esmolos, ou o remetia á mãe, reservando para si apenas a quantia indispensavel á alimentação, vestuario e transporte. Nunca faltou a uma sessão. Sentava-se na bancada estritamente á hora regimental e só se levantava, findos os trabalhos. Nem para attender a quem o procurava ou para satisfazer necessidades physicas, arredava pé do seu lugar, o que lhe prejudicava a saúde. Estudava todos os projectos, ouvia todos os discursos, votando sómente depois de acurado exame de consciencia. Confessava-se de semana em semana e assistia á missa quotidianamente. Cifrava-se seu divertimento unico em ir, de quando em quando, ao theatro lyrico. Conhecedor profundo de musica, seguia na partitura



a opera cantada, indignando-se si supprimiam ou modificavam algum trecho. Dava consultas clinicas a dezenas de collegas, antes de principiar a sessão, sempre prompto a prestar serviços, desde que não preterisse assim a fiel execução do que lhe competia. Typo de austeridade, virtuosissimo, para elle a deputação importava em arduo sacrificio. Morreu doido.

Monteiro Manso, medico republicano mineiro, teve um minuto de nomeada. Ao ser introduzido no recinto para prestar o juramento regimental, declarou que não podia fazel-o. Advertindo-lhe o presidente ser essa formalidade indispensavel, Monteiro Manso, não querendo seguir o docil procedimento dos Srs. Prudente de Moraes e Campos Salles, insistiu em se não sujeitar ao juramento, porque, disse, lhe contrariava as convicções. Convidou-o o presidente a retirar-se até que a Camara resolvesse.

Originou-se do incidente violento debate. Decretada a elegibilidade dos



acatholicos, não podia logicamente ser condição imprescindível, para entrar alguem na Camara, o juramento de defender a religião catholica, apostolica, romana, conforme a formula consagrada. Não se admittiria querer o legislador constri-ger a quem quer que fosse nas suas crenças, menos aos representantes da nação.

Essas razões actuaram, e, após longas controversias, durante 5 dias, reformou-se o regimento da Camara, inserindo-se nelle a disposição de que seria dispensado de prestar juramento o deputado que manifestasse á Mesa ser tal juramento contrario ás suas crenças ou opiniões politicas. Que immensa prova de sua tolerancia deu assim a assembléa, cuja maioria era conservadora !

O heróe desta revolução regimental, — figura magrissima, com um dente de onça por ornato na cadeia do relógio, — depois de informar que mantinha a declaração anterior, occupou o seu lugar, em Abril de 1888, acclamado por estrepitosas



palmas nas galerias. A imprensa apregôou-lhe o nome, estampou-lhe o retrato, celebrizou-o.

Nada mais fez Monteiro Manso,—cujo temperamento, aliás, condizia com o seu nome,—á excepção de um requerimento redigido nestes termos: «Requeiro que se informe á esta Augusta assembléa, por intermedio do Sr. Ministro da Guerra, o seguinte: 1.º Em que character está viajando por Minas Geraes o Sr. D. Pedro Augusto? 2.º Si é como particular, á custa de quem?»

Obvio era que a pasta da guerra não lograria, a despeito da melhor vontade, fornecer os esclarecimentos impetrados, com ignorado intuito, pelo intransigente republicano.

Os proprios amigos não apreciaram o requerimento, cujo unico effeito foi aluir a ephemera celebridade do autor. Monteiro Manso recolheu-se então a completa inacção e silencio. Sob a republica, exerceu modestas funcções policiaes.



XII

Traços psycholicos de alguns deputados

Sendo o Parlamento um posto de grande evidencia e constante exhibição, produz commummente nos que delle fazem parte a hypertrophia do eu, o exhibicionismo. Aggravam esse estado a concurrencia, a ambição irrepressivel de sobresahir, para governar. Dahi a *pose*, a pretenciosidade de quasi todos os representantes da nação. Raro o sinceramente modesto e subordinado. Os que o parecem, praticam-no, no geral, por calculo, acreditando que melhor dest'arte conseguem os seus fins.

A designação eleitoral, o triumpho nas urnas, excita-lhes o amor proprio. Acham-se convencidos de que possuem innegavel



merecimento e são aptos para qualquer cargo, dignos das maiores grandezas.

Numa vasta reunião, quem quer chamar a attenção sobre si fala alto, força a nota.

Provém disso a exaggeração de attitude, de opiniões, de paixões, de melindres tão vulgar nas assembléas.

Constituindo a imprensa o vehiculo por excellencia da notoriedade, voltam-se os deputados para ella. Vivem alguns a bajular os jornaes e os seus mais subalternos agentes ; tornam-se intimos dos *reporters*, empregando indecorosos manejos para ver o nome assiduamente nas folhas. Mal chegam ao Rio, visitam as redacções, das quaes se despedem, ao partir. Remettem-lhes bilhetes e telegrammas, fornecem-lhes noticias, abundam em agradecimentos e rectificações.

Outros demoram-se a palestrar nas ruas frequentadas, não perdem solemnidades e divertimentos publicos, mostram-se em toda parte. Consiste o systema



de terceiros nas visitas constantes aos poderosos do dia, ou aos poderosos do dia seguinte, aos *coming men*.

Gastam precioso tempo no desempenho dos chamados deveres sociaes. Esforçam-se por adquirir intimidade em casa dos ministros, conquistam as boas graças da familia destes, tornando-se-lhes uteis, indispensaveis, de modo a apprehender particularidades reservadas da administração, segredos mesmo do Estado. E como bufam privança, prestes a trahir, entretanto, em se lhes azando proveitoso ensejo!... Matar para roubar, isto é, derribar o ministro, para lhe tomar a pasta, é licito e commum nas altas regiões politicas. Perante a galeria, affectam esses, relativamente aos ministros, convivencia mais estreita que a real: conversam baixinho, de momento a momento, com elles, tomando ares confidenciaes, sorrindo mysteriosamente.

Os habeis adulam ostentando altivez, referindo-se cada instante á independen-



cia do seu character, fazendo praça de sentimentos raros, narrando casos em que tomaram tão imaginarios quão energicos desforços. A lisonja, depois disto, cala mais.

Julgam outros relevantissimos quaesquer discursos que profiram, e mandam transcrevel-os em todas as folhas, não contentes com a publicidade do *Diario Official*. Verdade é que, segundo Ferreira Vianna, quem quizesse guardar um segredo devia dal-o á estampa nesse *Diario*. Mandam ainda taes deputados reduzir os discursos a folheto, e profusamente os distribuem pelos jornaes, parentes, amigos e eleitores.

Outros tomam aspectos impenetraveis, pouco saem, caminham cheios de sufficiencia, de cabeça alta, evitam desperdiçar em conversas seus graves pensamentos, e, si se dignam de o fazer, é por méra complacencia, deixando transparecer nos minimos gestos mundos de superioridade.



Convertem outros a probidade numa profissão: são os Catões, que procuram abrir caminho alardeando a propria honradez e depreciando a dos mais.

Typo banal é o deputado trefego e intrigante, amigo de contar novidades, sempre bem informado, a par da biographia alheia, fertil em combinações, projectos e planos de futuro, falando baixo, com reticencias continuas, pedindo segredo.

Para alguns, a deputação é um divertimento. Casados, deixam as esposas na provincia e levam no Rio folgada vida de solteiro, frequentando theatros e lugares equivocos.

Não se olvidem os que realisam economias, residindo por favor no segundo andar de estabelecimentos commerciaes, comendo á mesa dos caixeiros. Casas de commissarios de café transformavam-se em verdadeiros hoteis, alojando mezes inteiros dezenas de hospedes, recommendados pelos freguezes do interior.



Apontavam-se a dedo os deputados abastados, os que montavam installação luxuosa, dando reuniões e festas. Apontavam-se tambem aquelles cujas esposas e filhas, mettidas a politicas, frequentavam as tribunas da assembléa e discorriam sobre a cousa publica.

Resunhia-se a actividade de outros em entreter constante correspondencia com os eleitores e com as influencias da epoca. Dirigiam-lhes prolixas epistolas, a respeito de tudo, respondendo pacientemente ás mais insignificantes missivas. Submettiam-se incondicionalmente aos chefes eleitoraes, receiosos de desgostal-os, executando-lhes as encommendas, satisfazendo-lhes as exigencias, importunando as autoridades por causa delles, tudo pelo receio da não reeleição. E quando vinha ao Rio um desses chefes sertanejos!... Oh! Cumpria obsequial-o, apresental-o ás summidades, proporcionar-lhe ensejo de assistir ás sessões, ajudal-o nos seus negocios, de modo que o homem levasse e



communicasse aos conterraneos impressões agradaveis, prestando testemunho da boa vontade e importancia do seu representante.

Não faltavam os receiosos da febre amarella, os que, collocando a sua commodidade e segurança acima de qualquer conveniencia publica fugiam do Rio, succedesse o que succedesse, mal se renunciava a epidemia. Não faltavam igualmente os que tiravam da deputação o maior numero possivel de pequenos proveitos: serviam-se para a correspondencia particular do telegrapho e do papel da Camara, occupando em serviços pessoaes os empregados desta.

Não faltavam ainda casos de doblez, como o seguinte: por occasião da quêda de um gabinete, no interregno parlamentar, um deputado de provincia maritima, utilizando-se da sahida rapida de um vapor, escreveu, ao mesmo tempo, a um dos ministros demissionarios e ao opposicionista que mais concorrera para a crise



ministerial e naturalmente subiria ao poder. Ao ministro demissionario apresentava condolencias, declarando que o paiz ia soffrer profundamente com a exoneração dos patriotas que o estavam beneficiando. Ao contrario, congratulava-se calorosamente com o opposicionista, pela quéda dos sujeitos sem idoneidade que levariam a Patria ao abysmo. Imaginem que, na precipitação da remessa, troca os enveloppes, de modo que o ex-ministro recebeu a carta de parabens e o opposicionista a de manifestações de pezar. Eram camaradas, de fórmula que um obteve do outro ajuntar e conservar as duas epistolas antinomicas, redigidas á mesma hora, com a mesma penna, no mesmo papel.

A natureza dos sentimentos partidarios characterisa-se no seguinte bilhete, endereçado por um mandão local a influente senador com quem esfriara relações:

« Exmo. Amigo e Senhor. — Constando-me que vai para o governo o illustrado partido de V. Ex., apresso-me, indagando



si isso é verdade, em pedir noticias da preciosa saude de V. Ex. e da Exma. Familia.» O Senador respondeu: «Ilmo. Senhor. — Como não se confirma o boato da ascensão de meu partido ao governo, deixo de lhe mandar noticias da minha saude e da minha familia.»

Mas, a par desses deputados, cujas mazellas indicamos, no intuito de evitar se reproduzam, varios se enumeravam estudiosos, de exemplar procedimento, ajudados só do seu talento, applicação e character. Trabalhavam, aprofundavam os assumptos, para os votar convictamente, embora a maioria só se pronunciasse por disciplina partidaria.

Deputado traficante, especulando com o seu diploma, não o conheci, nem que ousasse advogar despejadamente na tribuna o seu interesse privado: a censura dos collegas, a propria inveja destes, serviria de fiscalisação e correctivo.

Homens de variadas procedencias e profissões, advogados, padres, medicos,



negociantes, militares, engenheiros, lavradores, portavam-se com decóro, guardavam certas formulas de deferencia reciproca, sem que nenhum houvesse praticado acto escandaloso, profligado pela consciencia publica. Nenhum foi processado criminalmente em meu tempo.

As relações entre os collegas eram no geral cordiaes, sobretudo entre representantes de provincias differentes, não divididos por interesses de partidatismo local. Nas palestras das ante-salas, trocavam-se instructivas observações sobre costumes, necessidades, tradições do Brazil.

Travavam-se amizades que sobreviavam á separação e duravam sempre.

No julgamento dos discursos e trabalhos, notava-se mais justiça e isenção nos adversarios do que nos correligionarios concurrentes. Era commum o vexo de profligar os amigos, com modos de magoa, affectando sentimentos imparciaes,— como se doesse falar a verdade, á qual



tudo sacrificavam. «Sou muito amigo de fulano, sinto muito, mas...»

Em ultima analyse, provinham estes e outros defeitos, não tanto do systema parlamentar e do meio especial por elle criado, como da educação geral do paiz. A Camara daquella epoca, por grandes que fossem os vicios das eleições, (e iam-se corrigindo) representavam verdadeiramente o Brazil. Os deputados eram a expressão genuina, sinão da vontade declarada, ao menos da intelligencia e da moralidade nacionaes contemporaneas. Nenhum homem illustre e popular viu-se constante e acintosamente excluido do recinto legislativo. Collaborou nas tarefas parlamentares tudo quanto a nação possuia de mais elevado, em qualquer ramo da cultura publica. Os *Annaes* constituem immenso repertorio de dissertações e factos preciosos, relativamente á nossa historia politica, administrativa, economica e social. Encontram-se ali, aolado de muita cousa imprestavel,—como aliás, succede



em tudo, — paginas de soberba eloquencia, depoimentos inestimaveis, projectos luminosos, informações unicas, — materiaes insubstituiveis, em summa, para o estudo e a orientação da nacionalidade brasileira.

Tanto como na tribuna, ou mais talvez, labutava-se no seio das commissões, onde se operava com maior calma, segurança e methodo. Alguns pareceres e relatorios merecem o qualificativo de primorosos, — quaes os que redigiu Ruy Barbosa sobre instrucção publica e elemento servil.



XIII

Physionomia de uma sessão

Toda sessão tinha um interesse dramatico: podia cahir nella o ministerio, ou, pelo menos, ficar mal e ver-se obrigado a pedir demissão algum dos ministros. As numerosas pessoas empenhadas na manutenção ou exoneração dos mais graduados funcionarios do Estado, e na alta direcção deste, ligavam apaixonada attenção ás reuniões da Camara, onde se debatia a solução dos negocios politicos e administrativos do paiz inteiro. Alli se preparavam os estadistas, os governantes de amanha, cujos processos de ascensão despertavam curiosidade.

No meu tempo, em que nunca deixou de haver opposição aguerrida, cada sessão equivalia a um combate. Começavam



logo as hostilidades na verificação do numero necessario para a assembléa funcio-
nar, isto é, na authenticação da presença
de metade e mais um dos deputados reco-
nhecidos. O total montava, no fim do Im-
perio, a 125 ; precisava-se, pois, de 63.

A opposição não concorria para a for-
mação desse numero, deixando de res-
ponder á chamada. Costumava entrar no
recinto apenas um dos opposicionistas,
afim de fiscalizar a realidade do com-
parecimento dos membros da maioria, a
quem competia *fazer casa*. O grosso dos
opposicionistas postavam-se nas ante-sa-
las, promptos a tomar seus lugares ao
primeiro appello. A falta ou não de nu-
mero (de *quorum*, na gyria parlamentar),
que devia ser declarada em hora certa,
era ás vezes questão relevante e dava
azo a vehementes discussões *pela ordem*.

O secretario encarregado de proceder
á chamada, prolongava-a, em certas cir-
cumstancias, quanto podia, no intuito de
permittir a chegada dos retardatarios.



Pelos chapéus depositados numa antecamara contigua ao recinto, verificava-se também a existencia do algarismo legal.

O gabinete Dantas luctou constantemente, em 1885, com a falta de numero, sendo injustamente accusado um dos ministros de mandar atrazar adrede o relógio da sala, pelo qual a Mesa se regulava.

Nos sabbados, era a maioria governamental que não cooperava para a formação da casa. A razão estava em que sabbado pertencia á opposição, quer dizer, discutiam-se e votavam-se então os requerimentos opposicionistas apresentados durante a semana e adiados para esse dia, desde que alguém sobre elles pedia a palavra.

Sustentando o Governo, entendia a maioria não haver necessidade de se prestarem as informações solicitadas em taes requerimentos. Assim, o não haver sessão aos sabbados decorria da indole do systema.



regimentaes: tirava-se a contra prova por meio da votação nominal.

Na ordem do dia, proferiam-se os longos discursos estudados, apparecendo o discursador munido de livros e documentos. Assim que o presidente dava a palavra ao orador inscripto, um empregado lhe collocava em frente um copo d'agua. Si era sympathico esse orador, ou interessante o assumpto, sobretudo em havendo probabilidade de se agitarem negocios pessoaes, susceptiveis de escandalosa troca de desaforos, a sala se conservava cheia e reinava silencio. Era o que as notas tachygraphicas qualificavam de — *movimento geral de attenção*. Do contrario, esvasiavam-se a pouco e pouco as bancadas. Dos que ficavam no recinto alguns palestravam, outros escreviam cartas, outros percorriam jornaes e livros, outros dormitavam. A mór parte ia fumar, tomar café e conversar nos salões visinhos, ou trabalhar nas commissões, accorrendo quando a campainha presidencial



os convocava. Varios tomavam o chapéu e se retiravam, convencidos de que, havendo figurado por minutos no recinto, tinham cumprido o seu dever.

Raros escutavam integralmente os cognominados discursos praticos, erriçados de algarismos, entrecortados de leituras, destituídos de paixão, o que não impedia serem os respectivos oradores felicitados ao se sentarem. Eram de praxe os cumprimentos finaes. Diminuto numero de discursos, nos *Annaes*, se encontram desprovidos no remate dos — *Muito bem ; muito bem. O orador foi cumprimentado.* Parece que todos, mesmo os mais antagonicos, agradavam igualmente. Não succedia exactamente assim. Taes formulas derivavam de triviaes manifestações de eutrapelia, — convencionaes mentiras de polidez.

A grande maioria dos discursos passava despercebida. Poucos os ouviam attentos e menos os liam, depois de impressos. Somente uma ou outra idéa, um ou



outro argumento causava impressão. Nem em geral se dava propriamente discussão, isto é, esgrima regular de raciocínios. Seguiam-se os discursos paralelamente, uns após outros, sem coordenação entre si, sem troca de razões pro e contra, golpes e paradas, — de modo que a solução da materia resultasse da verdade apurada, do syllogismo vencedor no duello oratorio.

Consistia um dos defeitos capitaes dos discursos na sua demasiada extensão. Dominava o preconceito de que discurso de menos de uma hora, e, em certos debates, de menos de duas horas, não prestava. Por isso, os oradores não exprimiam clara e simplesmente o seu pensamento, — fugiam da concisão, diluam as idéas, amontoavam digressões, usavam de mil artificios, no intento de se demorar na tribuna. Falavam com os olhos fitos no relógio, esforçando-se por não ficar aquem do prazo prescripto. Apreciavam, pois, as interrupções, os apartes, que lhes proporcionavam



ensejo de prolongar-se. Dahi tanta banalidade e inutilidade a pejar os *Annaes*, tornando-lhes desagradavel a leitura. Celebraram-se alguns deputados pelas suas interrupções, — especialistas em apartes.

Provinha outro vicio do excesso de citações. Poucos ousavam enunciar singela, franca e afoitamente o seu modo de ver: buscavam revelar vasta leitura, estribar-se em opiniões alheias, mormente de estrangeiros. No commum, faltava aos discursos senso pratico e descortino. As questões locaes e de momento, os interesses subalternos sobrepujavam a investigação dos altos problemas, desviavam a meditação sobre os superiores destinos da Patria. Eis porque tanta oração, laboriosamente apparelhada, cahio logo em completo esquecimento.

Debate sempre vivo e curioso era o das interpeilações, — um dos espectaculos interessantes do regimen. O interpellante enviava á Mesa uma lista de perguntas endereçadas a um dos ministros.



A Mesa communicava essas perguntas ao ministro que, si estava presente, podia aceitar incontinenti a discussão, alterando a ordem do dia. Os ministros parlamentares adestrados costumavam fazel-o. Ausente o interpellado, ou si preferia adiar a discussão, a Mesa combinava com elle a data que lhe convinha. Os jornaes a annunciavam.

Só se abalançavam a interpellar os oradores de credito firmado. Versavam de ordinario as interpellações sobre assumptos de sensação. A Camara se enchia de publico avido de escandalo, compareciam diplomatas e senhoras, á vista das quaes tomavam os deputados as suas posturas mais estheticas. No momento determinado, occupavam os ministros as cadeiras especiaes de membros do Poder Executivo. Erguia-se o interpellante, falava no meio de geral especção. Em seguida, respondia-lhe o ministro ponto por ponto. O interpellante replicava. Vinham-lhe em auxilio os companheiros. Os da maioria



secundavam o ministro. O duello se generalisava, transformava-se em combate.

Circumscripto a termos precisos, ganhava interesse o debate; como arriscado jogo, fixava a atenção. Subsiste a celebridade de algumas interpellações, como as dirigidas ao Presidente do Conselho Lafayette que respondia sempre com superior malignidade.

Afóra os tres quartos de hora do expediente, os debates de interpellações e mocções de confiança, ou polemicas pessoaes, bem como por occasião de se apresentar um novo ministerio, as sessões corriam calmas. Iam do meio dia ás 4 horas; ás 5, ao se discutirem os orçamentos. Algumas se prolongavam até tarde. Si não se esperava votação, mui poucos deputados permaneciam até ao fim. E quando reduzido ficava o seu numero, a discussão melhorava, tornava-se mais cerrada, mais íntima, menos rhetorica.

Quasi todos, proferido o discurso ou o aparte, procuravam os tachygraphos, afim



de rever o que haviam dito. Os discursos sahiam publicados no dia seguinte em resumo, ou passando-se as proposições do orador da primeira para a terceira pessoa, com a nota de que elle não os corrigira. Appareciam, depois, emendados, polidos cuidadosamente. Muitos oradores não se pejavam de accrescentar trechos, supprimir outros, intercalar suppostos applausos, de modo que o texto dos *Annaes* nem sêmpre reflecte fielmente o succedido. Era tão corrente esse vazo, que ninguem reclamava, salvo abuso. Presuniam todos que as suas prolixas orações iriam influir decisivamente na opinião publica e na marcha dos factos, não comprehendendo que os homens politicos se recommendam antes por actos do que por palavras, valendo mais muita vez uma unica phrase ou uma attitude isolada do que centenas de arengas.

Finalisavam os trabalhos com a declaração da ordem do dia para a sessão seguinte, o que era feito pelo presidente da



Camara, de accordo com o Governo. Os raros deputados estudiosos aguardavam esse momento e tomavam notas. Os outros só sabiam pelos jornaes, ou ao entrar no recinto, dos projectos designados para o debate.

Incidentes, como pedidos de urgencia ou adiamento, explicações pessoaes, leitura de projectos e relatorios por parte dos ministros, cujo comparecimento á Camara se regularisava por minucioso ceremonial, questões de ordem quebravam a regularidade dos trabalhos.

Não houve necessidade de sessões secretas, no meu tempo.

Debate solenne e importante era o denominado da *resposta á fala do throno*, isto é, de resposta ao discurso lido pelo Imperador, ao se abrir a sessão legislativa e que continha o programma do gabinete. A votação dessa resposta, — dada em termos quasi identicos aos da fala imperial, e durante cujo debate se admittia amplo exame da politica e da administração,



—constituia questão de confiança. Assistia á discussão todo o gabinete, respondendo aos impugnadores o presidente do Conselho. Os ministros não deputados compareciam á Camara fardados ou de casaca. Para o debate da resposta á fala do throno vinham todos fardados.

Os deputados, nos 8 annos de que trato, guardaram nas sessões grande circumspecção, merecendo raras vezes advertencias da Mesa. Nenhum foi excluido do recinto, nem obrigado a calar-se.

Nenhum caso de pugilato, nem de expulsão das galerias, pela força publica, de espectadores inconvenientes. Apenas algumas sessões momentaneamente suspensas, em virtude de passageira agitação dos deputados e dos assistentes. Mesmo no calor da disputa poucos excessos se notaram.

Tambem, á excepção dos dois magnos eventos, abolição e republica, foi uma quadra normal, calma, quasi sem historia. Portanto, feliz.



XIV

A abolição

As sessões mais relevantes no meu tempo foram consagradas á solução do problema do elemento servil.

Quando sahi eleito, em 1881, parecia amortecida a agitação provocada no anno anterior por Joaquim Nabuco. O ministerio Saraiva dissera não cogitar da questão. Martinho Campos que succedeu a Saraiva applicou a si proprio a denominação de *escravocrata da gemma*.

Paranaguá, em seguida, incluiu no seu programma algumas medidas indirectas tendentes a apressar a extincção do captivo: elevação do fundo de emancipação, prohibição do commercio inter-provincial de escravos e outras. Lafayette manifestou-se favoravel a estas idéas e tentou criar um modico imposto especial sobre



o elemento servil, para facilitar a acção da lei de 28 de Setembro de 1871. Dantas transporta das ruas para o Parlamento o movimento abolicionista, propondo a libertação sem indemnisação de velhos escravos. Saraiva leva a effeito, auxiliado dos conservadores, o projecto de Dantas, ligeiramente alterado.

Cotegipe procura resistir á onda cada vez mais avassaladora.

João Alfredo, sob a pressão dos interessados que abandonavam em massa as fazendas, recusando-se as classes armadas a auxiliar a policia impotente na captura dos fugitivos, e animado pelos senadores liberaes, declara extincta a escravidão no Brazil. Eis, em synthese, o que occorreu na Camara, por parte do Governo, com relação á abolição, durante os 8 annos de que delineio as principaes feições.

Nabuco, o paladino parlamentar da abolição, deixara de ser reeleito em 1881. Só voltou á Camara em 1885, a tempo de ainda discutir o projecto Saraiva que se



converteu na lei de 28 de Setembro do mesmo anno. Dissolvida esta Camara pelo gabinete Cotegipe, Nabuco voltou de novo em fins de 1887, derrotando o ministro do Imperio, companheiro de Cotegipe, Machado Portella.

Na imprensa, dirigida sobretudo por José do Patrocinio, ganhava terreno todos os dias a propaganda a favor da emancipação. Também no Parlamento não cessaram de apparecer manifestações do quanto essa propaganda ia calando. Varios projectos naquelle sentido se formularam, na ausencia de Nabuco. Assim o de Leandro Ratisbona, a 4 de Setembro de 1882, prohibindo o commercio de escravos em todo o Imperio, bem como a venda e transporte dos mesmos de provincia a provincia; assim o offerecido, em 2 de Agosto de 1883, por Affonso Penna, ministro da agricultura, como representante do Poder Executivo, fixando a residencia dos escravos, augmentando o fundo de emancipação, estabelecendo o



imposto de 500 réis sobre cada escravo; assim o de Leopoldo de Bulhões, a 3 de Setembro ainda de 1883, declarando libertos todos os escravos existentes no Império, sob a condição de prestarem serviços aos ex-senhores pelo prazo de seis annos.

Já nos referimos ao de 15 de Junho de 1884, apresentado pelo Deputado Rodolpho Dantas, em nome do Governo, e cuja principal disposição consagrava a liberdade immediata e incondicional dos escravos sexagenarios. A 14 de Julho do mesmo anno, Felicio dos Santos propõe nova matricula de escravos, ficando livres os não matriculados.

A 25 de Agosto do mesmo anno, Almeida Nogueira propõe cousa similhante e augmento do fundo de emancipação.

A 12 de Maio de 1885, o deputado Padua Fleury e outros offerecem o projecto concretisando as idéas do ministerio Saraiva sobre a abolição e do qual se fez a lei de 28 de Setembro do mesmo anno. A 9 de Julho, Leopoldo de Bulhões apresenta



um substitutivo em sentido mais liberal. A 8 de Agosto, Carlos Affonso apresenta outro substitutivo igualmente mais liberal. A 12 de Agosto, João Penido propõe a revogação da lei de 10 de Junho de 1835 sobre crimes de escravos.

Tantos projectos mostram como ia progredindo a aspiração abolicionista.

Dissolvida pelo gabinete Cotegeipe a Camara de 1885, na de 1886 e na de 1887, fui, em começo, o unico abolicionista declarado. Vieram no fim deste ultimo anno Aristides Spinola, Cezar Zama e Elpidio de Mesquita. Si não pude, por deficiencia intellectual e uão de vontade, trabalhar com brillantismo, não fiquei inactivo. Sempre que se me deparou ensejo, advoguei a causa dos captivos.

A 25 de Agosto de 1886, apresentei uma indicação para que a Camara, tomando conhecimento de tristes factos occorridos na Parahyba do Sul, com relação a escravos de Ponciano Caetano do Valle, barba-ramente açoitados, promovesse qualquer



providencia no intuito de affirmar de modo positivo e solemne que repugnavam aos sentimentos nacionaes os horrores oriundos do condemnado regimen da escravidão.

A 4 de Setembro, interpelei o Governo, na pessoa do Barão de Cotegipe, sobre a verdadeira condição dos escravizados desde que pela lei de 1885 fôra fixado dia certo para entrarem no gozo da sua liberdade. Esforcei-me em dois discursos por demonstrar, de accordo com idéas sustentadas numa monographia pelo Visconde de Ouro Preto, que os escravizados se haviam tornado *statu-liberi*.

Não mais, pois, subsistia para elles a pena de açoites (art. 60 do Codigo Criminal vigente) nem a lei de 10 de Junho de 1835. Concitei o Governo a acautelar a sorte dos ingenuos, assumpto de que já me occupara em 1882 e busquei tirar partido em prol dos captivos da falta da declaração de naturalidade na nova matricula.



A 18, 22 e 28 de Setembro, a 6 e 13 de Outubro, formulei requerimentos denunciando abusos, reclamando providencias no interessê dos escravizados. A 12 de Outubro, offereci um projecto com identico objectivo.

A 4 de Maio de 1887, no dia immediato ao da installação da assembléa, apresentei novo projecto declarando livres da data da promulgação da lei todos os escravos do Imperio, obrigados os libertos á prestação intransferivel de serviços pelo prazo de dois annos aos ex-senhores. Continha o projecto outras providencias abolicionistas e mereceu caloroso elogio em editorial da «Gazeta da Tarde», então redigida por José do Patrocínio. (1) Não foi julgado objecto de deliberação em votação nominal,

(1) Editorial da «Gazeta da Tarde» do 5 de Maio do 1887.

O GRANDE PROJECTO

O Sr. Deputado Affonso Celso Junior sorprehendeu hontem a maioria da Camara dos Deputados com um projecto de lei, em quo se decreta a redempção do futuro



por 41 votos contra 33. Muitos dos que assim o repelliram *in limine*, votaram entusiasticamente um anno e poucos dias mais tarde a abolição total. Entre elles, Antonio Prado, ministro de João Alfredo.

A 23 de Maio do referido 1887, Jaguaripe Filho apresentou um projecto sobre organização de trabalho e libertação de

pela dissolução lenta, mas completa de uma grande iniquidade do presente. S. Ex. marcou o prazo de dois annos para a extincção total da escravidão no Brazil.

O projecto tem por fim desdobrar o escravizado no trabalhador livre, quo elle procura crear pela esperança, fortalecer pelo salario e completar pela educação e instrução profissional. Bello specimen do lei é esto: o latigo substituido pelo livro, a senzala pela escola, o ceto pela aula, o terror pela moral.

A escravidão vai desaparecendo nos artigos do projecto do mesmo modo que uma charneca nas aguas triumphaes de uma inundação.

Não nos parece, porém, que a actual maioria parlamentar possa comportar o projecto, que lovará o seu autor á mais remota posteridade, se elle quizer consagrar á sustentação das idéas alli contidas toda a pujança do seu talento. Podo-se applicar á actual organização parlamentar o qualificativo do Stermo: é o ostracismo dos cidadãos intelligentes. A camara não é senão a espumarada da oligarchia quo veio á tona do paiz pela ebullicão dos



escravos, mediante prestação de serviços por 5 annos, a contar de Setembro de 1888.

No debate da resposta á fala do throno daquelle anno, enviei á Mesa, a 27 de Maio, a seguinte emenda:

« *O resultado lisongeiro da matricula (a dos escravos, determinada pela lei de 28*

interesses do escravismo. O projecto não será, com certeza, rojeitado em larga e aberta discussão, mas abafado no naseedouro pela maioria, ossa deshumana comadre da escravocracia.

Se fosse possível obter para o projecto debate franco e consciencioso não haveria duvida quanto a sua adopção.

O resultado da nova matricula demonstrou palmarmente quo a escravidão doixou do ser o lendario instrumento da nossa riqueza, para ser a subvenção governamental á ociosidade o á ineapacidade.

Ninguém pôdo hojo, de boa fé, sustentar a oseravidão, como elemento necessario á vida economica do nossa patria, porque o facto so interpõe, contrastando flagrante-mente os argumentos quo possam sor produzidos. Por deliberação espontanea do povo brasileiro o algarismo negro foi diminuido de dois terços das suas unidades e essa redução em nada diminuiu a fortuna nacional. Pelo contrario, o Sr. Ministro da Fazenda acaba do assignalar na falla do throno o augmonto das rendas e este não pode provir



de Setembro de 1885) e outras significativas manifestações de todo o paiz em favor da emancipação, indicam que convem decretar medidas no sentido de apressar a completa extincção do elemento servil, assumpto de que não se descuidará a Camara dos Deputados.»

No Senado, Silveira da Motta, Dantas, Godoy e Taunay apresentaram tambem

senão do maior producção o bem estar da nação, visto como nenhum imposto directo foi lançado sobre o povo.

A historia das conquistas da abolição em todo o mundo, inclusive a nossa patria, conforma-se com a affirmação que fazemos. Sempre que se golpeou a escravidão, a essa poda da arvore negra correspondeu uma especie de primavera social, porque o trabalho desafogado da sombra mortifera poudo vicejar, enfrondecer o florir.

Todos se recordam de que, extincto realmente o trafico, entramos em uma phase de iniciativa commercial e industrial, do grande proveito para o paiz e que pode ser considerada a renascença do nosso commercio e da nossa industria.

So o governo do imperio houvesse então anteposto o seu dever o o direito de todos aos interesses dos corrilhos politicos e oligarchicos, a redempção do espirito publico ter-se-lia effectuado o a esta hora em vez de sermos a nação — vergonha da America o do velho mundo



projectos tendentes a accelerar a extincção do captiveiro. O offerecido, a 3 de Junho de 1887, por Dantas e mais 13 senadores concluia pela abolição total no fim de 1889. A 26 de Setembro, veio da Camara vitalicia o projecto, iniciado pelo Visconde de Assis Martins, revogando a lei de 10 de Junho de 1835 e o art. 113 do Codigo

civilisado, seriamos um dos exemplos da grandeza humana e da gloria do nosso seculo.

Muito melhor aquinhoado pela natureza, de quo os Estados Unidos, dispondo de maiores thesouros mineraes do quo ollo e de um solo de iberdade edenica; e do mais disso, de uma vastissima zona, quo offereco todos os climas á acclimação humana; podendo fundir em massa popular indigena todas as raças, porque a colonisação portugueza, em vez de haver procurado dostruir as raças solvagens, as assimilou, preparando-nos assim para resistir a invasão assoladora do preconceito de raças; o Brazil pódo fazer a sua grandeza em muito menor tempo do quo a nação phenomenal quo precisa recorrer á prodigalidade para fazer faco ao excesso da sua riqueza.

Não tivemos, porém, governo para orientar a renascença commercial e industrial do paiz e a consequencia foi perder-se o resultado da victoria.

O projecto do Sr. Affonso Celso tom na historia do paiz a sua melhor defesa, depois do talento de seu autor.



Criminal, na parte em que applicava a pena de açoites.

Eu proseguia, entretanto, no limite restricto de meus elementos, a campanha abolicionista. São todos armas de combate os meus dois requerimentos de 5 de

Não é um salto fóra do meio, que elle pretende modificar; é a marcha compassada e segura para o futuro. Em dois annos a lavoura retardataria póde perfeitamente munir-se dos instrumentos necessarios para a transformação de seu trabalho. O escravo por sua vez tem recebido o primeiro baptismo da liberdade e entra pelo salario e pela instrução na confirmação legal da sua nova posição e durante dois annos faz o apprendizado necessario do trabalho livre.

O escravismo, porém, não verá de certo que é chegada a sua hora e que esse projecto é um aviso amigo da parte da aspiração da maioria do povo brasileiro.

Cegar-so-ha mais uma vez, confluindo no seu passado como o filho sem merito na horança do seus pais, o talvez não consinta que em 89 a nação brasileira possa festejar com orgulho o centenario dos Direitos do Homem, pelo advento legal da igualdade de todos os brasileiros. Talvez a obstinação nos foreo a nós abolicionistas a escrever com letras vermelhas o decreto que nos é dictado pela voz unanime da civilisação.

O Sr. Affonso Celso Junior bem mereceu da patria ; honremos o seu nome.



Maio, o de 1 de Junho, os de 4, 6, 12, 15, 25 e 27 de Julho, os de 16 e 25 de Agosto, os de 13, 15, 16 e 27 de Setembro.

A 12 de Maio, interpellára o ministro Rodrigo Silva acerca da matricula dos escravos no municipio de Campos que, assignada por pessoas incompetentes, devia aproveitar á emancipação.

Como provam os *Annaes*, não deixei passar uma occasião, o menor pretexto, sem chamar a attenção dos poderes publicos e do povo para as victimas da odiosa instituição, dias havendo em que formulei mais de um réquerimento, o que, alliado á minha attitude perante o ministerio Dantas, me valeu o diploma de socio honorario da Confederação Abolicionista, assignado pelos mais notaveis campeões populares da nobre causa.

Em 1888, na fala com que abriu a sessão legislativa, a 3 de Maio, disse a Princeza Imperial Regente: « *A extineção do elemento servil, pelo influxo do sentimento nacional e das liberalidades particulares, em honra do*



Brazil, adiantou-se pacificamente de tal modo que é hoje aspiração aeclamada por todas as classes, com admiraveis exemplos de abnegação da parte dos proprietarios. Quando o proprio interesse privado vem espontaneamente collaborar para que o Brazil se desfaça da infeliz herança que as necessidades da lavoura haviam mantido, confio que não hesitareis em apagar do direito patrio a unica excepção que nelle figura em antagonismo com o espirito christão e liberal das nossas instituições. »

Estas palavras provocaram no recinto do Senado ruidosos applausos,—primeira vez durante a leitura de fala do throno. Após a sessão imperial, densa multidão agglomerada ás portas do edificio fez á Princeza, aos ministros, aos senadores e deputados abolicionistas extraordinaria ovação. Da janella do Paço do Senado, Nabuco e eu fomos obrigados a falar.

A 7 de Maio, na Camara, declarei que apoiaria incondicionalmente a proposta que o Governo offerecesse sobre elemento servil.



Nesse dia, apresentando o seu gabinete, organizado no interregno parlamentar, assim se exprimiu João Alfredo, freneticamente applaudido: « *O ministerio si tiver o apoio do parlamento ha de esforçar-se, quanto for possível, para que esse programma se converta em realidade, e sobretudo para que se effectue quanto antes a reforma do elemento servil que é a aspiração nacional e que o gabinete tem empenho em fazer tão perfeita quanto a opinião publica a indica e quer. Amanhã será apresentada a proposta do poder executivo para que se converta em lei a extinção immediata e incondicional da escravidão no Brazil.* »

Effectivamente, o Governo solicitara nessa data, dia e hora para apresentar uma proposta. No dia 8, ás 2 horas da tarde, introduzido no recinto com as formalidades regimentaes o Ministro da Agricultura Rodrigo Silva, dirigiu-se á Mesa e de pé, á direita do presidente, barão de Lucena, leu o seguinte: « *Augustos e dignissimos Srs. representantes da nação. Venho,*



de ordem de S. A. a Princesa Imperial Regente, em nome de S. M. o Imperador apresentar-vos a seguinte

PROPOSTA

Art. 1.º E' declaradã extincta a escravidão no Brazil.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio do Rio de Janeiro, em 8 de Maio de 1888. — *Rodrigo A. da Silva.*»

Rezam os *Annaes* que se seguiram á leitura prolongadas aclamações e ruidosas manifestações populares, dentro e fóra do recinto. O presidente declara que a proposta do poder executivo será tomada na devida consideração pela Camara dos Srs. deputados e convida a deputação que recebera o Ministro que se retira a acompanhá-lo, com as mesmas formalidades da entrada. Joaquim Nabuco requer se nomeie uma commissão especial de 5 membros para dar parecer sobre a proposta.



E' aceito o alvitre e nomeados para a commissão Duarte de Azevedo, Nabuco, Gonçalves Ferreira, Alfredo Corrêa e eu. Reune-se a commissão immediatamente, e, minutos depois, o relator Duarte de Azevedo apresenta o parecer unanime, opinando para que a proposta se converta em projecto de lei. «*A Commissão, disse Duarte de Azevedo, convencida de que nesta materia não é possível retardar um momento só a longa aspiração do povo brasileiro, no sentido de satisfazer uma necessidade social e politica, que é ao mesmo tempo um preito de homenagem prestado á civilisação do seculo e á generosidade do coração de todos aquelles que amam o bem da humanidade, deu-se pressa em formular o parecer a respeito da proposta.*»

Em seguida, o mesmo Duarte de Azevedo requer dispensa de impressão e urgencia para o projecto entrar na ordem do dia seguinte.

Suscita-se pequena e viva discussão entre Nabuco e Andrade Figueira.



Protesta este contra o que se estava fazendo e contra a invasão do recinto da Camara pelo povo o que « *a transformara em circo de cavallinhos.* » Nabuco, ao fundamentar o pedido de nomeação da comissão especial, justificando os applausos do povo á leitura da proposta, dissera que *mesmo o coração de bronze de Andrade Figueira não se poderia oppor a que se procedesse com a maior urgencia.*

Figueira, estranha achar-se apto Nabuco para conhecer de que materia era formado o seu coração ; *não sabe si esse coração é de bronze, mas si o é, prefere-o assim a que seja de lama.*

Nabuco ergue-se fremente : *Não acredita ser-lhe atirado esse coração de lama . Si o foi, deixa o insulto no tapete, pois não merece ser levantado. Não acredita tambem que fosse atirado ao povo brasileiro, pois Andrade Figueira comprehende que naquelle momento o sentimento dominante em todos os corações era o patriotismo. Acreditava ter feito uma homenagem ao coração de Andrade Figueira*



qualificando-o de bronze. O deputado fluminense referindo-se aos factos extraordinarios occurrentes, comparara a maior sessão do Parlamento Brasileiro a uma reunião de circo de cavallinhos. Mas o povo brasileiro, agglomerado na Camara, devia garantir e respeitar a inviolabilidade de Andrade Figueira no cumprimento do que elle reputava o seu dever, querendo prolongar o que não era mais possivel — a escravidão.

Tendo Nabuco declarado que Figueira achava-se coacto, observou este não haver ninguem mais livre do que elle na Camara, naquelle momento.

Dispensada a impressão do projecto, Andrade Figueira ainda reclama contra a preterição de formulas regimentaes. Levanta-se, por fim, a sessão, no meio de jubiloso alvoroço.

No dia seguinte, 9, Andrade Figueira pronunciou longo, eloquente e corajoso discurso sobre os inconvenientes da abolição immediata e incondicional. Respondeu-lhe Rodrigo Silva, justificando-se de



haver passado do ministerio escravista Cotegipe para o abolicionista João Alfredo. Alguns trechos desse discurso merecem ser reproduzidos, pois descrevem a situação moral do Brazil ao se organizar o gabinete João Alfredo :

« De um lado viamos, disse o Ministro da Agricultura, uma agitação no sentido de declarar a extinção da escravidão no paiz, e de outro quebrados todos os elementos do resistencia ; qual deveria ser o procedimento de qualquer homem politico, investido da responsabilidade do governo, devendo responder pela legalidade o pela ordem?... »

Vejam os agora, senhores, o que se passava do lado opposto, e como os elementos se desencadeavam contra a manutenção da escravidão, tornando impossivel o impraticavel a resistencia, tal como a devo empregar a autoridade publica . Não havia um só órgão respeitavel, desses que formam o sentimento do um povo e a opinião de uma nação, que não estivesse empenhado na grande cruzada. Recordarei a intervenção de alguns contra os quaes a acção do governo, si não ora inutil, era inefficaz. O episcopado, com a sua palavra santa, falava ao coração dos fleis, por meio do pastores eloquentes, ungidos do amor e piedade, e indicando a libertação dos escravos como a mais bella offerenda commemorativa do jubileu do Santo Padre... Nas academias, a mocidade em todas as suas festas gonorosas, imprimia nos acontecimentos uma face nova, attrahindo adoptos, que somos nós todos, pais e admiradores desses mensageiros do nossa grandezza



futura. Em todos os actos da vida intima das familias, em todas as grandes solemnidades publicas, a redempção dos captivos tornou-se um programma o um remate ebrigades... Tade isto vem em apoio da medida que tivemos a honra de apresentar. E, o que é mais extraordinario ainda, é que os proprios interessados na manutenção da propriedade escrava davam diariamente exemplos os mais admiraveis de abnegação, libertando os seus escravos incondicionalmente. Recordarei de passagem a opinião unanime dos tribunaes, favorecendo quanto possivel as soluções mais liberaes ; a attitude das classes e corporações que sempre se distinguiram por uma obediencia passiva e o estranhas a qualquer movimento ou iniciativas mais arriscadas e compromettedoras ; o, por ultimo, a voz da imprensa, o grande baluarte da opinião, o factor maxime desta reforma. Ora, si observamos este movimento, esta agitação pacifica por toda parte, poderiamos, aceitando o poder, cruzar os braços e deixar que a revolução decretasse a libertação dos escravos ? Isso seria um erro funesto ás instituições, um precedente que poderia d'ora em diante annullar, nas grandes commoções, a acção dos poderes publicos, e passar para o povo em revolta a direcção da sociedade.»

Rodrigo Silva poderia ter incluido entre os factores da abolição a Princeza Imperial Regente que, além da sua acção como chefe do Poder Executivo, promoveu, entre outros actos significativos, a libertação de Petropolis e cujos filhos redigiam um pequeno jornal abolicionista



por elles proprios composto e impresso—
O Correio Imperial.

No dia 9, fallou ainda Alfredo Chaves contra o projecto. Requeri eu o encerramento da discussão, justificando-o em breves palavras. Araujo Góes Junior propõe que ao artigo primeiro se accrescentem as palavras—«*desde a data desta lei*»—afim de não demorar a respectiva execução. Procede-se á votação nominal do art. 1.º e da emenda. Approvam-n'os 83 deputados. Manifestam-se contra 9 : — Barão de Araçagy, Bulhões Carvalho, Castrioto, Pedro Luiz, Bezamat, Alfredo Chaves, Lacerda Werneck, Andrade Figueira e Cunha Leitão, — dos quaes 8 representantes da provincia do Rio de Janeiro.

Entra em discussão o artigo segundo. Suscitam-se varias questões de ordem, nas quaes falam rapidamente Araujo Góes, Nabuco, Pedro Luiz e Matta Machado. Satisfeitas as exigencias regimentaes, é dado o projecto, novamente redigido com a emenda, para a ordem do dia seguinte.



No dia 10, apresentei um projecto determinando fosse considerado de festa nacional o dia da sanctão da lei abolicionista. Entrando em 3ª discussão a proposta do Governo, vozes reclamaram: Votos! Votos! Falou ainda, entretanto, Lourenço de Albuquerque, defensor constante dos interesses escravagistas, mas favoravel á proposta, porque entendia não poder ter tido o ministerio procedimento diverso do que teve. Era o inevitavel, a fatalidade dos acontecimentos a que se submettia. Falou tambem, em sentido contrario, Pedro Luiz. Ao concluir este, applaudido pela deputação fluminense, tornaram-se insistentes os brados: Votos! Votos! A' vista da impaciencia da Camara, desistem da palavra Coelho Rodrigues, Zama e Alberto Bezamat. O projecto é antes acclamado do que votado em 3ª e ultima discussão. Nabuco requer a nomeação de uma commissão de redacção interina (as Commissões permanentes não haviam ainda sido eleitas) para redigir o



vencido, afim de se remetter immediatamente o autographo ao Senado. Nomeados elle, Duarte de Azevedo e Rosa e Silva, apresentam incontinenti a redacção definitiva. Requeiro eu a dispensa de impressão para que desde logo a redacção seja discutida. Faz-se tudo num momento. Approva-se a redacção. Nabuco, em eloquente discurso, digno remate daquellas horas de febre, requer que se levante a sessão, o que se effectua entre prolongadas e indescriptiveis demonstrações de jubilo e enthusiasmo.

Eram duas horas da tarde. Havia exactamente 48 horas que se lera na Mesa a proposta do Governo. Nessas 48 horas, passou a proposta, convertida em projecto e emendada, por duas discussões (as propostas do Governo não soffriam 1ª discussão) e por 2 votações, uma das quaes nominal. Além dos muitos breves discursos proferidos em questões de ordem, pronunciaram-se 11 longos, dos quaes 6 de opposição.



Nesse mesmo dia 10, chegou ao Senado o projecto. Não havia encerramento na Camara vitalicia; o debate durou ali 3 dias incompletos. Falaram contra os dois chefes conservadores, Cotegipe e Paulino; falaram a favor Dantas e Correia. Muito notavel o discurso de Cotegipe no dia 12. A citação de alguns periodos mostrará a clarividencia, a coragem, a intuição prophetica do velho estadista.

« As grandes manifestações do enthusiasmo, em todos os tempos, exclamou Cotegipe, nunca foram permanentes ou muito duradouras; e os homens praticos sabem que as lições do historia demonstram que muitas vezes o triumphador de hoje, é a victima de amanhã. Voltava Cromwell da expedição da Irlanda, victorioso. Saltava em Bristol o um dos seus ajudantes do ordom dizia: « Veja que multidão para applaudil-o em seu triumpho !... » Elle respondeu do modo brusco: « Seria muito maior si mo fosse ver enforçar. » Isto prova que nem sempre devemos confiar na opinião do momento. E' o futuro, são as consequencias dos actos praticados que hão de, na historia, traçar o credito ou o descredito des que os praticaram... Si o movimento abolicionista teve rapida marcha, deve-o aos nobres senadores liberaes. Foram elles que lovantaram a questão da filiação desconhecida; foram elles que propuzoram, embora o Governo concordasse, a abolição do castigo de açotes; enfim, foram elles que nunca



perderam uma occasião quor apresentando projecto, quer argumentando em diversas discussões, para apressar e promover a prompta extincção da escravidão... A extincção da escravidão que ora vem nosto projecto, não é mais que o reconhecimento de um facto já existente. Tom a grandio razão quo reconheço do acabar com esta anarchia, não havendo mais pretexto para taes movimentos, para ataques contra a propriedade e contra a ordem publica... Na minha opinião, o poder, nesse caso, devia passar aos liberaes... Foi um erro quo não passasse a ser foita pelo partido liberal a solução dessa medida radical... Pois os conservadores, dir-me-hão, que puderam fazer a lei de 1871, que puderam... tomar a responsabilidade da lei de 1885, não podiam tomar a responsabilidade desta? Não podiam. Si o poder fosso ter ás mãos dos liberaes, a consequencia seria o abandono do todos os partidarios liberaes que são contrarios á rapida extincção da escravidão, esses viriam augmentar a força o o numero do partido conservador. Agora ha de acontecer o inverso; os conservadores vão ser liberaes, não digo quo todos... A verdade é que ha de haver uma perturbação onormo no paiz durante muitos annos... A crise ha de ser grande... Seja-mo permittido uma rapida vista de olhos sobre as consequencias politicas deste acto. Por ora, tudo é festa, tudo é alegria, tudo são flores; emfim, o prazer é unanime, universal por esse grande acto da extincção da escravidão. Estão, porém, persuadidos de quo o negocio fica ahi? (*Pausa*) Estão convencidos? Declaro que não; sou mais franco; VV. EEx. não querem responder; mas eu respondo talvez por todos: não, não fica ahi... Este acto crea muitos doscontentos; as instituições perdem muito apoio com a irritação de uns, o com a indifferença de outros... »



E citou o discurso proferido pouco antes na Bahia pelo Conselheiro Ruy Barbosa :

« Fazendo da abolição uma empreitada commettida ao partido rector, a corôa enfraqueceu substancialmente um dos seus baluartes mais fortes e melhor construidos, porque vê pouco quem não percebe o golpe republicano que candidamente descarregou nos seus proprios interesses. » Eis aqui a opinião deste politico, commenta Cotegipe, e acto foi praticado em favor da republica. »

E continúa, citando Ruy Barbosa :

« E' uma resurreição ; é um passado que volta ao abysmo de onde sahin ; é uma idade que acaba e uma era nova que começa ; de todos os pontos, nas fronteiras, do norte e do sul, os ventos nos trazem as idéas vivificadoras de nossa reabilitação ; a liberdade religiosa ; a regularisação da legislação em todos os seus ramos ; a diffusão do ensino ; a universalidade do veto ; a desenfeudação da propriedade ; e federação dos Estados Unidos do Brazil. » — Eis aqui, senhores, o que nos espera, — concluiu Cotegipe.

Paulino de Souza, na sessão de 13, pronunciou tambem altivo e levantado discurso :

« A histeria e a experiencia politica attestam, disse S. Ex., que todas as vezes que a realza, por amor da popularidade, por motivos de sentimentalismo, ou por calculo politico, accorda-se, ainda que em pensamento, com qualquer propaganda popular, energica e activa, a



instituição contra a qual se dirigem os esforços combinados do-podo-se contar quo está fatalmento dorrocada, e, com ella sacrificada a classo ou classes interossadas na sua manutenção. E si á frente dessa propaganda se acham homens resolutos, enthusiastas o ousados, o arrastamento é invencivel e não ha mais poder quo eonsiga enecadear on encaminhar a corrente, uma vez solta da repreza. »

Paulino falou no meio de impaciencia geral. Dará uma idéa do desejo ardente que havia da approvação da lei, a circumstancia de que ainda se discutia o projecto no Senado e já a Princeza Imperial Regente se dirigira ao Paço da Cidade preparada para o acto da sancção. Des-cera para isso adrede de Petropolis. Alludindo a esse factio, Paulino declarou no seu discurso que cumprido o seu dever de senador, cumpriria tambem o de cavalleiro não fazendo esperar uma dama de tão alta gerarchia.

Foi solemnnissima a cerimonia da sancção. Milhares de pessoas do povo invadiram o Paço.

Litteralmente rodeiada pela multidão, a Princeza, afflicta e chorosa, em virtude



das más noticias chegadas da Europa sobre a saude do Imperador, mal se podia mover. No momento em que empunhou a penna para a assignatura fez-se religioso silencio. Depois, uma explosão de bravos, applausos, acclamações delirantes nunca vistos. Muita gente chorava de alegria. Inimigos da vespera abraçavam-se reconciliados. José do Patrocinio, fóra de si, atirou-se aos pés da Princeza, quiz beijal-os, pronunciou de joelhos commoventissimas palavras. Nabuco abriu caminho até uma janella e dali, com a sua voz poderosa, annunciou a boa nova ao povo que se atulhava no largo, onde hoje se vê a estatua de Ozorio, estendendo-se, em mó compacta, desde a rua Direita até ao ponto das barcas. Indescriptiveis as manifestações de regosijo que se succederam ! Nunca houve nem tão cedo haverá demonstrações de enthusiasmo assim.

Sanccionada a lei, a Camara resolveu não funcionar enquanto durassem as



festas da abolição. Na sessão de 21 de Maio, requeri que se consignasse na acta um voto de profundo reconhecimento ao Governo e ao povo argentinos pela maneira festival e brilhante com que se associavam ás festas commemorativas da abolição. A Imprensa argentina representada por Mitre e por J. Vedia, o Governo e a Camara dos Deputados dessa nação, bem como as Côrtes Portuguezas, felicitaram a Camara dos Deputados do Brazil. O deputado Costa Aguiar, hoje bispo do Amazonas, propoz que se approvasse um voto de agradecimento ao Summo Pontifice, por haver manifestado seu paternal interesse pela solução do nosso problema servil. Leão XIII respondeu, por intermedio do Cardeal Rampolla, agradecendo effusivamente.

O modo como se realisou a abolição prova que nenhuma grande reforma seria impossível no Brazil monarchico, desde que a opinião publica sériamente a quizesse.



Em 5 dias, apresentou-se a proposta, emittiu-se parecer sobre ella, foi emendada, e foi discutida em ambas as casas do Parlamento, sem preterição de nenhuma formalidade constitucional e regimental. Os oradores da minoria não procuraram obstruir. Falaram com a maior isenção, coragem e civismo. O povo os respeitou, apesar de excitado e ansioso pela conclusão.

Poderosos eram os interesses ligados ao captiveiro. Os lavradores, fortes potencias eleitoraes, dispunham de talentosos defensores, de prestigio e de dinheiro. Todavia, nas ultimas semanas muitos fazendeiros emulavam em zelo com os abolicionistas — para apressar a reforma. Como que sentiam remorso do tempo consumido em combatel-a, e urgencia em effectuar a reparação. Quanto aos deputados escravocratas, muitos haviam libertado espontaneamente seus escravos para que não se lhes attribuisse a opposição a interesses feridos.



Foi uma medida popular. Confraternisaram nella mandantes e mandatarios.

O povo participou directamente nas deliberações. Todo abolitionista via-se festejado nas ruas, fosse qual fosse o seu passado, o seu character, as suas idéas em outras questões.

A Princeza Imperial Regente sabia que arriscava a sua corôa, e não hesitou. Deu as mais altas demonstrações de publico apreço aos chefes abolitionistas. Carregou em seus braços os filhos pequenos de José do Patrocínio. Quiz nomear a este barão da Redempção. Talvez pensasse conquistar as sympathias e o reconhecimento de toda uma raça redimida. Nobre illusão!

A grande lição a tirar do acontecido é que nunca em politica, como em tudo, por motivos subalternos de conveniencia, paixão, considerações partidarias, se deve a gente oppôr ás grandes idéas de direito e de justiça. Essas idéas acabam sempre, mais cedo do que se conjectura,



por triumphar. O melhor é abraçar-as desde o começo. O querer o homem publico fazer-se de fino, esperto, calculista, produz mau resultado. Cumpre marchar sempre de accordo com a consciencia e o coração. O mais habil estratagemma consiste na honestidade, na rectidão, na lealdade para com as pessoas e os principios.

Si os liberaes tivessem adoptado desde logo, como lhes competia, o programma abolicionista, muitos males se poupariam ao paiz. Cabia aos liberaes realizarem a reforma, vindo depois os conservadores, como seria natural e justificavel, aplacar os resentimentos que dali se originassem. Assim o entendia o lucido espirito do Barão de Cotegipe. Assim devia ser.

Mas realisarem os conservadores a mais funda das nossos revoluções, uma revolução social, em 5 dias, foi a inversão de todas as normas, gerou a indisciplina, tudo abalou. As classes conservadoras, lesadas e despeitadas com a abolição não



tiveram mais para quem appellar. Atiraram-se á Republica. Consequencia—o 15 de Novembro.

O ministerio Ouro Preto veio tarde. Tomou sobre si uma tarefa herculea: effectuar largas reformas, para satisfazer a corrente democratica do paiz, e, ao mesmo tempo, robustecer a autoridade vacillante, inspirar confiança aos conservadores descontentes e retrahidos do throno. Durante 5 mezes trabalhou heroicamente. Era tarde! Tudo estava solapado. A aspiração republicana vinha de longe. Os republicanos haviam aliciado a força armada. Proclamou-se a dictadura militar, sob o nome de Republica.

Em politica, dizia Talleyrand, um erro é peor que um crime.



XV

Prodromos da Republica

A Republica como a abolição, teve causas geraes e profundas, longos antecedentes.

Quem lê desprevenido os *Annaes* da Camara, onde se reflectia a vida nacional, verifica como as duas idéas foram aos poucos alastrando e avultando. A Republica tinha que vir. Mas como tinha que vir? Não sou, (e nisso me apadrinlio com a autoridade de Ernesto Renan), dos que não admittem sinão a fatalidade em historia. « Mas ha um momento, diz o eminente escriptor, na marcha de uma corrente em que uma pedra determina essa marcha. Uma vez os factos desencadeados, nada os detem; entretanto, no começo, tudo é possível. Podia-se evitar



a revolução franceza, podia-se chegar ao resultado por ella obtido sem violencias tão enormes ».

Estas reflexões applicam-se á revolução brasileira. Attribuil-a a este ou áquelle successo isolado, affirmar que ella não se faria si o general Fulano não estivesse aqui ou ali, si o Imperador se dirigisse a um ponto, em vez de outro, si o politico Sierano, em lugar de Beltrano, houvesse assumido a direcção do paiz, é explicar os acontecimentos historicos pelo denominado por Voltaire — systema das causas futeis.

O 15 de Novembro foi a conclusão de premissas de ha muito estabelecidas, mas a abolição effectuada pelos conservadores equivaleu á pedra de que fala Renan. Todos os politicos concorreram para a Republica, desde o soberano até ao ultimo deputado, uns pela acção, outros pela inacção, uns pelo que praticaram, outros pelo que deixaram de praticar.



Não havia manifestações monarchistas, durante o periodo cuja chronica esboço. Hoje, sim, ha monarchistas convencidos, após a observação e a experiencia dos successos, de que, mesmo theoricamente, a fórma republicana assegura e garante menos os direitos individuaes do que a monarchia constitucional representativa. Esta é mais moderna, mais aperfeiçoada do que aquella. Republicas de todos os feitios funccionaram ha milhares de annos na Grecia. A monarchia parlamentar, qual a conhecem a Inglaterra e a Belgica, sómente attingiu o perfeito funcionamento de seus delicados apparelhos no correr do seculo XIX.

Levar-me-ia muito longe a demonstração destas verdades. Pretendo apenas elucidar agora que nos meus 8 annos de deputação a idéa republicana accentuou-se e progrediu no seio do Parlamento.

Não me surprehendeu a proclamação da Republica. O modo como se effectuou



é que constituiu uma indigna cilada, um erro, um crime, fonte de tamanhas desgraças, só remediáveis com a restauração.

Quando entrei na Camara, em 1881, nenhum republicano confesso ali tinha assento. Dizia-se que Matta Machado, Felício dos Santos, Vieira de Andrade, Silviano Brandão, e João Penido, eleitos commigo por Minas, eram republicanos. Nenhum delles, porém, fez profissão de fé republicana. Fil-a eu. No meu discurso de estréa, a 28 de Fevereiro de 1882, declarei que, representante da nova geração, era republicano, adoptando o manifesto de 3 de Dezembro de 1870, cujos signatarios disseram não querer convulsionar a sociedade, mas esclarecel-a, não conspirar, mas discutir, provocando não dissensões nem discordias, porém simplesmente a reconstrucção moral, promovendo reformas complexas que abrangessem todo o mecanismo social. Aspirando a taes reformas eu queria conseguil-as legalmente, por meio da luta pacifica, partidario da



propaganda activa, mas evolucionista, e, sobretudo, obediente á lei. Entendia, assim, não ser o partido republicano membro dessidente da familia brasileira, mas, respeitando a organização dessa familia, e o pacto que a instituiu, o qual não consagra a immobildade, antes até estabelecia os meios pelos quaes poderia ser remodelada ainda nos seus pontos mais essenciaes, realisaria aquelle partido assuas idéas, de modo a exprimir sempre fielmente a vontade nacional, sem as oscillações da surpresa nem os arrastamentos da paixão. De accordo com estes principios, reclamei largas medidas em prol da instrucção publica, a descentralisação administrativa, o avigoramento do municipio, o registro civil de nascimentos, casamentos e obitos, a emancipação dos escravos, pela qual constantemente me bati.

Nunca me afastei da linha traçada. A 15 de Setembro de 1885, disse que, acima dos caprichos do principe conspirador, na



phrase de Ferreira Vianna, existia a vontade do povo, o qual da mesma sorte que salvara a monarchia abandonada num berço ás ondas borrascosas de uma revolução, da mesma sorte que rasgara a sua lei fundamental para collocar a corôa sobre a fronte de uma criança impaciente, tambem poderia, num impeto de legitima colera, num arremesso de indignação, fazer rolar em estilhaços tantas instituições anachronicas que tolerava, instituições destinadas a cahirem, pela simples evolução dos acontecimentos, pelo desenvolvimento normal do paiz, como caem os dentes da infancia, — sem abalo, sem sangue e sem dôr.

Na sessão de 22 de Junho de 1886, advocating a abolição do captiveiro, opinei que era preciso ir preparando francamente o terreno para outra forma de governo, cujo proximo advento se me afigurava inevitavel, e irrepressivel, sem convulsões, nem perigo, apenas em virtude da revolução moral que se estava operando



em todos os espiritos. Essa revolução moral contra a forma de governo vigente ia adiantada, como o demonstrava a mais superficial observação das cousas publicas. A monarchia mantinha-se por tolerancia, exclamei, — sem um unico esteio ou ponto de apoio na alma nacional. (Esta minha declaração provocou alguns *não apoiados*, mas nenhum protesto vehemente). Qual dos partidos militantes, indaguei, é convencidamente monarchista? Nenhum, respondi. Quando está no poder qualquer delles, como a monarchia e os seus interesses coincidem num ponto de intersecção, elle a defende. (O Sr. Escra-
gnolle Taunay e outros dão — *não apoiados*). Redargui que não havia contestar. Mal deixava o poder aquelle partido, tornava-se, sinão hostile, pelo menos indifferente, não só á forma do governo, mas até á pessoa do monarcha. Ninguém toma a sério, proseguí, entre *não apoiados*, as ficções que constituem a essencia do actual regimen. E' unanime o ridiculo provocado



pelas suas praticas. Não ha uma classe, um grupo de homens directamente interessados na manutenção do systema monarchico. E mostrei que a classe mais poderosa e aristocratica do Imperio, a lavoura, á qual por indole incumbia sustentar as instituições imperiaes, aggredira descommunalmente o Imperador e a exorbitancia de seus poderes, porque o presumia impulsor do movimento abolicionista. Portanto, conclui, fazia-se mister ir preparando o espirito publico para uma nova forma de governo, papel pertencente, no meu entender, aos liberaes, que deviam ter a nobre isenção de proclamal-o, sem rebuço. O Sr. Taunay objectou : O paiz é monarchico. O Sr. Lourenço de Albuquerque obtemperou: Si viesse agora a republica, eu fugiria do Brazil. Terminei: a republica não virá já, mas ha de vir mais cedo do que se suppõe.

A 19 de Julho de 1886, no final de um discurso, exclamei : « Cumpre fazer á nação o mesmo que o agricultor faz ás



terras de sua lavoura: derrubar os troncos inúteis, queimal-os, e revolver o sólo, antes de lhe lançar novas sementes.»

A 6 de Junho de 1888, interpellei o ministro do Imperio, Costa Pereira, sobre as representações de varias Camaras Municipaes de S. Paulo relativamente á mudança de forma de governo, corporações que haviam sido suspensas e responsabilizadas por ordem do então presidente daquella provincia e futuro presidente da Republica, Rodrigues Alves. Assim me enunciei: « Não acha o Governo que os factos são reveladores de uma nova orientação politica, do advento das mais recentes camadas sociaes, cujo triumpho será inevitavel e ao qual convem ir preparando terreno para não produzir abalo, vindo suave e naturalmente? » E assignalei ser francamente republicana a mocidade que surgia das academias, dos seminarios, do exercito e da armada. O partido republicano, continuei, é hoje um partido militante em S. Paulo, no Rio Grande do



Sul, em Minas Geraes e no Rio de Janeiro. « Ha 10 annos ninguem falava em republica. Hoje raro é o dia em que na tribuna e na imprensa não se clame por ella, e o Governo ouve os brados sem os poder reprimir. Respondei-me em consciencia si não vem perto talvez a victoria do sentimento republicano que tem calado fundamente na alma nacional. »

O Sr. Alves de Araujo interrompeu: Apesar de tudo, o paiz é monarchico.

« Como póde o nobre deputado affirmar-o? »—redargui. « O povo é, quando muito indifferente, á fórma de Governo. Lavra descontentamento surdo em todo o Imperio. Ninguem está satisfeito. O partido conservador arroga-se o papel de liberal, de sorte que em breve veremos em pratica o *steeple-chase* de reformas, de que se arreceiava o rei Leopoldo. E' significativo o aspecto da Camara. Acolhe a noticia e a prova de que as instituições perigam, com benevolencia risonha.



O nobre ministro do Imperio exhibe a maior tranquillidade. »

—O Sr. Andrade Figueira : E' que ninguem acredita nessas prophecias de mau agouro.

« Nas de Thiers, annunciando os desastres da guerra de 1870, finalisei, tambem ninguem acreditava. O que está patente é que a monarchia não dispõe nesta casa de defensores entusiasticos e ardentes que se irrite e se inflammem, ao ouvir que todos os elementos conspiram contra sua permanencia. » (1)

Eis a minha linguagem e attitudo inalteraveis, durante o Imperio. Comecei a ser monarchista com todos os seus perigos, no momento em que muitos começaram a ser republicanos, com todas as suas vantagens, a 15 de Novembro de 1889.

(1) Sobre a minha attitudo republicana na Camara e ulterior conversão ao monarchismo, vido meu livro — *Guerrilhas* — Typ. Moraes — Rio do Janeiro — 1895, caps. — *Aos Srs. Anonymos; Até 15 de Novembro; Depois de 15 de Novembro*; — pags. 283, 297 e 313, em quo explico os factos com minuciosidade e maxima isenção.



No discurso de Fevereiro de 1882, eu declarara que, aceitando um mandato politico e legislativo, me obrigara a collaborar activamente na marcha dos negocios publicos.

O partido republicano não se achava então organizado, e, não annuindo eu aos processos empregados por alguns de seus sectarios, propuz-me a trabalhar com o partido liberal, a alliar-me a elle sem sentar praça nas suas fileiras. Era uma alliança mais natural que a dos republicanos de S. Paulo naquella época com os conservadores. Nas circulares aos eleitores, em quaesquer actos publicos, jamais me aparteí destas normas. Nunca fui ao Paço.

Apenas uma vez, em 1889, procurei o Imperador, então doente numa casa particular da Tijuca, afim de agradecer o ter indicado espontaneamente o meu nome para importante commissão diplomatica que não aceitei. Não exerci cargo algum de nomeação do Governo.



Cinco deputados republicanos sahiram eleitos em meu tempo : Prudente de Moraes, Campos Salles, Alvaro Botelho, Monteiro Manso, Lamounier Godofredo. Os tres ultimos nada disseram. Os dois primeiros não usaram de linguagem mais peremptoria de que a minha.

Alguns conservadores me apoiaram naquellas manifestações, ou se expressavam de tal modo a respeito das instituições monarchicas e do Imperador que fortemente abalavam essas instituições e desprestigiavam o monarcha conforme em mais de um ponto tenho salientado. No meu citado discurso de 22 de Junho de 1886, proferido perante o presidente do Conselho Barão de Cotegipe, accentuei que, tendo viajado bastante pelo interior do paiz, ainda não encontrara um homem disposto a pegar em armas para defender a monarchia. Em abono dos meus assertos relativos ao proximo advento da republica, citei o discurso de Ferreira Vianna, a 31 de Julho de 1884,



verdadeiro libello contra o Sr. D. Pedro II, applaudido pelos conservadores presentes, discurso qualificado pelo orador de protesto contra o *principe conspirador*.

Os deputados, meus collegas, punham timbre em não frequentar o palacio imperial.

Nas ceremonias officiaes, raros figuravam. Os ministros, uma vez demittidos, lá não voltavam. Havia grande medo de ser-se acoimado de cortezão. Os papos de tucano do Imperador, ao abrir a Assembléa Geral, provocavam ferinos remoqueos.

Apregoava-se geralmente a republica forma de governo mais perfeita que a monarchia, provindo a unica objecção á mudança de não se achar o paiz preparado. « Eu no fundo, sou republicano » — affirmava muito funcionario superior. As repartições publicas, as academias regorgitavam de republicanos confessos, sobretudo as academias, onde os lentes faziam nas suas cadeiras franca propaganda



revolucionaria. Em toda parte, os chefes republicanos recebiam caloroso acolhimento dos monarchistas.

A 6 de Julho de 1882, de uma numerosa commissão nomeada para apresentar á sanctão imperial os autographos de decretos votados, só compareceu perante o monarchia um deputado, o Sr. Rodrigues Junior. O facto determinou longo e comico debate. Duque Estrada Teixeira ponderou que os edificios não cahem de uma só vez ; a historia mostra que começam a alluir-se cahindo fragmento por fragmento ; as enfermidades, as proprias epidemias começam por symptomas precursores. Ferreira Vianna accentuou que aquelle abandono parecia desprezo pelas instituições. « Parece que já assistimos, disse S. Ex., aos primeiros funeraes das instituições do paiz. »

Na sessão de 8 de Junho de 1885, Rodrigo Silva, vindouro referendario da lei de 13 de Maio de 1888, concluiu vehemente discurso com estes trechos, transcriptos fielmente dos *Annaes*: « si, depois de mais



de meio seculo de esforços, de lutas e de immensos sacrificios, chegámos a este estado deploravel do systema que nos rege, com razão aquelles tres representantes da idéa nova (apontando para os tres deputados republicanos) podem perguntar-nos com um sorriso de esgarceo nos labios: o que tendes obtido dessa forma de governo que julgaveis dever ser neste paiz a unica garantia da ordem politica, e tambem a unica garantia da estabilidade para todos os direitos e interesses sociaes? (*Muitos apoiados*). Eu não responderei a essa pergunta. Direi apenas aos directores do partido liberal do meu paiz: não elevem uma estatua á liberdade dos negros sobre as ruinas das nossas instituições. Termino dizendo que é caso de se exclaimar como o eminente parlamentar do tempo de Carlos X: Nada mais nos resta a fazer aqui. Vamos para nossas janellas ver passar os funeraes da monarchia! ».

O orador foi muito cumprimentado. O ministro do Imperio presente, Meira de



Vasconcellos, ouviu tudo isso, sem o mínimo protesto.

Realizada a abolição, recrudesceram as manifestações sympathicas á republica. Camaras Municipaes entraram a enviar ás Assembléas Provinciaes representações pedindo a convocação de uma Constituinte que resolvesse sobre a forma de Governo. Iniciou o movimento a de S. Borja, no Rio Grande do Sul. O Governo mandou suspender e responsabilisar os vereadores, porque o acto delles importava um desacato ás autoridades constituídas e uma subversão das leis fundamentaes do paiz. O povo de Santos, em S. Paulo, adheriu á moção da Municipalidade de S. Borja. As Camaras de S. Simão, S. Vicente, Campinas, Itatiba e S. João da Boa Vista, todas em S. Paulo, votam moções analogas á do Rio Grande Sul. Processados os vereadores, por ordem do Governo, não os pronunciou o Poder Judiciario. Esses factos deram lugar á minha referida interpegação de 6 de Junho de 1888, em



resposta á qual o ministro do Imperio, Costa Pereira, não articulou uma palavra em defesa da monarchia.

Apurada a legalidade das representações das Camaras Municipaes sobre a forma de Governo, principiaram ellas a dirigir-se directamente á Assembléa Geral. Adoptaram essa norma de representação as de Pirahy e Rezende, do Rio de Janeiro, a de Limeira, S. Paulo, as de Ouro Fino, Curvello, Ayurnoca, Minas Geraes. Numerosas outras sollicitavam indemnisação pela propriedade escrava abolida. As Assembléas Legislativas do Rio de Janeiro e do Maranhão representaram em identico sentido.

A 26 de Junho de 1888, o deputado Cesario Alvim, interpellou o gabinete, na pessoa do presidente do Consello, sobre si: « Attribuindo o Governo, como parecia, a despeitos e interesses feridos, o movimento republicano das provincias de Minas Geraes, S. Paulo e Rio Grande do



Sul, acreditava que, a ser mesmo assim, não ameaçava elle seriamente as instituições politicas do Imperio e a sua integridade ? »

O interpellante não fundamentou a interpeção. Respondendo, declarou o Sr. João Alfredo nada receiar pelas instituições. Replicando, affirmou o Sr. Cesario Alvim não ser attribuiavel ao despeito o movimento revolucionario que se manifestava em alguns pontos do Imperio. « Ha evidentemente no meu entender disse o deputado, uma decadencia na lavoura, na industria, nas artes; o abatimento é geral, provocando a reacção. » E concluiu, chamando a attenção do presidente do Conselho para os movimentos revolucionarios a que alludira e aconselhando-o a, por meio de reformas legais, restituir a calma, e a tranquillidade ás populações agitadas.

Nessa mesma sessão da interpeção o Sr. João Alfredo disse o seguinte: « Mas voltemos ao movimento republicano de



que tanto se fala. Senhores, essa republica é um desabafo de desgostosos, é a explosão de espiritos impacientes e aterrados que veem na mudança de forma de Governo um remedio a males, cujas proporções exageram. Mas si a revolução vier, invencivel e triumphante, pergunto ao nobre deputado : o que ha de fazer o Governo ? Que providencias ha de tomar ? Não consentir na manifestação livre da opinião ? Não é possivel ; o Governo não o faria, e o nobre deputado não o consentiria. Impedir a organização de clubs e sociedades dentro dos limites da lei ? Tambem o nobre deputado não fal-o-hia e não ha de querer que o Governo o faça. Levantar já o exercito, chamar as reservas ás armas, para combater uma republica em embryo ? E' melhor dizer que cresça, e depois ver-se-ha com quem teremos de cruzar as nossas armas, ou de ajustar as nossas contas. »

Esta ultima phrase deu lugar ao celebre — *cresça e appareça* tão increpado a



João Alfredo. Não foi elle quem o proferiu. Foi o deputado João Penido quem lhe completou o pensamento, pronunciando em aparte o — *cresça e appareça*. João Alfredo accrescentou: « Porque, afinal, desde que esta questão se agitar tambem nas classes mais importantes, pertencendo nós á escola da soberania popular, base em que se funda todo o nosso direito politico, creio que nem eu, conservador monarchista, nem o nobre deputado, monarchista liberal, quereremos soffrear a opinião nacional, realmente manifestada em maioria. »

A 6 de Setembro do mesmo anno de 1888, recusou-se Monteiro Manso a prestar juramento, determinando, como já vimos, a reforma do regimento da Camara. Na discussão dessa reforma, declarou Joaquim Nabuco que « a monarchia estava na sua phase de completa tolerancia. Alguem talvez diria — phase de dissolução, porque as instituições que não se defendem, abdicam. »



A 11 de Setembro, a proposito ainda da reforma regimental, Cesar Zama desta arte se exprimiu: « Emquanto o ministerio 10 de Março governar, o partido republicano ha de progredir. » O Sr. João Penido atalhou: « Ha de progredir, a despeito d'elle e de qualquer outro. » Cesar Zama fechou deste geito o seu discurso:

« O que ha de manter a lealdade dos brasileiros para com Sua Magestade o Sr. D. Pedro II ha de ser o procedimento de Sua Magestade com os seus ministros.

Nas mãos d'elle é que está manter a instituição monarchica que aqui para nós vai muito abalada. (*Apoiados e não apoiados*). Deixem o honrado presidente do conselho rir-se, brincar e dizer aos republicanos que cresçam e appareçam; elles já estão apparecendo, elles já vão crescendo. E praza a Deus que o orador seja um falso propheta: no dia em que o venerando Monarcha que nos rege fechar os olhos, talvez não se possa firmar o terceiro reinado (*Muito bem*). »



Muitas outras manifestações similhantes a estas encontrará quem respigar nos *Annaes*. Colhi apenas as mais salientes. Martinho Campos asseverou uma feita que se envergonhava de ser monarchista. Joaquim Nabuco affirmou noutra occasião haver mais coragem no Brazil em ser alguém monarchista do que republicano. No Senado dava-se o mesmo. O senador Silveira Lobo declarou-se francamente republicano, sem renunciar a sua cadeira. Na ultima eleição senatorial effectuada em Minas, veio, com enorme votação, na lista triplice apresentada á escolha imperial o nome do republicano Joaquim Felício dos Santos. Viva, pois, se tornara a convicção de que a republica não tardaria. Nas denominadas fileiras monarchistas, a fé e o enthusiasmo haviam geralmente desaparecido.

De ha muito se cogitava na possibilidade de republica. Todavia, não falta quem lhe attribua o triumpho exclusivamente aos suppostos erros do ministerio



Ouro Preto. Quem percorrer os *Annaes* sentirá o lento caminhar da idéa, cuja victoria podia ser adiada, ou encaminhada a ponto de não produzir grandes males, mas era fatal.

Contribuiu decididamente para essa victoria a indisciplina do exercito. No ministerio Paranaguá, deu-se o primeiro caso grave de indisciplina, o do Coronel Frias Villar, superado pela energia do ministro da guerra Carlos Affonso. E lembre-se, em honra da opposição conservadora da Camara, que nenhum de seus oradores eminentes tentou então explorar o conflicto. Apenas Escragnolle Tauway, Duque Estrada Teixeira e poucos outros, sem apoio de seus correligionarios, atacaram o ministro. Defendeu-se Carlos Affonso cabalmente e a opposição não insistiu.

Em 1886, o deputado Simplicio de Rezende verberou da tribuna o então Coronel Cunha Mattos. Este official, hoje general de divisão reformado, e seu collega



Senna Madureira, vieram retaliar na imprensa, sustentando defenderem uma prerrogativa das classes armadas: o direito, garantido por lei, de manifestar nos jornaes seu pensamento. Senna Madureira, muito prestigioso entre os camaradas, defendia-se de increpações feitas no Senado. Alfredo Chaves, ministro da guerra, mandou reprehendel-os, considerando illegal e contrario á disciplina o apparecimento delles nas folhas publicas. Ordens e circulares se expediram no sentido de se firmar esta doutrina. A questão repercutiu nas guarnições das provincias, sobretudo nas de Porto Alegre e Rio Grande, onde estacionavam forças numerosas. Numa reunião em Porto Alegre, á qual compareceram officiaes de todas as patentes, levantaram-se vehementes protestos contra os actos do ministro, declarados attentatorios da dignidade militar. Deodoro da Fonseca, commandante de armas e vice-presidente da provincia, em exercicio, não só tolerou a reunião, como



se lhe mostrou vivamente sympathico. O conflicto tomou largas proporções. O presidente do conselho barão de Cotegipe reconheceu-se sem força para impedir o movimento, ameaçador das proprias instituições. Deodoro, aos poucos subindo de tom, manifestou-se, em correspondencia official, solidario com os seus camaradas. Um verdadeiro *pronunciamento*.

Substituido nos cargos que exercia, vem Deodoro para o Rio. Consultado sobre os avisos expedidos pelo ministro Alfredo Chaves, o Supremo Conselho Militar acoima-os de inconstitucionaes. Deodoro, tendo como secretarios José Simeão e Senna Madureira, preside a uma avultada reunião (2 de Fevereiro de 1887) num theatro, reunião composta de officaes superiores e subalternos, na qual, após violentos discursos, resolve-se exigir a nullificação das reprehensões infligidas a Cunha Mattos e Senna Madureira, á vista da decisão do Supremo Conselho Militar. Deodoro escreve com esse intuito



energicas cartas, quasi intimativas, ao Imperador. Abre-se a Assembléa Geral no meio dessa crise.

Depois de acre e commovente debate no Senado entre Cotegipe e o marechal Visconde de Pelotas, resolve aquella corporação convidar o Governo a tornar sem effeito as reprehensões determinantes da collisão. Cotegipe cede, confessando soffrer assim alguns arranhões na dignidade governamental.

Em fins de Fevereiro de 1888, por motivo da prisão pela policia de um official de marinha reformado e doido, chamado Leite Lobo, trava-se disputa entre a armada e a força policial. Cotegipe se retira, por não querer sacrificar o chefe de policia Coelho Bastos. Vem João Alfredo, o qual por seu turno arcou com uma questão militar, provocada pelo incidente occorrido entre o batalhão 17º estacionado em S. Paulo e o chefe de policia desta provincia. O commandante e os officiaes do batalhão protestaram



pela imprensa contra o procedimento desse chefe, Dr. Cardoso de Mello, penetrando no quartel, sem as formalidades devidas, afim de pessoalmente tomar conhecimento de uma briga entre praças de policia e de linha. O batalhão é removido para o Rio, o que occasiona manifestações populares dirigidas pelos proceres republicanos Campos Salles, Rangel Pestana e Bernardino de Campos. E' demittido, por outro lado, o chefe de policia, Cardoso de Mello.

Preoccupado com a excitação dos militares, deliberou o Governo remover boa parte delles, commandada por Deodoro, para Matto Grosso, sob pretexto de ameaçarem rompimento as relações da Bolivia com o Paraguay. Em 1889, o ministerio Ouro Preto, attendendo á requisição do seu ajudante general do exercito, Floriano Peixoto, no qual depositava illimitada confiança, e acreditando satisfazer a Deodoro que se manifestava desejoso de voltar, annuo ao regresso da força



expedicionaria. Pouco depois de chegada ao Rio, fez ella, de accordo com os chefes republicanos, o 15 de Novembro.

Das quatro questões militares,— a de Frias Villar, a de Cunha Mattos-Senna Madureira, a de Leite Lobo, a do batalhão 17º,—só a primeira se discutiu com alguma latitude na Camara. As outras, occorridas no interregno parlamentar, occuparam de preferencia a attenção do Senado. Não me cabe, pois, expol-as minuciosamente.

Os republicanos impacientes exploraram constantemente a insubordinação militar. O governo provisorio de 15 de Novembro denominou-se — constituido pelo exercito e a armada, em nome da nação. Dahi a repugnancia á republica por parte de tantos distinctos compatriotas, dahi em magna quantidade os males produzidos por ella. Começou mal, trazendo em si o germen da morte; começou pela trahição, pela violação de principios que não perdoam violações. Si a republica era



realmente a aspiração do povo brasileiro ,
não houvera sido difficil conseguil-a de
maneira nobre, e de consequencias menos
funestas para o Brazil, como se conse-
guiu a abolição.



XVI

A ultima sessão da Camara na monarchia

Effectuou-se a 15 de Novembro de 1889, depois de triumphante a sedição militar que destruiu as instituições imperiaes. Nenhum jornal fez menção della; não foi lavrada ou desapareceu a respectiva acta; nada consta dos *Annaes*. Entretanto, não deixa de ser interessante o que occorreu.

Achava-se a Camara em trabalhos preparatorios. Eleita a 31 de Agosto, para substituir a que o ministerio Ouro Preto havia dissolvido, reuniu-se pela primeira vez a 2 de Novembro, dia de finados, o que a muitos pareceu mau agouro. Devia installar-se solememente a 20 de Novembro. As eleições tinham-se realisado sem conflictos nem violencias,



de sorte que muito placidas correram as sessões preparatorias.

Haviam sido eleitos varios opposicionistas conservadores e republicanos. Conservadores — Olympio Valladão, Alfredo Chaves, Domingos Jaguaribe, Gomes de Castro, Francisco Bernardino, Pedro Luiz Soares de Souza, Araujo Pinho. Republicanos — Carlos Justiniano das Chagas e Gabriel de Almeida Magalhães. Silva Jardim não concorrera por poucos votos a segundo escrutinio, e fôra disputar o diploma perante a commissão verificadora de poderes. Desses opposicionistas alguns já se achavam reconhecidos. Um delles, Alfredo Chaves, encetara a campanha contra a situação, formulando a 12 de Novembro vehemente protesto sobre materia eleitoral. Não era, pois, uma Camara unanime como, por ignorancia ou má fé, vivem a assoalhar os adversarios do gabinete Ouro Preto.

Na manhã de 15 de Novembro, depois de haver tentado em vão penetrar no



Quartel General e de ter estado na Repartição da Policia, a me informar dos acontecimentos, parti ás 11 horas e meia para onde o dever de deputado me chamava — o edificio da Camara. Foi meu companheiro de bond o meu collega conselheiro Alfredo Chaves, ex-ministro da guerra, que se mostrou reservado na apreciação dos factos. Afigurou-se-me que, como conservador, elle mais considerava a queda da situação liberal do que a da monarchia. Havia pouca gente nas ruas que percorremos. Lia-se nas physionomias surpresa e susto. No bond, commentavam-se os successos, aliás ainda mal conhecidos nos seus pormenores, em voz baixa e com attitudes cantelosas.

Encontramos, Alfredo Chaves e eu, no recinto da assembléa, uns vinte representantes da nação. Lembram-me apenas os nomes de Barbosa de Alneida, Custodio Martins, Zama, Aristides Spindola, Padre Castello Branco e Francisco Sá. Este ultimo, mineiro, mas representante do



Ceará, por onde tem sido eleito igualmente sob a Republica, esteve constantemente a meu lado.

Notavam-se alguns espectadores nas galerias e junto ás bancadas. Era normal o aspecto das cousas.

A' hora regimental, assumiu a presidencia o conselheiro Barbosa de Almeida, vice-presidente da mesa provisoria e decano dos deputados eleitos. O presidente Carlos Affonso, presidente tambem da provincia do Rio de Janeiro, achava-se retido por seu dever em Nictheroy.

Aberta a sessão, lida e approvada a acta da anterior, lido e encaminhado o expediente, approvados pareceres, reconhecendo alguns deputados, — reconhecimento que constituia a ordem do dia, pediu a palavra o deputado Cesar Zama.

Em caloroso discurso, perguntou Zama á Mesa si sabia estarem presos ministros, senadores e deputados, e si era certa a deposição do ministerio pela força militar amotinada. Mostrou as tristes con-



sequencias que adviriam do attentado, e opinou que á Caniara cumpria tomar energica resolução a respeito.

Desenvolveu ponderosas considerações, no meio de respeitosa attenção, cortada de vibrantes *apoiados*.

Respondeu por parte da Mesa, declarando nada constar a esta, o primeiro secretario Aristides Spinola. Levantou-se a sessão.

Nisto, ouviu-se na rua grande rumor. Cresceu e approximou-se o rumor; os circumstantes abandonaram os seus lugares, correndo para as janellas. (1)

Era um batalhão que desfilava em direcção ao Arsenal de Guerra, precedido e acompanhado de immensa mó de gente mal trajada. Provinha de tal gente a

(1) A narrativa neste ponto differo um tanto da que por mim foi publicada no *Correio da Manhã* do 22 de Junho do 1901. E' que o Dr. Aristides Spinola forneceu-me, depois da publicação, indicações sobre incidentes que me escaparam, ou dos quaes me não recordava.



vozeria indistincta. O batalhão trazia desfraldada a bandeira imperial.

Ao enfrentar a multidão com a Camara, vendo nas saccadas varios deputados, suppoz naturalmente que se iam proferir discursos. Estacou ; fez-se silencio. Então, Cesar Zama debruçou-se na janella, e, com largo gesto, gritou :

— Viva Sua Magestade o Imperador !

Parte da multidão, a maior, correspondeu ao viva. A outra parte permaneceu calada. De repente, ergueu-se dentre ella um brado :

— Ataca a Camara !

A esse brado, produziu-se um movimento de panico entre os deputados e mais pessoas agglomeradas ás janellas. Fugiram quasi todos em varias direcções.

Ficamos cinco ou seis.

Na rua, a multidão hesitava. Mas soaram vozes de commando no batalhão.

A musica tocou. Os soldados puzeram-se em marcha ; o povo seguiu.



No grupo de deputados restantes, ainda se debateu rapidamente a possibilidade de um protesto da Camara.

— Mas nós estamos apenas em sessões preparatorias, — objectou um delles, — nada poderemos praticar regularmente.

— Somos os eleitos da nação, — retrucou Francisco Sá, — a maioria já foi reconhecida; achamo-nos na plena posse das nossas prerogativas constitucionaes: podemos e devemos agir.

Estas palavras não encontraram echo. A sala se esvasiara. Compreendi que meu lugar não era mais alli. Acompanhado de alguns amigos, dirigi-me para o Quartel General. Ao passar em face do café do Globo, avistei, na mesa contigua á porta, um sujeito de S. Paulo que, dias antes, se me apresentara munido de numerosas cartas de recommendação em prol de uma pretensão que nutria perante o ministerio Ouro Preto. Como fosse um tanto suspeito a este, excedera-se em manifestações de dedicado applauso



à situação e, sobretudo, ao Presidente do Conselho.

— « Seu illustre pai, — exclamara ao despedir-se, apertando-me com força ambas as mãos, — póde contar em tudo commigo, especialmente na sua gloriosa campanha contra os inimigos da Patria! »

Os inimigos da Patria eram os republicanos.

Na mesa do café do Globo, o sujeito e dois companheiros empunhavam copos de cerveja, muito excitados. Ao dar commigo, desviou elle os olhos sem me cumprimentar. Soltou depois um estrepitoso — *Viva a Republica!* — que os companheiros secundaram timidamente. Foi o primeiro adhesista que vi e a primeira saudação ao novo regimen que escutei.

Mas o que desejo assignalar é que o derradeiro discurso proferido na tribuna da Camara monarchista, consistiu num vehemente protesto contra o levante militar victorioso.



Diante da tropa insubordinada, prestou um deputado intrepida homenagem ao magnanimo Sr. D. Pedro II.

Quão diversamente passaram-se as cousas no Senado!

A 16 de Novembro, indagando o Sr. Conselheiro Correia si constava estarem presos Senadores, declarou o Presidente Paulino de Souza que nenhuma communição tinha a Mesa para responder á pergunta, pois as unicas noticias que conhecia eram as publicadas nas folhas do dia, as quaes não cabia a elle, Presidente, repetir da cadeira presidencial. O visconde de Lima Duarte ponderou então que os jornaes relatavam acontecimentos gravissimos, e inquiriu si não seria conveniente que o Senado tomasse qualquer providencia ou dêsse qualquer demonstração sobre os factos que estavam occorrendo.

O Sr. Paulino de Souza replicou com estas palavras:

« O Senado está em sessões preparatorias que se abrem com qualquer numero,



ainda que insufficiente para deliberar. Mantendo hoje, como sempre, a estricteza legalidade constitucional e observando o regimento, como me cumpre, não posso consentir debate que não seja restricto á constituição desta Camara». Nada mais havendo a tratar-se, S. Ex. convida os Srs. Senadores para se reúniem no dia seguinte, ás horas do costume.

E' o que consta da acta. Achavam-se presentes 22 Senadores: Paulino, barão de Mamanguape, Gomes do Amaral, Castro Carreira, Christiano Ottoni, visconde de Lima Duarte, marquez de Paranaguá, Meira de Vasconcellos, visconde de Tau-nay, Pereira da Silva, barão de Mamoré, Correia, Fausto de Aguiar, Leão Velloso, visconde de Jaguaribe, Saraiva, Luiz Felipe, Soares Brandão, visconde de Assis Martins, visconde do Serro Frio, visconde do Cruzeiro e visconde do Bom Conselho, — dos quaes 2 ex-presidentes do conselho, 13 ex-ministros e 5 conselheiros de Estado. A sessão durou 10 minutos,



levantando-se ás 11 horas e 40 minutos da manhã.

Vinte e quatro horas antes fôra deposta a monarchia. O *Diario Official* do dia estampara a proclamação e os primeiros decretos do governo provisório constituído pelo exercito e a armada, em nome da nação.





XVII

O parlamentarismo no Brazil

O parlamentarismo foi no Brazil uma lenta conquista do espirito publico, jámais consagrada em lei. Estribava-se no direito costumeiro, não no direito escripto.

Segundo os publicistas, regimen parlamentar é aquelle em que a Camara, representante immediata da nação, exerce preponderante influencia sobre a marcha dos negocios politicos. Nesse regimen, o ministerio não passa de uma delegação da maioria da Camara popular. Sem o apoio da maioria, não póde o ministerio conservar-se no poder. Entre os membros da maioria, deve o chefe do Estado escolher os seus ministros, preferindo os indicados por sua capacidade e prestigio, os que se salientaram. Posto em minoria na



Camara, o Gabinete ou se exonera ou dissolve a Camara, no intuito de consultar a nação.

Ora, semelhante regimen não se achava estatuido na Constituição de 25 de Março de 1824, nem no Acto Adicional de 1834. O art. 9º da Constituição Imperial estabelecia a harmonia e divisão dos poderes, todos os quaes eram delegações da nação (art. 12). O art. 98 insistia sobre a independencia dos poderes, e o art. 101, § 6º determinava expressamente que o Imperador exercia o poder moderador — *nomeando e demittindo livremente os seus ministros*. Claro é, á vista destes e outros textos, que a Constituição de 1824 não autorisava o parlamentarismo.

Durante o reinado de D. Pedro I, as Camaras não influiram na politica e na administração do Estado. A Constituinte de 1823 foi dissolvida por causa da sua opposição ao Governo, cujos actos contrariava e cuja autoridade procurava cerceiar. Creadas pela Constituição de 1824,



reuniram-se pela primeira vez as Camaras Legislativas em 1826. Até á abdicação de D. Pedro I, em 1831, estiveram em antagonismo com o monarcha. Os ministros não sabiam do seio dellas. O ministerio Paranaguá que governava desde 1823 e o do visconde de S. Leopoldo, seu successor, (1827), compunham-se de homens alheios ás Camaras, ou de Senadores. E' verdade que D. Pedro I tentou duas vezes governar de accordo com a maioria da Camara, formando o ministerio Araujo Lima em 1827 e o ministerio Carneiro de Campos em 1830. Mas pouco durou esse accordo, continuando o Imperador a nomear e demittir livremente os ministros. Da revolução de 1831 foi causa occasional o facto de haver D. Pedro I organizado um ministerio exclusivamente composto de senadores, recusando-se reintegrar o ministerio parlamentar.

Em 1826, negara o Governo á Camara elementos para elaborar ella o orçamento. O ministro do Imperio José



Feliciano Fernandes Pinheiro, declarou-lhe em officio, datado de 31 de Maio, não se julgar obrigado a lhe prestar contas de seus actos, nem a lhe endereçar relatórios. Em 1827, encerra-se a discussão da resposta á fala do throno, sem que os ministros houvessem comparecido uma unica vez ás sessões e sem que uma só voz os defendesse. A propria Camara não reputava anormal o facto, a despeito dos protestos de Vasconcellos, Vergueiro, Caravellas, Paula e Souza. Os deputados correspondiam-se directamente com o Imperador, prescindindo dos ministros.

Em fins do citado anno, o marquez de Maceió, ministro da marinha compareceu pela primeira vez á sessão para acompanhar o debate da proposta do Governo relativa á fixação das forças navaes. Ouvindo censuras, não voltou no dia immediato, officinando que os seus affazeres não lhe permittiam comparecer mais. A proposta do Governo foi rejeitada.



Votou-se o primeiro orçamento de receita e despesa, o de 1828, em opposição ao ministerio. Em 1829, adopta a Camara moções de censura aos ministros e aos diplomatas do Imperador. Este encerra a sessão de modo aspero e brusco.

Depois de 1831, começa a Camara a preponderar, mas, no periodo regencial, ainda não dominava o parlamentarismo. Feijó governou algum tempo contra a maioria da Camara, e si deixou a Regencia, em 1837, por causa da forte opposição que soffria, fel-o voluntariamente. Esse anno, na discussão da resposta á fala do throno, sustentou Limpo de Abreu, mais tarde visconde de Abaeté, não ser a Camara a interprete exclusiva da confiança nacional, e defendeu a prerogativa imperial de nomear e demittir livremente os ministros. A doutrina contraria, affirmava elle, tornaria a Camara tão independente que os ministros não passariam de seus pupillos.

De outro lado, Vasconcellos, Rodrigues Torres, Honorio Hermeto propugnavam a



preponderancia parlamentar. Em contra-posição, o ministro Tristão Pio affirma, discursando na Camara, que o poder executivo, separado do legislativo, e, como este, delegado da nação, não tinha que apresentar á assembléa sinão o resultado de seus actos. Ainda em 1840, Feijó combatia no Senado a pretensão da maioria da Camara de intervir na organização dos ministerios, insistindo em que o poder executivo era independente do legislativo, não competindo ao segundo impor sua politica ao primeiro. A Constituição, argumentava o ex-regente, não reconhece o poder das maiorias, nem quer que ellas governem, tanto que confere ao poder executivo a faculdade de não sancionar as leis, e de adiar e dissolver as Camaras.

No segundo reinado, o primeiro ministerio, Hollanda Cavalcanti, foi escolhido entre os membros da minoria.

Mas, pouco e pouco, firmou-se a doutrina de que ministerio sem maioria na Camara, ou dissolvia a Camara ou se



demittia. Em 1847, (20 de Julho) cria-se o cargo de presidente do conselho de ministros, com o fim, — diz o decreto respectivo, — de dar ao ministerio uma organização mais adequada ás condições do systema representativo.

Póde-se datar dali a fixação do parlamentarismo no Brazil. O Imperador adopta a pratica de consultar o presidente do conselho demissionario sobre a escolha do seu successor. Outorga ao presidente do conselho ampla liberdade para nomear seus collegas. Com raras e profligadas excepções, só entram para o ministerio, salvo o caso de mudança de situação, membros influentes da maioria da Camara e do Senado. As Camaras intervêm em todos os actos administrativos. Os ministros prestam-lhes contas minuciosas. Ministro derrotado nas urnas, sem maioria na Camara, ou simplesmente mal visto nella, sae logo.

No meu tempo, nada menos de 6 ministros — Homem de Mello, Pedro Luiz,



Bento de Paula e Souza, Padua Fleury, Matta Machado e Machiado Portella, deixam as pastas, em virtude de insucesso eleitoral.

Em 1883, Rodrigues Junior convidado por carta do presidente do Conselho Lafayette a solicitar exoneração de ministro da guerra, recorreu ao Imperador, e S. M. lhe disse que, havia tempos, transmittira aos presidentes do conselho a faculdade de propor a nomeação ou demissão de seus companheiros.

Por fim, nos ultimos annos da monarchia, em caso de crise ministerial, o Imperador ouvia os presidentes das duas Camaras e os chefes politicos mais eminentes. De 1882 a 1885, a Camara derrubou, por meio de votação de moções, 4 ministerios : Martinho Campos, Paranaguá, Lafayette e Dantas.

Portanto, o parlamentarismo introduziu-se lentamente nos costumes politicos do Brazil, sem que o texto legal o consagrasse. Iam-se seguindo, quanto possivel,



as normas do parlamentarismo inglez. A opinião publica dominava. Ministro impopular não se demorava no poder. O ministerio do marquez de S. Vicente retirou-se em Março de 1871, em virtude da opposição da imprensa, conforme nobremente confessou o illustre estadista.

Foi um bem? Foi um mal?

O modo como se estabeleceu o parlamentarismo prova que a vontade do paiz o exigiu. Dahi a sua legitimidade. O facto de surgir agora, após 11 annos de Republica presidencial, uma forte corrente parlamentarista mostra que este systema deixou algumas saudades e produziu beneficios.

Sylvio Romero, na sua interessante monographia — *Parlamentarismo e Presidencialismo* coteja os dois regimens, realçando as vantagens do primeiro e refutando as objecções dos seus antagonistas.

Eis, resumidamente, os argumentos do illustre publicista:



O parlamentarismo seguiu a sua evolução, dotando a Gran Bretanha do Governo mais livre existente sobre a terra, e repercutindo nos povos progressistas e liberaes. A Hollanda, a Belgica, a Suecia, a Italia, a França, a Hespanha entraram no grande cyclo dos governos de discussão, de responsabilidade, de vida ás claras, governos de opinião.

Os ministros, membros da Camara, e dirigindo os trabalhos legislativos, melhor conhecem as necessidades, as difficuldades do governo ; veem mais lucidamente que os outros quaes as leis urgentes. E' sob a sua responsabilidade que vão ser executadas as medidas votadas ; terão cuidado em prevenir as inconsideradas e perigosas.

Levados ao poder pela maioria da Camara, tem escrupulo os ministros em se conservar nelle, quando essa maioria os abandona. Basta o mais leve signal de desconfiança para que se retirem. Personagens considerados, chefes obedecidos,



oradores admirados, fazem questão de honra em que não se lhes diga duas vezes que deixaram de agradar. Em caso de dissidencia, a resolução dos conflictos não se demora. Os ministros, desautorados por um voto contrario, demittem-se ; cedem o lugar aos representantes de uma opinião mais conforme á da maioria ; a harmonia reina de novo entre os poderes. E' um mecanismo infinitamente sensível.

No parlamentarismo, o Governo tem o recurso de appellar para o paiz e indagar das preferencias populares. Segundo Laboulaye, a responsabilidade ministerial, como existe na Gran Bretanha, é uma garantia mais efficaç de *governo popular* do que a mór parte dos systemas organisados pelas constituições inventadas ha sessenta annos. O systema constitucional dos ministros responsaveis é muito mais republicano e apresenta menos inconvenientes do que o systema dos Estados Unidos. E' um systema mais verdadeiro, mais franco, mais democratico, pois, todas as



vezes que uma difficuldade grave se produz entre os poderes, appella para o povo e este decide a questão.

O parlamentarismo em sua formula completa, é producto historico mais recente do que o presidencialismo, porque, na sua radical integração, é filho dos ultimos annos do seculo 18.º e primeiras decadas do 19.º No regimen parlamentar, attingem-se as altas posições pelo prestigio, pela influencia, pela posição ganha a golpes de talento, pela superioridade conquistada a golpes de saber. O ministro imposto pela representação do povo é outra figura, ostenta outro porte, porque sabe ter atraz de si, para o segurar, a força incontrastavel da opinião.

A amplidão dos debates parlamentares na Camara dos Communs ingleza abre uma larga esphera ás intelligencias, ás vistas elevadas, ás idéas novas, contribue para formar a opinião ; associa a nação inteira a resoluções largamente estudadas, abundantemente contestadas



e justificadas, diante della, e faz descer de novo de algum modo até ás massas a vida politica superior que se tinha concentrado e exaltado no parlamento.

O systema parlamentar não é perfeito, mas é menos arbitrario, menos compresor, menos abusivo do que qualquer dictadura.

As tradições mais profundas da raça aryana, desde os seus primordios, são accordes em indicar o conceito do governo com uma participação de todos na gerencia dos negocios publicos que a todos interessam. Vêde as reuniões publicas da Grecia, as de Roma, e, mais especialmente, as assembléas da idade media, de que a Suissa actual offerece ainda admiraveis exemplos. A complicação dos assumptos politicos e as difficuldades praticas da co-participação de todos nos grandes nucleos populares trouxeram a idéa de delegação. Nada mais simples, mais justo, mais logico, mais de harmonia com o intuito geral da acção governativa.



Nos sessenta e sete annos do Imperio Brasileiro, o parlamento representou, defendeu, amparou as liberdades publicas. Com todos os empeços, todas as pressões que se lhe oppunham, todas as vacillações, incertezas, abusos, — ao parlamento cabem as paginas mais fulgurantes na historia das nossas liberdades. Na legislação civil, criminal, politica, economica, não existe um só feito de valor, um só acto de importancia cuja maior parte não pertença ao parlamento. «Negal-o seria um attentado contra a verdade, um ultrage á historia, e um systematico desdem pelo espirito nacional naquillo que elle tem de mais elevado. E, quando fosse possivel tudo esconder, quando fosse razoavel o plano de systematizar a mentira, seria facil tapar a boca aos detractores, lembrando toda a epopeia da liberdade dos escravos. Não era preciso mais nada.»

Militava a favor do parlamentarismo no Brazil a experiencia de mais de sessenta annos de vida que se pode dizer



normal. Porque não morreram, nem podiam morrer, nem se atrophiaram as nossas liberdades de reunião, de pensamento, de imprensa, de ensino, de locomoção, de segurança individual, de profissão? Porque lá estava o parlamento com os seus processos de ampla discussão, de forte fiscalisação, dos actos dos governos.

O parlamentarismo, scenario de sollemnes debates, arena de idéas, dispõe da maleabilidade, do elasterio indispensaveis ao jogo politico da democracia moderna. Encarna a feição geral da vida social contemporanea ; attrahe a attenção das massas consorciando-as ao exame e á solução dos grandes negocios ; tem por si, no Brazil, a indole do povo, no que elle mostra de mais liberal, e as suas tradições no que ellas possuem de mais selecto.





cm

1

2

3

4

5

unesp

8

9

10

11

12

XVIII

Observações finais

Procurei cumprir o meu dever, da melhor maneira, durante os meus oito annos de deputação. Intervim activamente nos debates; votei a favor de todas as medidas patrioticas e liberaes; apresentei varios projectos sobre elemento servil (25 de Julho de 1883, 12 de Outubro de 1886 e 4 de Maio de 1887), no mais adiantado sentido; offereci tambem projectos sobre reforma da administração provincial (17 de Julho de 1884); considerando de festa nacional o dia da abolição do captiveiro (10 de Maio de 1888); autorisando o governo a se fazer representar officialmente na Exposição Universal de Paris em 1889 e occorrendo ás respectivas despesas, — projecto este convertido em lei



(21 de Maio de 1888); auxiliando o theatro nacional (14 de Junho do mesmo anno); abolindo a pena de morte (8 de Junho do mesmo anno); mandando effectuar o recenseamento geral do Imperio (3 de Outubro do mesmo anno). Si mais não fiz, foi, repito, por escassez de intelligencia e não de vontade.

Guardo daquelle tempo saudosas recordações. Entretanto, quando fosse possível, não volveria de bom grado á vida parlamentar. Não se coadunam com tal vida o meu temperamento, as minhas predilecções. Essas predilecções são pelas lettras, as doces e poderosas consoladoras, cujo maior beneficio é a paz que deram nas almas, no dizer de Prévost Paradol: « Sois como essas fontes limpidas escondidas a dois passos da estrada, debaixo de frescas sombras. Aquelle que ignora a vossa existencia, continua a caminhar apressadamente ou cae extenuado no caminho. Aquelle que vos conhece dirige-se para vós, refresca a fronte



e rejuvenesce o coração. Sois eternamente bellas, eternamente puras, clementes a quem volta para vós, fieis a quem vos ama...»

Eu conhecia as queridas lettras, dei-xei-as pela politica, mas regressei a ellas. Ser-lhes-hei de novo inconstante? Creio que não! Sejam-me ellas propicias, — como assegurava o poeta!

Algumas das minhas obervações pessoais naquelle periodo podem ser algo proveitosas. Vejamol-as.

Muitos homens de valor não attingem no Parlamento o devido lugar, por timidez, ou excessivo amor proprio. Receiam estreiar, ou ficam á espera de uma boa oportunidade que nunca chega. Dá-se isto com os que veem precedidos de larga nomeada. A apprehensão de não corresponderem á espectação, tolhe-os e lhes amortece as faculdades. O acertado é estreiar na primeira occasião azada, sem andar á procura della, sem escolher muito o momento e o assumpto. Perdido o medo



da tribuna, readquirida a confiança em si, facil se torna, em seguida, empenhar-se em qualquer debate. Ha muita verdade no dictado: os poetas nascem, os oradores se fazem. Com o habito da tribuna, ganha-se aptidão oratoria e se desenvolve a innata. É n'agua que se aprende a nadar e, quanto mais agua, melhor.

Prejudica tambem muitas vezes o facto de haver o novel deputado produzido grande effeito no seu discurso inicial. O temor de ficar abaixo de si proprios, de decahir no conceito conquistado, inhiibe certos oradores de insistirem na tribuna. E' o caso do celebre parlamentar inglez William Gerard Hamilton, conhecido pela designação de — homem de um só discurso, — *single-speech-Hamilton*. Deputado aos 26 annos, precedido de brilhante fama, poeta, jurisconsulto, talhado para as culminancias, falou pela primeira vez na Camara dos Communs um anno após ter entrado para ella e alcançou enorme triumpho. Proclamaram-n'o rival de Chatam.



Esse triumpho o annullou. Durante 40 annos, ali permaneceu silencioso, com invencivel cobardia da tribuna. Narram os seus biographos que o agitavam mil veleidades de se atirar á batalha dos partidos, mas, no ultimo instante, pretextava fadiga ou molestia, não debellava a nervosidade orgulhosa, e o notavel discurso annunciado perdia-se em conversas nos corredores. Funcionario, nem siquer defendia os seus actos. Timorato e inquieto, escreveu uma *Logica Parlamentar*, fructo de suas prolongadas meditações, mas não se animou a publicar a obra. Na *Logica Parlamentar*, fez a anatomia da eloquencia. Contem centenas de maximas e ponderações de que todo homem politico auferirá proveito. Jeremias Bentham, autor dos *Sophismas Parlamentares*, admira muito o tratado de Hamilton.

Nesse livro, no dos *Oradores* de Timon e em outros, colhi preceitos que vou expôr, entremeiados de reflexões individuaes. Mas a rhetorica seria facillima e



dispensavel si podesse ser condensada em pequeno numero de regras. Cumpre ao orador ser antes de tudo um espirito inventivo e criador, que saiba variar os seus processos, segundo as causas, as conjuncturas, as occasiões e as relações.

Em geral, si não sempre, os discursos decorados não calam, não causam móssa. A forma escripta diverge profundamente da forma oratoria. Para agradar na tribuna, convem certa imprecisão, certa redundancia, certas repetições, certas fluctuações e variedades de estylo que repugnam á forma escripta. Pode-se escrever o plano geral, os principaes argumentos, as imagens, quando muito o exordio e a peroração, nunca a parte expositiva e a demonstrativa. O orador deve pensar fortemente o assumpto, conhecê-lo a fundo, architectar mentalmente o conjuncto, preparar cuidadosamente os materiaes, porém empregal-os, modificando a sua disposição, conforme a situação do auditorio e as impressões que for recebendo.



Não se deve falar diante da Camara, pondera Timon, como se falaria diante do povo. O povo ama os gestos expressivos que se avistam de longe e por cima das cabeças; ama as vozes quentes e vibrantes. O recitador traz o olhar morno, o gesto falso. Nunca vibra com a assembléa. Não interrompe, com medo de que se lhe replique, não replica com medo de que o interrompam. Não sente o deus interior, esse deus da Pythoniza que agita e domina. Tem a eloquencia que se lembra e não a eloquencia que inventa. E' o homem da vespera, enquanto o orador deve ser o homem do momento. E' o homem da arte, não o homem da natureza. Finge a verdade, representa a perturbação, engana o publico, a Camara, o steno-grapho e a si proprio.

O politico que está sempre a falar da sua probidade faz desconfiar que é trahante; da sua vigilancia, que é preguiçoso; da sua gratidão, que é ingrato; da sua coragem, que é cobarde.



Não deve o orador, a toda hora, a proposito de tudo, subir á tribuna, discorrer, prodigalisar-se. Não se mostre altivo nem humilde: seja verdadeiro. Si a attenção da Camara estiver exhausta, não peça a palavra, porque não será escutado e é mortal para um orador não ser ouvido. Não fale sinão para dizer alguma cousa e não somente para que conste que falou. Enfim, reflecta que as leis vão determinar a felicidade ou a desgraça do povo, protegel-o ou opprimil-o, moralisal-o ou corrompel-o. Fale o orador como si o povo todo o escutasse, fale como si todo o povo o visse. Tenha sempre diante dos olhos a grande e veneranda imagem do povo.

A antiga definição do orador — *Vir bonus dicendi peritus* — comprova-se todos os dias. O bom orador, aquelle cujo discurso persuade e convence, não póde deixar de ser homem de bem. Só da palavra desse decorrem consequencias feçundas, salutaes e duradouras. Os scepticos, os de consciencia avariada conseguem deleitar,



arrastar mesmo, n'um dado momento, mas não inspiram a confiança necessaria ás grandes resoluções. A verdadeira eloquencia é a paixão por uma causa justa. De tres maneiras a razão se convence: pelo character do orador, pela disposição do auditorio e pela força da argumentação. A primeira é a unica segura e efficaç.

Os homens honestos, maus oradores, conseguem mais, mesmo nas assembléas avidas de eloquencia, do que os deslhonestos verbosos. O meio de influir numa vasta assembléa consiste em proceder bem, de forma a merecer acatamento. A um habil rhetorico, ouve-o a assistencia um momento com satisfação; não possua elle certos predicaos moraes e o seu discurso esteril passará como um « vento de palavras ». Um publico desconhecido o applaudirá talvez; mas na Camara todos se conhecem, reina intima convivencia entre todos; as phrases tem ali simplesmente o peso de quem as proferiu. O dextro, o geitoso, o unicamente experto, raro se



impõe. Seus serviços podem ser apreciados. Consideram-n'o uma utilidade. No fundo, desprezam-n'o.

Em politica, os principios certos são os que Paulo Louis Courier arvorava como programma : entre dois pontos a linha recta é a mais curta; o todo é maior que a parte ; duas quantidades iguaes cada uma a uma terceira são iguaes entre si ; dois e dois fazem quatro.

A franqueza, a hombridade o trabalho honrado, ainda constituem, a despeito de tantas decepções, os instrumentos mais firmes para a ascensão, para se superarem os obstaculos. Nada de impaciencias. Os trefegos e ardilosos enredam-se afinal nos proprios manejos.

Ha tambem um elemento mysterioso e importante : a boa estrella, a felicidade de cada um.

Não é se esforçando para se pôr em evidencia, açodada e inoportunamente, que o politico se salienta. Cumprindo o seu dever com escrupulo, laborando indefesso,



— sincero, sério, calmo e ponderado em tudo, angaria insensível e naturalmente consideração e prestígio. Cumpre observar para com companheiros e adversários inalterável lealdade, estricte cavalheirismo. Aos companheiros jámais prejudical-os ou intrigal-os, jámais expellil-os sem razão de ordem geral dos lugares que occupam. Impellil-os para cima, si fôr caso de os impellir. A lealdade e o cavalheirismo relativamente aos adversários não excluem a energia e a decisão no ataca-os, quando mister. Justiça sempre, em quaesquer emergencias. Nas repulsas, haja fortaleza; a reacção domine, exceda a acção. A gloria dos discursos é ephemera. A decorrente do character, da correcção em todos os actos, sobrevive.

Em summa, todas estas ponderações, cujo valor, si o têm, deriva apenas da sua cordialidade, se synthetizam na maxima do velho José Bonifacio: a sã politica é filha da moral e da razão.

Villa Petiote—Petropolis—29 de Julho de 1901.



RM

14.000



